série TORQUATO TAPAJÓS

anísio jobim

TRÊS MUNICÍPIOS AMAZONENSES

Ypiranga

APÓS quase dez anos da publicação do seu último livro, "O Amazonas, Sua História" — ensaio antropogeográfico e político —, volta o desembargador Anísio Jobim a dar mais uma contribuição, no campo da ensaística, à literatura histórica do Amazonas.

Trata-se do livro "Três Municípios Amazonenses", que o Govêrno do Estado através das suas Edições, na série **Torquato Tapajós**, vem de publicar e que, o fazendo, está certo de ir ao encontro dos estudiosos e pesquisadores do nosso passado — e também do nosso presente —, que passam a contar, agora, com mais êsses valiosos subsídios para o conhecimento mais amplo e completo da vida dêsses núcleos populacionais que compõem a nossa unidade territorial.

Autor de mais de uma dezena de livros, todos abordando temas de amazonologia, o Sr. Anísio Jobim tem a caracterizá-lo o acurado senso de pesquisa de par com o cunho de seriedade que imprime a tudo quanto escreve, o que faz dêle, entre os nossos amazonólogos de valor, uma das figuras mais representativas e probas.

Os três municípios estudados na presente obra pelo autor, são os de Barcelos, São Gabriel e Airão. De todos traça êle um substancioso resumo, onde clima, superfície, limites, situação geográfica, homens ilustres, etc. são analisados detidamente, fornecendo-nos o historiógrafo dados precisos sôbre a sua fundação, seu desenvolvimento, sua produção, seu comércio, aspecto étnico da sua população e outras informações tão necessárias a quem se dedica aos estudos da nossa formação histórica e social.

Anísio Jobim, como bem reconhece o prefaciador de "Três Municípios Amazonenses", o historiador Arthur Cézar Ferreira Reis, não é um aventureiro na matéria. Ao contrário, com ela está perfeitamente identificado, quer pela série de trabalhos sôbre outros municípios já publicados, revelando as suas boas qualidades de escritor e amazonólogo, quer pelo justo conceito em que é tido nos círculos literários mais acreditados do País.

Frise-se, por oportuno, que Torquato Tapajós, escolhido pelo Govêrno do Estado para patrono desta série, dedicada a ensaios e monografias, foi figura de destaque no cenário nacional do século XIX.

Nascido em Manaus a 3 de dezembro de 1847, desde cedo revelou grande inteligência e verve literária, havendo, em 1872, publicado o seu primeiro livro de poesia, "Nevoeiros", que lhe granjeou, logo, notoriedade como poeta, dada a firmeza e espontaneidade dos seus versos. Foi, ainda, engenheiro sanitarista, sôbre cujas atividades publicou diversos ensaios, dêstes se destacando os que escreveu acêrca de projetos de esgotos nas cidades de Niterói, Belém e São Paulo.

As Edições Govêrno do Estado do Amazonas, portanto, ao dar o nome dêsse ilustre amazonense a uma das suas séries de livros, visa, a par da homenagem que lhe presta, ampliar o índice cultural da nossa terra, incentivando as jovens vocações de escritor no exemplo dêsses valores do passado.

* * *

EDIÇÕES "GOVÊRNO DO ESTADO
DO AMAZONAS"
1965

série **TORQUATO TAPAJÓS**
Volumes publicados:

UM CABOCLO AMAZÔNICO — de Mário e Julião Ramos.

TRÊS MUNICÍPIOS AMAZONENSES — de Anísio Jobim.

A CABANAGEM — do Ten-Cel. Gustavo Moraes Rego Reis.

TRÊS MUNICÍPIOS AMAZONENSES

série **TORQUATO TAPAJÓS**

Volume II

ANÍSIO JOBIM

TRÊS MUNICÍPIOS AMAZONENSES

prefácio de

ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

AmM
981.13
J62t

EDIÇÕES GOVÊRNO DO ESTADO DO AMAZONAS
Manaus

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 0 2658
Folha:
Data:

Ilustração da capa

de

AFRÂNIO DE CASTRO

1965

Impresso nos Estados Unidos do Brasil

Printed in the United States of Brazil

índice

Prefácio 9

BARCELOS 11

Resumo Histórico 13
Situação 20
Superfície 21
Limites 21
Aspecto Geral 21
Potamografia 22
Clima 26
Reino Vegetal 27
Reino Animal 30
Reino Mineral 31
Línguas 32
Raças 32
A Família Antiga 35
Aspecto de Barcelos Colonial 38
Instrução 40
A Comarca 49
Missão Salesiana 51
Distritos 57
Produções Naturais 61
Homens Ilustres 73

SÃO GABRIEL (ex-Uaupés) 77

Resumo Histórico 79
Situação 80
Área 80
Limites 81
Relêvo 81
Clima 83
Vegetação 85
Fauna 88
Potamografia 89
Origem e Evolução da Cidade de São Gabriel 104
O Município. Divisão em Distritos e Subdistritos 108
Explorações e Exploradores do Rios Uaupés e Içana 112
Religião 115
Outros Missionários 118
A Prefeitura Apostólica do Rio Negro 119
A Prelazia Apostólica 124
Agricultura e Indústria 125
Minerais 130
População 131
Vias de Comunicação 132

AIRÃO 135

Resumo Histórico 137
Área 139
Limites 139
Orografia 139
Potamografia 140
Clima 141
Reino Vegetal 145
Reino Animal 146
Reino Mineral 147
Língua 147
Religião 147
Raça 148
Produções Naturais 148
Meios de Transporte 149

OBRAS DO MESMO AUTOR 151

prefácio

O ESTUDO da vida municipal amazonense vem sendo feito, de há muito, com singular intensidade, pelos especialistas locais que já nos entregaram monografias e ensaios cheios do maior interêsse a revelar as qualidades de escritor e de pesquisador dos respectivos autores.

Ainda há pouco, o Estado editou duas dessas memórias, uma sôbre Itacoatiara e outra sôbre Codajás. Agora é a vez de "Três Municípios Amazonenses", referente a Barcelos, São Gabriel e Airão. Trata-se de três unidades que se inscreveram na crônica estadual através de lances que as dignificaram e importaram na evidência de que seus fundadores, os que lhe manipularam a evolução como os que lhe fazem a ativação econômica, constituem fôrças atuantes no processo de formação e de dinamização do Amazonas.

O autor de "Três Municípios Amazonenses" é especialista na matéria. Já lhe devemos uma série de monografias sôbre outras unidades municipais, tôdas bem feitas e a indicá-lo como escritor de boas letras e conhecedor dos meandros do passado e do presente. Seus livros anteriores deram-lhe projeção. O de agora seguramente vai ampliá-la, porque nêle há o mesmo escritor e o mesmo pesquisador que o tempo não desencorajou ou destruiu.

Os municípios, cujo quadro e cuja atualidade investigou e propôs, são justamente dos mais antigos na vida do Amazonas. Barcelos serviu de capital da Capitania até perder a função para Manaus, na segunda década do século XIX. São Gabriel representou um posto avançado na expansão luso-brasileira pelo mundo amazônico. Foi fortificação e centro urbano. Serviu à soberania que implantou e hoje é centro político como núcleo citadino. Airão tem suas raízes nos primórdios daquela expansão. Não experimentou horas sensacionais na história regional. Mas foi, também, um núcleo que marcou o avanço processado no afã de tornar parte do ultramar português o grande espaço físico que representamos.

Em seu programa de difusão de cultura, o Govêrno do Estado não têve hesitações em divulgar "Três Municípios Amazonenses": pela excelência do autor, pelo mérito do trabalho e pelo que vale para refletir a vida amazonense nas suas melhores manifestações.

MANAUS, dezembro de 1965.

ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

BARCELOS

RESUMO HISTÓRICO — Barcelos foi uma das mais antigas missões dos padres carmelitas no rio Negro, fundada em 1728 por Frei Matias de São Boaventura.

Havendo surgido uma grave dissenção entre dois principais da grande tribo dos manaus do dito rio, Caricuá e Bacuriana, êste resolveu retirar-se com o seu povo para o Japurá. "De rixas minúsculas — escreve Capistrano de Abreu — surgiram separações definitivas; grassava uma fissiparidade constante. Tradição muito vulgarizada explicava grandes migrações por disputas a propósito de um papagaio" (1).

Em caminho, Caricuá soube que em Tefé, no Solimões, havia uma missão carmelita do padre Frei Francisco de Seixas. Para lá se dirigiu na esperança de conseguir um sacerdote, que os assistisse e os livrasse dos portuguêses. Não pôde ser atendido no momento, visto não haver um companheiro disponível, mas prometeu escrever ao seu provincial, no Pará, narrando o gesto do cacique, e pedindo-lhe a urgente presença de um padre.

Pouco depois chegava Frei Matias de São Boaventura, que seguiu para aquêle rio, e com o auxílio dos índios levantou casa e capela, entregando-se ao seu sacerdócio. Tudo ia bem a princípio. Observando o padre os costumes dissolutos dos selvagens em terem o principal e com êle os seus subordinados três e quatro concubinas, tratou de corrigí-los

---

(1) **Capítulos de História Colonial**, edição de 1934, pág. 12.

por meios suasórios, porém, vendo que êles não compreendiam, ou simulavam não compreender as suas exortações, numa das suas práticas, repreendeu-os severamente. Tanto bastou para que se sentissem ofendidos, e uma noite, numa festa na Casa de Paricá, entre danças e beberronias, assentaram de o matar ao alvorecer do dia seguinte. O cafuz Josepf Cardodo, que servia o padre, e falava a língua dos manaus, espreitando as danças por uma fresta, percebeu a conjura. Sabendo do perigo que corria Frei Matias, apressou-se em avisá-lo do plano, aconselhando a que fugissem àquela noite mesmo.

Conduzindo apenas a imagem de Cristo e alguns paramentos, o religioso, o cafuz e um rapazinho, que se lhe associou, aproveitando as sombras noturnas, em montaria ligeira, retiraram-se por um furo, que os levou ao rio Urubaxi, e dêste saíram em outro, o Inuixi, por onde, discorrendo dois dias de viagem águas abaixo, encontraram o principal Camandari, que por acaso andava a pesca. Inquerindo da presença daqueles homens, foi inteirado pelo cafuz da desgraça do padre, de sua exaustão e do temor de ver-se assassinado. Então passou-o para a sua canoa e o levou para a sua aldeia e para a sua casa, onde o apresentou a uma índia velha, que era sua mãe, a quem narrou a desdita do homem estranho, que encontrou, ao que a índia respondeu que, se Bacuriana o queria matar, êle se desse por feliz de ali ter chegado, pois ela o tomaria por filho e como tal o protegeria.

Três anos passou Frei Matias na companhia de seus novos catecúmenos, pregando e doutrinando-os, até que chegou ao Inuixi uma comissão de oficiais e do capelão da esquadra de Belchior Mendes de Moraes, que operava no rio Negro contra as hostes de Ajuricaba, ocasião em que recebeu um convite para acompanhá-los. Tão edificado ficou com o inesperado do convite, que não só resolveu

descer, como convenceu Camandari, sua velha mãe e mais principais, seus aliados, a descer, como realmente desceram.

Localizando-se no rio Negro, fundou a missão de Santo Eliseu de Mariuá, depois Nossa Senhora da Conceição de Mariuá, padroeira da igreja levantada pelo carmelita. (2)

Joaquim Nabuco, esmerilhando a origem do nome do burgo, diz que deriva do rio Marié, Miça, Meroá, afluente do Negro. (3)

A missão cresceu com índios Manaus, Barés, Passés, Caiuvicenas e outros, a que depois Frei José da Madalena juntou Banibas.

Tornou-se pelo seu florescimento residência do superior das missões do rio Negro, e da vigararia geral, criada em 1756.

Já a êsse tempo tinham os missionários construído duas capelas filiais, — a de Santana e a de São Caetano, cujas festas eram celebradas com o brilhantismo que se pode imaginar naqueles tempos.

Haviam os religiosos promovido a construção de um hospital, de um hospício e de várias casas residenciais. A população entre índios e brancos chegou a atingir a cêrca de duas mil almas.

O primeiro eclesiástico a desempenhar as funções de vigário geral foi o muito venerando e ilustre Frei José da Madalena, que sucedeu ao iniciador do burgo lamacento assentado naquelas lonjuras do rio Negro. Êste o maior padrão de virtudes e amor ao selvagem demonstrado pelos denodados catequistas.

Foi esta aldeia, desprovida de tudo, triste e humilde, a escolhida pelo Capitão General Francisco Xavier de Men-

---

(2) E' o que nos informa o dr. Alexandre R. Ferreira sôbre os antecedentes dêsse burgo, na **Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro, in** Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Vol. 49, págs. 183-185.

(3) **O Direito do Brasil**, 1944, pág. 38.

donça Furtado, Governador do Grão Pará, quando em 1752 era nomeado principal comissário e plenipotenciário das demarcações, em virtude do Tratado de Limites (13 de janeiro de 1750) entre Portugal e Espanha, para a reunião das equipes demarcadoras, que tomavam o caminho do dito rio Negro, a espanhola, pela Venezuela, Orenoco, e a segunda, a de Mendonça, Amazonas acima em vinte e cinco canoas de porte, onde embarcaram setecentas e tantas pessoas, entre cientistas, tropas, capelão e criadagem.

Essa grande expedição chega a Mariuá em 1754, sendo o irmão do Marquês de Pombal recebido com as honras do estilo. Aí demorou três anos, retornando a Belém, visto não terem chegado os castelhanos.

Em 1758 volta ao Rio Negro, e eleva a aldeia à categoria de vila com o nome de Barcelos, de uma comunidade portuguêsa. A cerimônia foi simples. Mandou abrir uma praça, levantar o pelourinho, sendo lida uma provisão alçando-a àquele predicamento. (4)

---

(4) Provisão com que Mendonça Furtado eleva a aldeia de Mariuá à categoria de vila com a denominação de Barcelos :

"Francisco Xavier de Mendonça Furtado, do Conselho de Sua Majestade Fidelissima, Seu Plenipotenciario, e principal Commissario das Demarcações de seus reaes dominios da Parte do Norte, Commendador de Santa Marina de Mata Nobre, na Ordem de Christo, Governador e Capitão General do Estado do Grão-Pará, e Maranhão, etc. Por quanto Sua Majestade foi Servida, por Sua Real Resolução, mandou erigir em Villa a Aldêa, que antigamente se chamava de Mariuá, com a denominação de Villa de Barcellos; Ordenando-me, que para elle creasse as justiças que devem servir na Camara da dita Villa; e porque nas pessoas do Capitão João Nobre da Silva, e na do Governador do rio Manoel de Vasconcellos, concorrem todas as qualidades precisas, para servirem os cargos de juizes da dita Villa; e nas do Sargento-Mór Xavier da Silva de Oliveira, Estevão Cardoso de Athaíde, e Francisco Xavier de Moraes para Vereadores; e na de Agostinho Cabral de Souza para Procurador da Camara da mesma Villa : Hei por bem nomeal-os, como por esta

Linhas atrás falamos em Ajuricaba, quando Frei Matias era convidado a descer para o rio Negro. Ajuricaba foi acusado de fazer aliança com os holandeses de Essequibo e a êles vender índios tomados às aldeias cristãs. A notícia era falsa, mas havia necessidade de estabelecer a intriga, porque êle se opunha à escravização dos seus irmãos da selva e à prostituição das suas mulheres.

O General João Maia da Gama moveu contra êle a "guerra justa", instrumento de tropelias e morticínios. Foi uma dizimação tremenda. Basta atentar que foram passados pelas armas cêrca de vinte mil aborígenes.

Devido ao Tratado de Madri entregar aos portuguêses os Sete Povos das Missões, os jesuítas se mostraram descontentes, e supõe-se que trataram de fazer abortar a demarcação.

Os do rio Negro e do Orenoco não eram insensíveis ao fato.

Araujo e Amazonas, um dos historiadores do Amazonas, atribui as revoltas de Mariuá, e depois de Lamalonga e

---

faço, nos ditos cargos, por esperar, e confiar delles que darão inteira satisfação de tudo o que concorrer a beneficio, e augmento deste novo Estabelecimento; e lograrão todas as honras, privilegios, liberdades e insempções e franquezas que os Senhores Reys de Portugal têm concedido aos Cidadãos da Cidade do Porto, na forma que Sua Majestade Ordena. Pelo que o Dezembargador Ouvidor Geral lhes dará posse, e juramento de cumprirem com as suas obrigações, antes de entrarem a servir os ditos cargos. De que se lavrarão os Termos, e Autos necessarios; e por firmeza de tudo lhes mandei passar a presente por mim assinada, e sellada com o sinete das Minhas Armas, que se cumprirá inteiramente, como nella se contem e registará nas partes onde tocar. Dada nesta Villa de Barcellos aos seis de maio de 1758, e eu Gaspar da Costa Posser que sirvo por impedimento do Secretario do Estado a escrevi". (Alexandre Rodrigues Ferreira, **Diário da Viagem Filosófica, in** Rev. I. H. G. Brasileiro", págs. 157-158.

de Moreira uma revanche dos padres contra o Capitão General.

Com o fim de receber os espanhóis condignamente, mandou reformar a aldeiola pôdre de Mariuá, levantando palácios, quartéis, habitações, pontes sôbre os igarapés que cortam a cidade, então vila, e preparar um cais de madeira, em condições de oferecer comodidade e confôrto aos comissários de Espanha. O encontro não se deu. O tratado foi nulo, bem como o subsequente, do Pardo.

A carta régia de 3 de março de 1755 criava o município e a Capitania de São José do Rio Negro, aquêle a 6 de maio de 1758, como vimos, e esta ao dia seguinte, que marca uma grande efeméride para o Estado do Amazonas atual, por ser a célula de que emanou.

Mendonça tinha terminado a sua missão na América de governador e de diplomata, dando aquilo que a sua alta capacidade de trabalho lhe permitia. Em 1759 embarca para a sua pátria, onde morre aos 68 anos de idade.

Dentre a série de governadores que teve o nôvo Estado do rio Negro, destaca-se o Coronel de Engenheiros Manoel da Gama Lobo d'Almada, auxiliar do General João Pereira Caldas, Governador do Grão Pará e chefe da nova demarcação, que se ia verificar em consequência do Tratado de Santo Ildefonso. Caldas vem ao rio Negro e reside numa casa de campo perto da vila, e vive em rigoroso regime dietético. Sofre sangrias de vez em quando. Sôbre êle pesa uma imensa responsabilidade, é o braço que dirige os trabalhos demarcatórios.

Ao chegar a Barcelos, de logo verificou o atraso em que estava a vila, vítima de ódios entre os políticos e rivalidades de interêsses. Governava uma junta, ou antes desgovernava, porque ninguém se entendia. Êle discretamente intervém e faz o rio Negro readquirir o seu ritmo normal de atividade.

Verificava-se na época um grande florescimento, que sofreu um colapso. Caldas foi a mão forte que lhe deu nôvo impulso.

Ao retirar-se foi substituído por Manoel da Gama Lobo d'Almada, que fôra nomeado governador militar das cachoeiras até confrontar com as colônias espanholas. E' homem de ação, de vontade resoluta e de talento. Explora o alto rio Negro, faz descobertas de ligações dos afluentes superiores do Negro com o Japurá e o Solimões. Reúne índios esparsos em aldeias, desenvolve a agricultura da mandioca para o fabrico das farinhas e ativa a indústria do anil, que é exportado para a Europa.

No govêrno, Lobo d'Almada tem uma função eminentemente alevantada a desempenhar — a mudança da capital, de Barcelos para o Lugar da Barra do Rio Negro, a futura Manaus. A idéia não era original, porquanto o mesmo ponto de vista tiveram João Pereira Caldas e o Ouvidor dr. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Mas êle foi o órgão, foi a vontade, foi a inteligência que dirigiu o ato, levou-o a efeito.

A Barra se transformou para receber os novos moradores vindos de Barcelos, as autoridades, o funcionalismo, parte dos comerciantes, grande parte da população e até o vigário.

Barcelos ficou desfalcada dêsse enorme contingente.

Lobo d'Almada pouco tempo perdurou na Barra.

Uma ordem estúpida vinda de Portugal, manda levar de novo a capital para o assento primitivo, infurnada no rio Negro a cêrca de 75 léguas, sentindo falta de tudo, principalmente de gêneros alimentícios. Êle é ainda acusado de enriquecer com os dinheiros públicos. Assim o fêz o espírito vil de D. Francisco de Souza Coutinho, para a Côrte.

Com a censura injuriosa êle recolhe-se a Barcelos, ferido no seu pundonor e amor próprio e lá morre a 27 de outubro de 1799.

Em 1808 a capital traslada-se efetivamente para a Barra, que em 1833 é elevada à vila com o nome de Manaus.

A mudança só podia ser prejudicial a Barcelos, onde o florescimento do aludido rio tinha nela seu principal centro.

Entrou em constante decadência, enquanto Manaus crescia e se avigorava material e socialmente.

A velha capital do Amazonas ofuscou-se por longo tempo. Um desabusado governador da capitania mandava demolir os edifícios reais desaprumados e roídos de cupim, e conduzir os materiais para aquela acrópole.

SITUAÇÃO — O município se acha situado na zona fisiográfica do rio Negro, estando a sua sede e cabeça da comarca à margem direita, a 41 metros de altitude e na posição astronômica de 0° 58'01" de latitude Sul e 62° 56' 00" de longitude W. de Green. Dista da capital 268 milhas. "Corre ao longo da costa, — diz o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — na direção Leste-Oeste; está fundada sôbre o tabuleiro superior que lhe oferece a barreira. Consta de argila avermelhada e vitriolada, a qual se acha incorporada com a areia, com a ocra e com a tabatinga. Pela ocasião da vazante, alguma areia de ferro se recolhe da praia adjacente. Da sobredita barreira anualmente desabam mais, e menos consideráveis porções de terra, à proporção das enchentes que se verificam. Para a mesma reúna igualmente conspiram as enxurradas das águas recebidas nos lagos da retaguarda da vila e de dentro dela. De cima do tabuleiro da frente se precipitam no rio, e assim vão solapando e escavando a terra da barreira". (5)

---

(5) **Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro** — Tomo XLIX — 1.° vol. de 1888 págs., 126-27.

Superfície — A área do município é de 74.472 quilômetros quadrados, segundo consta da publicação da Interventoria Federal, **O Amazonas em Números**, 1942.

A **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, em seu volume XIV, dá ao referido município a extensão de 122.333 km.2, sendo portanto maior do que o Estado do Rio Grande do Norte, com seus 52.000 km.2, que o da Paraíba, com 55.000, que o Estado de Pernambuco, com a área de 100.000 km. 2, do que Alagoas etc.

Limites — Limita-se com os municípios de Airão, Coari, Codajás, Maraã e São Gabriel (ex-Uaupés).

Aspecto Geral — Como sucede com a generalidade dos municípios amazonenses, o terreno é plano, quase igual com ligeiras ondulações, e muito cruzado de rios, paranás, igarapés e lagos, cujo número é enorme e coberto de florestas virgens.

Todo o solo é em parte enxarcado devido aos vales dos rios e bacias lacustres. Assim, não há como registrar montes ou serras; êstes acidentes vão se definir na parte superior do município, já tocando as raias com o distrito de S. Gabriel, onde aparecem grupos de serrotes de pequena altitude, denominados pelos índios de Jacamim, Mussum e Castanheiro, notando-se mais acima as montanhas do Curicuriari, mais elevadas e em parte escalvadas, formando despenhadeiros. Uma dessas serras foi escalada pelo notável naturalista Koch-Grunberg e mais tarde pelo saudoso botânico Adolfo Ducke, numa das suas viagens ao rio Negro, ao pesquisar-lhe a flora.

O rio Negro corre sôbre uma pleniplanície adiantada; daí o aspecto de uma planura infinita revestida de vegetação crêspa e bravia.

Geològicamente falando, de Barcelos para baixo, no dizer do dr. Leovegildo Coelho, encontram-se pedras de

origem sedimentária, em que predomina a cal ou argila. De Barcelos para cima a rocha que mais aparece é o psamito mais ou menos decomposto.

A formação geológica do leito do rio é de origem arqueana. O granito só se revela de Barcelos para montante.

Ocupando-se da fisiografia da bacia do rio Negro, o professor Raja Gabaglia escreve : "Geològicamente, a bacia do Negro é pouco interessante — diz o provecto geólogo Glycon de Paiva. Terrenos paleozóicos pouco abaixo da confluência do Negro com o Branco, onde há afloramentos de arenitos sem fósseis correlacionados ao siluriano e pertencentes à chamada série Trombetas ou Alexandriana. Terrenos cenozóicos, terciários são representados na bacia do Negro pela formação Manaus, denominada pelo professor Odorico Rodrigues de Albuquerque — arenito de Manaus. É uma formação estudada pela primeira vez, por Agassiz, e se caracteriza por um arenito de textura média, de cimento caulínico, branco, geralmente manchado de vermelho, consistente e consolidado com impregnações de óxido de ferro".

. . . . . .

"Nos arredores de Barcelos o Negro tem margem constituída de terra sôlta sílico-argilosa, que vai formando uma costa contínua de barreiras vermelhas, desde Vista Alegre até a bôca do rio Branco.

De Vista Alegre para montante até o Guainia, na Venezuela, o Negro deixa ver afloramentos de granito, semelhante ao das Guianas.

Potamografia — São numerosos os rios que banham o município, podendo ser apontados : o Cabori, o Baruri, o Quiuni, o Uanã, o Urubaxi, o Uaiuná, afluentes da margem direita do Negro; o Aracá, o Demeni, o Padauari, o Marauiá e o Abuará; pela esquerda.

Dêstes sulcos potâmicos destacam-se pela sua importância, o Negro, o Demeni, o Aracá e o Padauari.

Rio Negro — O rio Negro, antigo Quiari e Curana, é o maior afluente da margem setentrional do Amazonas, e um dos maiores rios do mundo. Nascendo na Colômbia, prolonga-se por 1.600 quilômetros. Com o nome de Guainia entra no território brasileiro na altura da Pedra de Cucuí, onde recebe o nome de rio Negro, e assinala a nossa fronteira com a República da Venezuela, levando daí 223 léguas até a foz. De sua base de equilíbrio até o povoado de Tapuruquara, ex-Santa Isabel, forma extensas baías de cinco e seis léguas de largura. Oferece bastantes ilhas e um maravilhoso arquipélago, o de Anavilhana, frente ao pequeno rio dêste nome.

No seu prolongamento correspondente ao município em tela, encontram-se as ilhas Uanari, Taoca, Comba, Açaituba, Conceição, Flexal e Papagaio; e os paranás de Barcelos, do Arirá e o do Pereira.

O rio Negro ao entrar no país, defronte à Pedra de Cucuí, faz uma ligeira inflexão na altura de São José dos Marabitanas, onde apresenta a altitude de 60 metros sôbre o nível do mar, seguindo francamente rumo sul até a barra do Uaupés, daí corre para oeste até Tomar, voltando-se em seguida para sueste até Manaus.

Suas águas, se bem que escuras, vistas em conjunto, são finas, transparentes e, passadas ao filtro, cristalinas, de bom sabor.

O rio Negro é navegável a vapor até o pôrto de Tapuruquara, a 423 milhas da capital, e daí por diante em lanchas e motores até as cachoeiras.

Demeni — O Demeni ou Demeneni, como chamam os naturais da região, tem um curso de 664 quilômetros, indo buscar suas nascentes na vertente meridional da Cordilheira Parima.

Em 1786 foi visitado pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que se limitou a percorrer a sua parte baixa, dizendo que tem muitos paranás-mirins e lagos, dentre os quais salienta o Lago do Rei, assim chamado porque vinham nêle pescar peixe-boi os algarvios empregados no serviço para sustento dos empregados da demarcação passada.

O Demeni é rio de planalto, vencendo no seu itinerário várias cachoeiras, habitado de índios ferozes, como ainda hoje é.

Até há pouco tempo não se tinha noção verdadeira do referido rio; pensava-se que êle fôsse afluente do Aracá, êrro que perdurou por séculos. Foi sòmente em 1942 que se expungiu de nossa Geografia tal êrro, depois das explorações feitas pela Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (Primeira divisão) sob a chefia do grande brasileiro comandante Brás Dias de Aguiar.

Ficou então evidenciado que o Demeni é o rio principal e o Aracá é seu tributário.

Por ocasião dêsses serviços de exploração foram vários trabalhadores assaltados pelos selvagens.

Aracá — O Aracá mede de extensão com as suas voltas, 551 quilômetros. E' caudaloso e extenso. Entra no Demeni aos 0° 25' de lat. S. e 62° 54' de long. W. Green.

Na sua parte inferior corre por entre terras deprimidas e alagadiças, e recebe um sem número de igarapés e contribuições de lagos, e os rios Marari e Cuduruí.

O alto rio percorre uma zona acidentada : a 373 quilômetros de sua confluência com o Demeni acha-se a Cachoeira dos Índios.

Tem águas pretas, e é ainda habitado por várias hordas de aborígenes.

Quando chegou à paróquia de Barcelos o vigário Frei Manoel dos Santos Salgado, um grupo de índios do Aracá foi visitá-lo. Mas, como não entendessem o português, nem o padre a língua dêles, apenas conversaram por meio de mímicas, fazendo-lhes o sacerdote sentir que deviam trazer os filhos para batizar.

Padauari — Padauari ou Padauiri era nos tempos coloniais considerado um rio pestilencial, fama que se manteve por muito tempo.

Sendo rico de seringais, castanhais, balatais e outras essências de grande valor econômico, foi sendo explorado pouco a pouco até que se desanuviou a triste legenda de "rio da morte". As derrubadas de matas, para roçados e moradia, as entradas à procura de suas utilidades, a extração dos produtos que encerra, modificaram o ambiente nocivo e a reconhecida insalubridade.

É hoje o Padauari muito viajado, tendo em suas margens barracões e dezenas de barracas de moradores que se utilizam dos índios mansos para o trabalho de colheita de borracha, castanha e outras essências.

A sua largura média é de 100 braças, e conta no seu curso algumas cachoeiras, aliás fáceis de transpor. Seus principais contribuintes são : rio Preto, Ixié-Mirim, Marari e o seu subafluente Ariapó.

Dá notícia do Padauari numa de suas descrições do rio Negro o naturalista filósofo, dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1785, quando ali estêve e viu plantações de cacau, café, salsaparrilha e do linho cânhamo.

Clima — O clima de Barcelos é quente e úmido, saudável.

O naturalista antes citado, dr. Ferreira, o maior historiador do rio Negro daqueles tempos, dá uma impressão pouco lisongeira do clima, compara-o ao de possessões portuguêses na África, relacionando uma série de moléstias e enfermidades, que afligiam os moradores, e assinalando ao mesmo tempo a falta de higiene que havia.

Barcelos tinha um hospital feito de taipa e barro e coberto de palha, com apenas vinte leitos. Conta o referido historiador que um dia chegou uma praça vinda do quartel de Ega (Tefé) atacada de lepra, e que, por se tratar de moléstia asquerosa, e não poder estar entre os outros doentes, fêz-se à pressa no quintal um tijupar, onde o enfêrmo foi recolhido.

Verificou-se um caso de beribéri, que o cirurgião dr. Antônio Joseph Braga explicou ser o primeiro a aparecer no rio Negro.

Alexandre Rodrigues Ferreira, que dá uma impressão desfavorável, como já foi dito, do clima, diz que mal se poderia viver nos meses de verão se não fôssem os ventos alíseos, que sopram do mar, desde os fins de agôsto até os de dezembro.

Escreveu o dr. Torquato Tapajós que nada se sabe modernamente do seu movimento meteorológico, que nos garanta a fixação de médias. "Apenas no rio Negro conhecemos — diz êle — as observações do padre Inácio Sermatoni, geógrafo de Sua Majestade Fidelíssima, que, por suas pesquisas em Barcelos, determinou nos anos de 1754 e 1756 as médias seguintes: — termométrica 26.°,88, e barométrica — 757,55".

"Devemos, no entanto dizer, — prossegue o dr. Tapajós — a insalubridade estudada nas causas gerais, que a produzem, não é fruto especial daquela zona; como ali a vemos,

nós a encontramos em todos aquêles lugares, em que, dadas as mesmas condições, o abandono do homem deu lugar ao pleno domínio da natureza selvagem" (6).

No inverno chove muito no rio Negro, as chuvas são frequentes e fortes, mas passageiras. Os temporais são tremendos. No verão as descargas pluviais não se fazem esperar muitos dias.

Quanto aos meteoros elétricos, narra o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira que na noite de 24 de março de 1785, um raio caiu sôbre a cruz do frontispício da igreja matriz de Barcelos. Levou uma lasca da cruz, que era de madeira, quebrou as almofadas das janelas do frontispício e fundiu tôda a sua ferragem, além de fazer outros estragos. Fenômenos da mesma natureza êle assistiu em Uaupés, atual São Gabriel.

REINO VEGETAL — É o mais variado e complexo possível, sendo certo que grande parte do município ainda está por explorar, ou não está bem conhecida. As suas riquezas vegetais, o vigor de suas matas, de suas inúmeras espécies arbóreas e arbustivas, da variedade, que encerra a flora, são um patrimônio notável de que dispõe o futuroso município do rio Negro.

O seu domo floral não é em tudo semelhante a do rio Amazonas, para o qual êle aflui no turbilhão de suas águas, pobres de sedimentos.

Os botânicos fazem sentir essa diferença por acentos inequívocos consistentes na altura mediana das árvores, e na côr verde carregada ou olivácea das fôlhas.

Dizia o dr. Spix que a floresta do rio Negro mais parece uma latada infinita, sob a qual se pode passear a vontade.

---

(6) Conferência realizada a 22 de julho de 1892, no Rio de Janeiro — **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia** — Tomo VIII — 1892.

J. Huber escreve que o que se sabe dêstes rios de águas pretas de poucos sedimentos, é que êles mostram a vegetação característica das várzeas amazônicas só no seu curso inferior, onde a influência das águas do Amazonas ainda se faz sentir, enquanto que no seu curso superior êles têm uma vegetação ribeirinha própria, sem a sucessão regular da canarana, imbaubal e mata de várzea. Acrescenta o ilustre botânico : "Como o leito dêstes rios, cavados geralmente num terreno mais consistente, é também menos variável, uma vegetação definitiva e por isso geralmente mais variada pode instalar-se nas suas beiras".

"Aqui as praias — prossegue o douto professor — muitas vêzes de areia quase pura são ocupadas por uma vegetação arbustiva, rica em espécies, detrás da qual ergue-se a mata composta geralmente de árvores não muito altas e de folhagem densa, de um verde escuro, ou ligeiramente oliváceo..." (7).

Analisando a floresta tropical, o sr. Pierre Deffontaines considera que ela constitui "um bloco vegetal em que se confundem todos os andares, tôdas as essências, tôdas as idades. Cada árvore representa uma colméia de plantas : contaram-se numa só árvore, no Brasil, 800 espécies vegetais, vivendo em comensalismo".

A explotação da mata do rio Negro tem sido intensa nestes últimos anos. As madeiras mais importantes têm sofrido uma verdadeira perseguição, as espécies mais nobres vão sendo cortadas e dêste modo os iconoclastas prosseguem na sua faina de destruição. Há indivíduos inconscientes que cortam a palmeira para retirar-lhe o cacho.

Tratando das matas tropicais, o professor Deffontaines, já citado, não deixa de exprobar essa devastação nas nossas

---

(7) **Matas e Madeiras Amazônicas** — Boletim do Museu Goeldi — Vol. I, pág. 166.

reservas florestais : — "O homem opera assim um verdadeiro desnaturamento da mata, retirando progressivamente as espécies raras. Quanto mais explotada é uma floresta equatorial, mais ela perde o valor; só as madeiras comuns se mantêm; tôdas estas garantem a reprodução por semente com facilidade tanto maior porquanto as essências preciosas são quase tôdas espécies de sombra que requerem para o seu desenvolvimento a obscuridade verde e úmida do sub-bosque (8).

Mas, não é só o homem o destruidor dessa imponente massa florestal "ébria de seiva, haurindo a vida às golfadas, de um solo estùpidamente feraz", na bela expressão do sr. Glycon de Paiva.

Vez por outra um incêndio devora trechos dessa mata magnífica. Em 1912 o fogo destruiu léguas e léguas de selvas, consumindo nas suas labaredas muitos seringais virgens e castanhais. Descuido de algum seringueiro ou castanheiro, na preparação de sua refeição frugal, determina a pavorosa catástrofe.

Descrevendo a floresta equatorial, Emmanuel de Martonne escreve que as árvores cujas raízes crescem verticalmente, constituem exceção. Existindo uma camada de terra vegetal muito pouco espêssa, as raízes dispõem-se quase na horizontal e a pouca profundidade, aparecendo os seus ramos mestres à superfície do solo como grandes cordas; os pêlos radiculares constituem um filtro na camada úmida superficial e, no entanto, estas árvores, imperfeitamente enraizadas, resistem à violência dos ventos (9).

E' que elas se arrimam umas às outras, se sustentam, além de que a profusão de cipós e lianas concorrem para o seu equilíbrio. Na mata do Amazonas há plantas, cujo

---

(8) **Boletim Geográfico** — junho de 1949 — Ano VII, n.º 75.

(9) **Geografia Biológica** — Lisboa, 1954, pág. 163.

raizame é uma esdrúxula e formidável armação, uma conformação esquisita.

Os aspectos do manto vegetal são diversos, apresentando tonalidades de côres e perspectivas admiráveis.

A mata do rio Negro deixa ver espaços onde predominam árvores raquíticas, enfezadas, baixas, espinhentas e capins, são os trechos chamados "campinaranas", caatinga, que Adolfo Ducke só foi encontrar semelhante em São Paulo de Olivença, no Solimões.

A floresta inundável é o igapó, que o caboclo denomina mato alagado. Aí vivem plantas que gostam de sombra, de meia luz. O igapó forma um ambiente de semi-obscuridade, onde entre diferentes espécies de plantas vicejam as lindas orquídeas, de que o rio Negro é abundantíssimo.

As plantas, e muito particularmente as plantas terrestres, diz De Martonne que vivem fixas no solo, estão muito mais estritamente submetidas às exigências do meio do que os animais.

REINO ANIMAL — Todos os animais que constituem a fauna da bacia amazônica são encontrados em Barcelos. No domínio da Ornitologia o rio Negro possui verdadeiras jóias aladas, pássaros e aves das mais variadas côres.

Viajando pelo rio, no entanto, não se os vê com a mesma frequência e em numerosos tipos como no Amazonas e Solimões, nem se ouve aquela gritaria, aquêles acentos, aquêle golpear, aquêles gorgeios, que ferem os ouvidos, no verão, em que as praias do Solimões fervem de gaivotas, cortam o ar outras aves e nas beiradas pousam tranquilamente os pesados maguaris, de pescoço recurvo, os quais soltam brados estridentes de vez em quando.

No rio Negro não se logra ver uma ave ou um pássaro desferindo os seus trinos, os seus cantos, se não de longe em longe, numa das exaustivas curvas do rio, nas ilhas ou nalgum estirão monótono. Pode-se distinguir nessas paragens

alguma garça pensativa, o vulto desengonçado do jaburu ou a alegre arara de côres deslumbrantes varando o céu.

No domínio da Ornitologia a variedade de espécies é notável, e o que é mais, as plumagens de muitas aves e pássaros são verdadeiros espetáculos de côres, de combinações de colorido, do furta-côr das penas, de urupígio, as mais berrantes como dos mais sóbrios. O pássaro da serra já existiu em Barcelos, tendo de lá desaparecido à fôrça de ser caçado, e indo habitar as serras do alto rio Negro e do Branco. Nas rochas desnudas do Içana e outras paragens êles se exibem na refulgência de sua maravilhosa roupagem.

O grande artista que se chamou em vida Gastão Cruls, se compraz em descrever tais entes raros e encantadores e Alfred Russel Wallace pinta o quadro de uma reunião e dança dêsses gloriosos sêres no cimo de ásperos rochedos na região do alto rio Negro.

Todos os ramos da escala zoológica estão aí bem representados, especialmente os macacos e os morcegos.

Wallace calculou em 600 espécies os peixes, que êle achou de sabor magnífico. As tartarugas são escassas.

Muitas as serpentes que habitam os rios e lagos, e se distinguem pelo tamanho e pelo veneno.

Vappeaus, que descreve as áreas dos animais no nosso país, coloca a bacia do Amazonas como tendo mais caracteres de aproximação com a das Guianas do que com as dos demais do território nacional.

REINO MINERAL — Não consta que se lavre mina em Barcelos, ou mesmo que se tenha descoberto um filão de ouro ou de qualquer outro metal nobre. Em teoria, presume-se existir no rio Padauari e nas abas da serra Tapirapecó, o ferro, a mica, a magnética e o titânio. Pedras de amolar, sim, há muitas.

LÍNGUAS — A língua falada em Barcelos e em geral nos distritos do rio Negro brasileiro é a portuguêsa. A língua geral, o nheengatu antes tão correntio, ficou inteiramente superado, e da língua geral ficou a recordação histórica.

Em verdade, ainda se fala a dita língua geral em São Gabriel, ex-Uaupés, e isto mesmo entre as mulheres, porém o português é ali a linguagem corrente nas relações humanas.

Dos diversos idiomas que se falavam no rio Negro, outrora tão habitado de tribos indígenas, só permanecem os nomes de acidentes, lagos e rios, montes, algumas aldeias e vilas.

Rocha Pombo observa que as denominações túpicas de origem brasílica tiveram de sustentar uma competição mais longa e insistente contra a língua dos conquistadores. "É incontestável — diz o historiador — que a nomenclatura indígena tem sempre a vantagem de ser fielmente descritiva. São raras as montanhas, os campos, as florestas que não contenham nomes indígenas, tanto no litoral como nas mais longínquas regiões do interior" (10).

RAÇAS — Tratando do elemento humano chamado para povoar a primitiva Mariuá, depois Barcelos, vimos figurar muitos povos bárbaros, entre os quais Manau, Baré, Passé, Caiuvicena, Iaiais, Baniba e outros. A família barcelense fundou-se com étnias diferentes, figurando em primeiro lugar e com mais densidade o gentio manso, desde cedo entrado na sociedade policiada, depois o negro, importado da África, aliás em pequena quantidade, porque os moradores eram em geral pobres e não podiam adquirí-los, e o branco. O General João Pereira Caldas franqueou mais a importação do preto africano.

---

(10) **O Tupi e o Português no tempo da colônia** — Revista de Filosofia e História — Tomo I, Fasc. IV, pág. 422.

O venerando historiador dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, nos traz ao conhecimento o entrelaçamento dessas raças com os portuguêses e espanhóis, que vieram chegando de diversas procedências.

Ia-se operar uma grande fusão dêsses extratos raciais, desaparecendo os escrúpulos e mesmo as prescrições proibitivas que haviam.

Para fomentar o povoamento o govêrno português concedeu vantagens, direitos e privilégios aos que se casassem com as índias, presenteando os casais com uma foice, um machado, um ferro de cova e alguns côvados de bretanha.

Como houvesse lei proibindo o casamento do branco com a mulher do país, taxando-o com a nódoa de infame, a autoridade reinol retirou a proibição, tornando francas as alianças, sem qualquer eiva possível.

Ordenou que os oficiais do Senado da Câmara da vila capital (*) convencessem por todos os meios os habitantes de que teriam o bafêjo, a proteção real em se casando com índias.

Lembremos que, tendo o Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado solicitado por carta aos oficiais da Câmara de Barcelos a proposta de três pessoas das mais distintas e capazes de governar as ordenanças da vila, no dito posto nomeou ao Capitão da Ordenança João Nobre da Silva, "assim pelo seu honrado procedimento, como por ter casado com a índia D. Teresa de Mendonça Melo, filha do principal Manoel Gama. Para o enorme espaço, que ocupa, a população é muito reduzida, pouco menos de cinco mil habitantes".

Sucedeu que dois séculos depois ocorresse um caso semelhante ou que tinha afinidade com os enlaces matrimoniais antigos e que o rei tinha empenho de promover em

---

(*) Criada em atendimento à fundação da Província.

benefício do povoamento. Um funcionário da Inspetoria de Índios, branco, apaixonou-se pela índia Diacuí da tribo dos Kalapalos, do Xingu.

Noivos, viajaram ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, ela acompanhada dos pais, êle para obter o consentimento de sua repartição. A licença lhe foi negada; a instituição se opusera com tôdas as fôrças. Perante tal empecilho protestou a imprensa, autoridades acharam estranha a oposição; o fato emocionou a grande cidade.

Na qualidade de Senador pelo Estado do Amazonas, em discurso de improviso no Senado, debatemos o assunto.

Essas uniões entre brancos e índias eram sempre seladas pelo sacramento da igreja. Os missionários sempre tiveram o máximo empenho de legalizar ligações ilícitas. Não toleravam o concubinato, tão comum entre os gentios, legitimando-o com o simbolismo espiritual e eterno da religião.

O outro elemento étnico foi o índio, cujo coeficiente foi mais elevado do que o preto, do qual falaremos adiante.

O aborígene ganhava pela lei de 6 de junho de 1755 a almejada liberdade, que nêle é instintiva, liberdade entretanto fantasiosa e sofismada. Mendonça Furtado permitiu que continuassem os descimentos. Regulou-se ao mesmo tempo o regime de trabalho e os seus salários de acôrdo com os encargos cometidos aos trabalhadores adultos e menores. Procurava-se evitar os abusos e explorações praticadas, as extorsões cometidas pelos interessados em usurpar-lhes os serviços, na condução de pedras, no corte de madeira e seu transporte, na lavoura, nos engenhos, nos negócios do sertão, da caça e da pesca.

Assegurou-se-lhes que, uma vez organizados em aldeias, fôssem governados "pelos seus juízes ordinários, vereadores e mais oficiais de justiça, sem que, para servirem êsses cargos tivessem impedimento algum de baixeza".

Os negros entraram em pequeníssima porção para a miscegenação que se operava, e da qual resultaram os mamelucos, cruzamento do branco com a mulher índia, cafuzos, da união dos pretos com as índias, caribocas, dos cafuzos com as pretas.

Foi com estas bases raciais que a sociedade se formou, tendo aumentado a classe dos brancos pela entrada de novos grupos de portuguêses do continente e das ilhas, principalmente do Açores, e de descendentes do ibérico.

A Família antiga — Foi a família antiga, que povoava Barcelos, composta de representantes dos elementos humanos acima, em que a maior parte era de índios assimilados à sociedade civil.

Havia isto que se chama a elite social, gente de educação, mais a européia, de costumes mais apurados, civilizada, e o grosso do povo na maioria de sangue caboclo.

O sr. Arthur Cézar Ferreira Reis, em artigo publicado no "Jornal do Comércio" (Manaus, 20 de agôsto de 1933), refere-se à pobreza e mesmo miséria que reinava na vila do rio Negro, e que fôra a capital da capitania; entretanto há documentos de que a penúria não atingia a todos. Havia os ricos, os que dispunham de recursos, que viviam em festas. Araujo e Amazonas fala de bailes, reuniões de certo luxo em Barcelos.

As mulheres apareciam trajadas decentemente, envergando vestidos de seda, bordados de diversas flôres de ouro. A saia tinha a maneira assás aberta, diz Araujo e Amazonas, para ostentação do primoroso acolchoado de sua anágua.

Calçavam sapatos de cetim. A camisa era de fina cassa, cujo bordado importava num esmêro, para alarde da agulha amazonense. Grossos botões de ouro prendiam os punhos das mangas. Cordões e trancelins de metal aurífero caiam-lhes do pescoço, e brincos de brilhantes, chispando

como fagulhas de sóis pendiam-se-lhes das orelhas. Pulseiras de súbido valor ornavam-lhes os braços. (Simá, Recife, 1857, pág. 55). Os homens usavam camisa de bretanha com seus punhos e calção de tafetá encarnado, e chapéu à moda portuguêsa (Alexandre Rodrigues Ferreira).

Dançava-se ao som da rabeca, flauta, viola e às vêzes, do violoncelo, o minueto, o lundu e o tirolês.

Fumavam cachimbo de canudo comprido. Escrevia-se com penas de patos e de ganso.

Quanto ao passadio, dizia o naturalista filósofo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, "que não deixa de refletir bem quem reflete, que, não havendo neste rio de que adquirir indigestões, maiormente durante o inverno, há que receiar por esta parte as enfermidades, que se originam delas".

E continua : "Da pesca é que em todo o ano se vive, e esta é ou de peixe, ou de tartaruga. Só pela vazante se tira a maior cópia de peixe fresco e êste ou o tiram das tapagens, ou o pescam a linha, ou o flecham, porque os moradores não usam de rêdes. Então com alguma fartura mais se vive: porque para as mesas delicadas se pescam a pescada, o mandubi, o mapará e o acará e para a gente do trabalho os surubins, os tucunarés, as raias, as pirararas, pirarucus, peixe-boi e outros peixes, ou outros animais selvagens, que se pescam ou arpoam em quantidade, quando se lhe faz a diligência. Mas tôda esta fartura não dura mais do que de verão ou da vazante, (fevereiro a julho). É certo que também de inverno se tira algum peixe fresco; porém é tão sòmente que cai nos cacuris e nas tapagens, porque, retirando-se o peixe para dentro dos lagos, internados pelas margens, onde acha o sustento preciso, não sai quanto basta para ser flechado ou pescado : supre então o salgado".

Escreve o douto observador : "O pirarucu bem salgado e sêco, é o bacalhau do Estado, assim como o peixe-boi de

Moura imita o atum do reino. A tartaruga é a vaca quotidiana das mesas portuguêsas. Come-se a sua carne cozida, assada, frita e ensopada, e da mesma maneira os seus ovos. Sendo as tartarugas do rio Negro muito melhores que as dos outros rios, são também muito raras; das que se pescam nos pesqueiros do Solimões e do Amazonas sustenta-se a tropa da guarnição da capital".

Com tão longa viagem, amontoadas umas sôbre as outras, expostas ao calor, muitas morriam e várias chegavam enfezadas e magras. Registra o notável historiador o desperdício, que havia, de tartarugas. Das 53.068 tartarugas, que desde os anos de 1780 até o de 1785 entraram em ambos os currais da demarcação da capitania, aproveitaram-se tão sòmente 36.007, e morreram 17.461.

O azeite de peixe-boi era muito procurado para tempêro. Os algarvios empregados na pesca, como já foi dito, para o pessoal das ditas demarcações, iam ao Demeni arpoar o sirênio nos lagos, escolhendo a variedade peixe-boi de azeite, por ser a mais gorda.

E' o quadro traçado pelo escritor das condições de subsistência do rio Negro, sempre tido e havido por faminto. Rio faminto em verdade êle é e continua a ser até hoje, em que se observa uma verdadeira miséria. Faminto chamou-o o insatisfeito e imortal artista Gastão Cruls nos seus painéis do Amazonas e rio Negro, que, apesar de tudo, êle adorava e não se cansou de apontar-lhes as belezas em alguns dos seus livros, inclusive o seu último **Hiléia Amazônica**, editado pela Comp. Editôra de São Paulo, em 1955, e do qual já foi tirada segunda edição (11).

---

(11) Gastão Cruls nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 4 de maio de 1888, filho do astrônomo Luis Cruls, antigo diretor do Observatório Nacional, e um dos maiores homens de ciência de seu tempo. Gastão, apesar de formado pela Faculdade de Medicina da referida ex-capital do país, não exerceu a profissão senão por pouco tempo, preferindo outros encargos. Dedicou-se à literatura, tendo publicado

O autor desta monografia teve a honra de receber a visita em Manaus do psicólogo e grande esteta, mais de uma vez, e tornar-se seu amigo. Dêle recebera uma carta antes de sua morte, dando-lhe umas tantas impressões literárias e falando dos seus padecimentos.

Outro devotado admirador dêste vasto rio foi o sábio naturalista Alfred Russel Wallace, que descreveu-lhe os belos quadros naturais.

ASPECTO DE BARCELOS COLONIAL — O Ouvidor e Intendente Geral do Comércio, Agricultura e Manufatura, dr. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, dentre os muitos que teve a capitania, geógrafo e historiador, traçou o perfil da vila. Dizendo que ela está formada sôbre três outeiros; que pelo nascente corre uma campina, em que se edificou a casa da pólvora, seguindo-se logo o aquartelamento militar, os quartéis dos oficiais, e continuando a rua à margem do rio, estavam dispostas as residências do Ouvidor, do Vigário Geral, e logo a igreja matriz, e próxima à mesma o palácio do govêrno, e nos fundos um bairro real de bela arquitetura.

Seguiam-se as casas dos moradores brancos, correndo em uma rua direita até o pequeno riacho, que banha e fecha esta vila pela parte do ocidente. Nos fundos desta rua ficavam as casas dos índios, ocupando os dois seguintes outeiros, para o mesmo rumo, dos quais saíam ruas, que desembocavam no rio. Passando o mencionado riacho em alegre situação, outro bairro de índios achava-se, chamado comumente Aldeinha (12).

---

notáveis trabalhos. Tinha verdadeira predileção pelo Amazonas, que percorreu e sentiu na grandeza de seu cenário e na pompa de suas tintas.

(12) Diário de Viagem e Apêndice ao Diário de Viagem — 1774-1775.

Fala o memorialista em "palácios de bela arquitetura", nos quartéis e armazéns, para suprir as autoridades e os hóspedes espanhóis que se esperavam. Não se refere à decadência.

Em 1786, Alexandre Rodrigues Ferreira, não incluindo os edifícios pertencentes ao rei, computava em 45 as casas dos moradores brancos e em 29 as dos índios.

Era a vila capital do Estado a mais povoada das aldeias do rio Negro, e onde se viam os mais vistosos edifícios públicos e particulares, contendo além dos velhos próprios dos carmelitas, — um seminário, um hospício, uma escola para meninos índios, outras construções que Mendonça Furtado mandara erguer e que os governadores foram consertando e pondo-as novas.

Ali se fixaram muitos sertanistas, que exploraram o rio e determinaram muitos dos seus acidentes.

O descobrimento do canal de ligação do Orenoco e rio Negro, — o famoso canal Cassiquiare, foi um dêles.

Um pugilo de sertanistas e aventureiros, ultrapassando as raias do domínio português, rumou pelo Cassiquiare, e sem o saber acharam-se nas águas do Orenoco, onde encontraram o Padre Manoel Romão, reitor das Missões jesuíticas espanholas, a qual foi por êles conduzido aos estabelecimentos portuguêses do rio Negro. O cenobita e os próprios castelhanos ignoravam a existência dêste notável canal, ou rio, até aquêle ano de 1744.

Na edificação de Barcelos aparece o engenheiro Filipe Sturn e outros desenhistas. A vila teve o seu patrimônio, que ia da parte de baixo do Cauauru, inclusive, até a embocadura do rio Marirá, exclusive, com tôdas as suas terras e ilhas, que lhe ficam pela parte do norte.

A comunidade tinha uma população de 1.153 almas · 230 brancos, 756 índios e 167 escravos. Acompanha os seus altos e baixos até 1833, quando se executou o Código de Processo Criminal de 1932.

Ao ser transferida a capital para o Lugar da Barra, Lobo d'Almada não esqueceu a velha sede e manteve as suas fábricas de tecido, as cordoalhas de piaçaba, lavoura e o mais. E' certo, porém, que daí em diante parou o seu lento andamento, e começou a retroceder, arruinando-se aos poucos, fenecendo na agonia dos poucos recursos que a minavam.

A Câmara Municipal persistiu em manter a sua dignidade de entidade governamental, mesmo quando foi transferida para a Barra, compenetrada de suas funções administrativas, o que irritou o Comandante das Armas Hilário Gurjão.

Ela ufanava-se do seu prestígio junto ao rei, que lhe respondia os ofícios e despachava favoràvelmente os seus requerimentos.

A mudança afrouxou-lhe o entusiasmo, pois rendas iam-se esvaziando e levando a pobreza aos lares. Veio uma epidemia de colerina. Os moradores ficaram sem o seu capelão, que seguiu para a Barra com o Governador, e para não morrerem sem o confôrto dos sacramentos, pediram, em abaixo-assinado ao Vigário Geral, que lhes mandasse um sacerdote.

Muitos fatôres e peripécias determinaram o profundo decaimento da vila, a braços com as necessidades mais prementes. Murchou a antiga flôr de seu progresso, apagou-se o seu luzimento de "Côrte do Sertão".

Instrução — Vimos que os carmelitas tinham em Mariuá, no hospício, uma escola de ler e escrever para instrução dos filhos dos índios, que também aprendiam algumas artes.

Mendonça Furtado, quando estabeleceu o acampamento, criou uma outra escola, que era como um recolhimento secular das índias raparigas, cuja educação confiou ao Capitão Francisco Xavier de Andrade, que já era o prefeito do colégio dos meninos indígenas.

Instruiu-as de tal modo que se mostravam perfeitas no acompanhar as missas e entoar os hinos, salmo ou motete de uso eclesiástico.

O referido capitão inventou um órgão de tabocas, que muito deu que admirar.

Rompidos os laços que nos jungiam a Portugal, e desaparecida a capitania, não eram mais lisongeiras as condições do ensino, pois quase 0,08 por quilômetro quadrado, são em geral católicos, apostólicos romanos, salvo uma restrita minoria de protestantes, e alguns filiados ao espiritismo, e outros mais rudes entregues à bruxaria que ainda existe nestes sertões, onde subsistem crenças e superstições herdadas dos índios. Os elementos mais próximos aos aborígenes é certo, não têm um culto definido, e sim um misto de cerimônias religiosas católicas e de aparatos indígenas.

O povo gosta das festas da igreja mais por divertimento do que por espírito de devoção sincera, exceção de alguma alma devota.

Recordemos que no início de sua vida social, Mariuá, depois Barcelos, tinha uma igreja consagrada a Nossa Senhora da Conceição, e duas capelas filiais, a de Santana e a de São Caetano.

A matriz, se bem que pequena, distinguia-se pelos seus móveis e alfaias, telas e imagens. Segundo uma relação dada por Alexandre Rodrigues Ferreira, constavam de uma pixide dourada, com manto de sêda de matizes agaloados de ouro, dois cálices com tôdas as suas pertenças, um relicário sem ser dourado, em que se expunha o Santíssimo, uma caixa contendo os Santos Óleos, tudo de prata dourada, mais vinte peças, entre chave do sacrário, a vara de São José, o escudo da Senhora do Carmo, e os diademas e resplendores das dezessete imagens, com a corôa, o cetro e a bandeja da festa do Espírito Santo, e um par de

galhetas com seu prato; de latão o que havia era uma corôa do Espírito Santo, a caldeirinha de asperges, o turíbulo com a sua naveta, e lâmpada do altar-mor. Havia ainda as alvas de pano de linho usadas, sendo três de bretanha, e as toalhas para o altar. Os ornamentos de damasco branco, eram uma casula, um frontal muito usado e dois véus de ombro. O pavilhão para o sacrário era de cetim branco, agaloado de ouro; o pendão era de chamalote branco guarnecido de sêda encarnada. O manto de Nossa Senhora da Soledade era de tafetá rôxo, além de outro azul. Isto, sem contar com as telas, cortinas, candelabros e tapetes. As festividades tinham um grande tom de luxo àquele tempo; a elas compareciam os vigários do rio Negro e Solimões. Distribuiam-se luzes em cascas de meia laranja, cheias de azeite de peixe-boi, com uma torcida. No dia da festa de Santana uma jangada enfestonada descia o rio, na parte fronteira a Barcelos, em que se ouvia um côro harmonioso de vozes.

Havia, segundo Alexandre Rodrigues Ferreira, quatro confrarias, a de Santana, a do Rosário, a do Santíssimo e a da Caridade. "Em quase tôda a semana — escrevia o circunspecto naturalista filósofo — se pede, porque além do que se tira para as aplicações das ditas quatro confrarias, pede-se em tôdas as segundas-feiras para as almas e para as festividades do Espírito Santo e de Nossa Senhora do Monte do Carmo, quando se aproxima". Pedia-se também para os presos.

Era costume enterrar os mortos na Igreja. "O terreno — informa o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — é muito úmido; e os cadáveres que nêle se sepultam com dificuldade se consomem; donde procede, que para sepultar uns, vem a ser preciso algumas vêzes descobrir outros, que ainda não estão absolutamente consumidos, e a atmosfera particular da Igreja se faz neste caso intolerável. (Rev. cit. — t. XLIX, pág. 133).

Constava do têrmo de vereação da Câmara, de 20 de março de 1784, que pelo procurador dela fôra apresentada uma representação do reverendo vigário da vila sôbre "a precisão que havia de se fazer um cemitério para jazigo dos mortos, porquanto os lugares das sepulturas da igreja paroquial não consomiam os cadáveres, que nelas se encerravam, pela muita umidade que havia nelas"; após os trâmites morosos de consultas e pareceres foi determinada a abertura de um cemitério, acabando-se com o imundo hábito.

Pouco menos de um século decorrido, com tôdas as alterações que traz o tempo, verificou-se, vamos dizer, um colapso de padres, uma falta completa de sacerdotes. Em 1845 o estado da comarca era precaríssimo. Estava sob a administração do Pará, e o clamor contra as injustiças e o atraso, era geral, tinha ressonância em todos os corações patriotas.

Uma testemunha insuspeita, o Coronel João Henrique de Matos, comissionado pelo Governador do Pará de verificar o estado das povoações e vilas e outros assuntos da Comarca do Alto Amazonas, escrevia :

"Em Barcelos existia uma pequena igreja construída de madeira, já desmantelada, uma casa velha que servia de residência do pároco, uma outra semelhante que servia para os trabalhos da Câmara Municipal, outra que tal em que residia e dava aula o professor de primeiras letras, que apesar de ser provido efetivo, desamparou a cadeira e retirou-se para Manaus, e algumas mais muito ordinárias pertencentes aos moradores daquele distrito, que, segundo o vigário Padre Filipe de Santiago Pinto, estavam a maior parte do ano desocupadas, porque seus donos apenas se recolhiam à vila nos dias festivos do ano (13); que a

---

(13) ANÍSIO JOBIM — **O Amazonas, sua história**, pág. 168, "Brasiliana" — Vol. 292, — 1957.

população consistia em setenta e quatro fogos, quando na éra de 1790 contava seiscentos e quarenta fogos entre brancos, mamelucos, tapuias, mestiços e pretos, e trinta a quarenta escravos, diminuindo a população, durante sessenta e dois anos, em trezentos e vinte e sete fogos; que se achava sobrecarregada na responsabilidade de mais de quatorze paróquias no alto rio Negro e três no Branco, por se acharem desprovidas de vigários, distantes de sua sede cento e cincoenta e seis dias de navegação contra as correntes do rio, às quais não era possível socorrer como pastor espiritual e desempenhar as funções de seu ministério".

Tocando em algumas freguesias e povoações, ouviu dos moradores a declaração de que, havia dezesseis anos de que por ali não passava um sacerdote. As igrejas estavam reduzidas a casas imundas, sem paramentos e tudo em ruína.

Vamos a uma incursão ao passado.

Em Barcelos, quando ainda Mariuá, em Missão dos padres carmelitanos, esteve em 1752 o ilustre Bispo do Pará, Frei D. Miguel de Bulhões, que ficou encantado com o acolhimento que teve e com a oração congratulatória proferida por uma índia dos Manaus (14).

A esta visita seguia-se muito depois a do venerável antístite Frei Caetano de Anunciação Brandão em 1784, em que percorreu tôdas as freguesias de sua diocese, de que dá as suas impressões em uma obra de dois tomos, intitulada

---

(14) D. Frei Miguel de Bulhões nasceu em 13 de agôsto de 1706, em Verdemilho, Aveiro, Portugal. A 13 de abril de 1723 êle professa na Ordem dos Pregadores; em 1746 o dominicano é sagrado Bispo de Málaga, e a 18 de maio de 1748 é transferido para o Bispado do Pará, chegando a Belém a 9 de fevereiro de 1749. Era em seu tempo o governador substituto da Capitania do Pará e Amazonas. Faleceu em Portugal a 30 de setembro de 1779.

"Memórias para a história da vida de Frei Caetano Brandão" (15).

Faz o excelso Bispo uma descrição de sua viagem, do que viu, e dos incidentes e trovoadas, que o assaltaram em caminho, das manifestações consagradoras que recebeu, e mostra o seu incontido desgôsto ao ver as igrejas em abandono, e o povo entregue ao vício da cachaça.

Diz êle, que "podendo chegar hoje (12 de novembro de 1788) à vila de Barcelos, viu-se forçado a ceder aos excessos políticos do General Comissário que me fêz entender tinha gôsto que eu chegasse no dia seguinte".

Escreve que logo pela manhã apareceu um soberbo escaler, em que vinham esperá-lo o General Comissário, e o Governador da Capitania com alguns oficiais. Foi conduzido a uma casa de campo, residência do Governador, debaixo de pálio até um belo arco, onde um dos membros da Câmara discursou, saudando-o.

"Esta vila, — escreve D. Frei Caetano Brandão — que é a capital da Capitania, está situada em plano alteroso sôbre o rio; tem alguns edifícios menos maus, e especialmente o dos quartéis dos soldados, e o palácio do general, que foi hospício dos padres carmelitas, antigos missionários de tôdas estas povoações, mas hoje se acha muito danificado; a maior parte das outras casas são cobertas de fôlhas de árvores, como as do resto do sertão; conta mil e tantas almas índias e alguns moradores brancos, sem falar nas pessoas que pertencem à real demarcação (16).

---

(15) D. Frei Caetano Brandão, depois Arcebispo de Braga, nasceu em Loureiro, Portugal, a 11 de setembro de 1740. O dia 26 de agôsto de 1782 marca a sua escolha para Bispo do Pará e a 16 de dezembro o Santo Papa Pio VI confirma a sua designação para alta dignidade. Realiza-se a sua consagração em 16 de fevereiro de 1783. Chega ao Pará a 21 de outubro daquele ano. Toma posse em 29 de outubro. Faz duas viagens de inspeção às paróquias do Amazonas, depois de percorrer mais de mil e quatrocentas léguas.

(16) A 12 de novembro de 1788 achava-se em Barcelos.

A igreja, sôbre ser pequena, ameaça ruína por diferentes partes; todavia está decente, com especialidade a capela-mor, à qual adornam muito boas pinturas em pano, e um belo sacrário; carece de ornamentos e alfaias para a digna celebração dos sagrados mistérios.

Aqui achei maior devassidão de costumes, com exceção de poucas famílias que se mostram tementes a Deus e lhe prestam tôda obediência". (**Memórias**, — Primeiro volume, pág. 321).

****

Em 1695 entram no rio Negro os carmelitas, que vinham substituir os jesuítas, de acôrdo com a nova divisão eclesiástica, e fundaram diversas missões, de que já falamos.

Em 17 de novembro de 1844, estabeleceram-se no rio Negro os padres capuchinhos, sucedidos depois pelos reverendos padres salesianos. Em 24 de julho de 1915, os salesianos recebem a Prefeitura Apostólica do Rio Negro. A antiga igreja é demolida e edificada a nova matriz de Barcelos.

Pode-se bem dizer, que a cidade de Barcelos é uma cidade religiosa.

Sob o seu altar-mor descansam vultos dos mais notáveis, que estiveram no rio Negro: o Sargento-mor Gabriel de Sousa Filgueiras, falecido a 7 de setembro de 1761, o Coronel Joaquim Tinoco Valente, que rendeu a alma ao Criador, em agôsto de 1779, e o notável engenheiro militar, grande explorador e estadista, o Brigadeiro Manoel da Gama Lobo d'Almada, cuja vida cheia de exemplos edificantes extinguiu-se em 27 de outubro de 1799. Morreu pobre, tendo feito um balanço dos seus parcos haveres.

A Freguesia ia da foz do rio Cauré até a embocadura do lago Urarirá, seguindo-se a de Tomar dêste ponto até a

barra do Mariuiní, fronteiro ao rio Marié (Miça) como determinou a Lei de 25 de junho de 1865 (17).

Quando foi inaugurada a Província do Amazonas (1.º de janeiro de 1852), só havia no rio Negro um único padre, Frei José dos Santos Inocentes, que foi soldado, monge e pároco de São Marcelino (alto rio Negro), o qual, apesar de doente, visitava as paróquias, atendia os seus deveres religiosos. O naturalista Alfred Russel Wallace, encontrou-o naquele povoado, e apoda-o de dissoluto, conquistador, um D. João Tenório. O dr. João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, parlamentar, guerreiro e estadista, dá-lhe o adjetivo de insigne. Devido ao seu estado de saúde, Frei José dos Santos Inocentos recolheu-se a Carvoeiro e depois seguiu para a capital. Era um frade inteligente, enérgico e um grande patriota, que prestou desinteressadamente serviços ao Amazonas.

No govêrno do Conselheiro dr. Herculano Ferreira Pena foi em comissão a Cucuí, em 1854, o Major de Artilharia e Bacharel em Matemática, Hilário Maximiniano Antunes Gurjão.

Diz êle que o decrescimento que se nota em quase tôdas as povoações dêste rio (Negro) é devido não tanto a falta de habitantes como a ausência, que infelizmente sofrem as freguesias de vigários, que com suas presenças obrigariam o povo a comparecer aos domingos e dias santificados nas povoações, não deixando assim suas casas abandonadas, muitas vêzes por mais de um ano.

---

(17) A propósito do rio Marié (Meriá) Mariá, diz o Cônego Penafort que é o nosso rio Miça, o nosso rio Negro, mais formoso, o simbólico rio de Maria, ou Mariay. A êste formoso rio Negro ou rio Mariano podemos apropositadamente aplicar aquela poética frase do autor dos "**Cânticos dos Cânticos**", com a qual Salomão elogiava a Maria, a mística espôsa do Espírito Santo : **Nigra sed pulchra** ! Assim tu, ó meu rio Negro, rio Quiari : "Es Niger, sed formosus : ideoque diloxit me Rex Fluviam et introduxit me in lectum suum amazonicum". (**Brasil Prehistórico**, pág. 136 — Nota).

Tratando da vila de Barcelos, vinte e quatro léguas distante de Carvoeiro, escreve que está assentada em um lindo lugar, tendo um pequeno igarapé que passa pelo meio da vila, sôbre o qual existiu uma ponte de madeira, que foi mandada demolir pela Câmara Municipal, pois o seu estado era tal que a cada momento ameaçava desabar. Barcelos estava reduzida a 18 casas, sendo 7 cobertas de telha e 11 de palha, e uma igreja de Nossa Senhora da Conceição, coberta de telha, com 112 palmos de comprimento, sôbre 42 de largura, com duas sacristias e tribunas na Capela-Mor, necessitando de reparos em suas paredes, emboçar, rebocar e caiar.

Mas quem deu um perfil completo da povoação em tela, foi o dr. Joaquim Leovegildo de Sousa Coelho, que em 1861, percorreu o rio Negro e observou o estado das povoações, em comissão do Presidente da Província. Homem perspicaz, profissional competente e interessado em ver, examinar, anotar, êle andou de pôrto em pôrto, de barraca em barraca, de lápis em punho a escrever suas impressões. Quanto à vila de Barcelos, diz que a antiga capital do rio Negro, que já possuiu um palácio dos governadores, uma casa da pólvora, um quartel, uma ribeira de canoas, uma olaria, uma fábrica de panos de algodão, um armazém real, e um hospício carmelitano, naquela época só constava de 19 casas particulares, da igreja e da arruinada casa da Câmara. Além da ponte sôbre o igarapé, chamado Pai Grande, e um outro da Ponte, os edifícios públicos eram a igreja, o cemitério e a casa da Câmara, que compreende a cadeia.

Como o cemitério estivesse coberto de mato, e não se soubesse onde começava e acabava, tinha sido abandonado, e enterravam os mortos em um pequeno terreiro que existe defronte da entrada da igreja.

O engenheiro escreve que a igreja está colocada em um dos altos da vila, e embora muito arruinada, mostra ter sido uma das principais do rio Negro em tamanho, constru-

ção e riqueza. Nesta havia três pias de mármore representando a corôa portuguêsa e de um trabalho muito bem executado. Havia duas casas comerciais, onde se encontravam os gêneros necessários à existência.

A população da freguesia de Barcelos compunha-se no mês de agôsto de 1861, de 602 pessoas, sendo 585 livres e 17 escravos; das 585 livres, são: 295 homens e 210 mulheres; dos 17 escravos havia 7 homens e 10 mulheres.

Das 602 pessoas, 597 eram nacionais e 5 estrangeiras.

Na vila de Barcelos ainda existia o pelourinho.

Leovegildo Coelho conhecia o rio Negro a palmo, sabia de todos os "cafundós" e "baiucas".

Aí esteve anteriormente, em 1854, o célebre naturalista Alfred Russel Wallace, que foi a casa de um italiano que tinha fama de ser rico, porém que não passava de um avarento; era, contudo, bastante alegre e amável. Deu-nos café adoçado com melado e insistiu para ficarmos e almoçarmos em sua companhia. O almôço foi servido em um velho barracão, que era utilizado como depósito e estava atravancado de cabos, âncoras, cordas, tonéis e garrafões. Os garfos e colheres eram de prata; um imundo guardanapo servia de toalha de mesa; tivemos como bebida uma garrafa de cachaça, e um duro mutum cozido foi o manjar que êle nos proporcionou (**Viagem pelo Amazonas e Rio Negro**, pág. 245. "Brasiliana", vol. 156).

Refere-se o naturalista a um indivíduo "de fala mole", mas que era um assassino, tendo uma enfieira de mortes e sedutor de cunhãs. Exilado de Pernambuco, devia ser Ambrósio Aires, que adotou o cognome de Bararoá.

O rio Negro foi valhacouto de criminosos e evadidos de prisões que para lá corriam.

A COMARCA — Em 1833, a comarca do rio Negro, estabelecida com a capitania, desaparecia, para em seu lugar criar-se a Comarca do Alto Amazonas (Lei de 29 de junho).

A reforma por que passou o Rio Negro, (denominação comum dada à região, àquele tempo) deveu-se à execução do Código de Processo Criminal do Império, de 1832, que, em seu têxto deixava aos presidentes das Províncias dar-lhe cumprimento, nas suas respectivas áreas. O Amazonas estava então subordinado ao govêrno paraense, e êste dividiu o seu território em três comarcas, — a do Grão-Pará, a do Baixo Amazonas e a do Alto Amazonas, com quatro têrmos. Barcelos foi confirmado têrmo, compreendendo uma enorme extensão, cujas raias iam ter às colônias estrangeiras.

Conta o General Dionísio de Cirqueira que foi companheiro de viagem de um seu coestaduano, nomeado Juiz de Direito de Barcelos, homem muito culto. Ao chegar a Barcelos foi prestar o compromisso do cargo e o fêz debruçado sôbre o balcão de uma taverna, em que residia o escrivão, a qual cheirava a cachaça e a piraém. "Eu mesmo — disse o General — fui testemunha do ato, e vi o douto magistrado assinar o livro bolorento que lhe apresentara sôbre o balcão, onde se respirava um cheiro ativo de cachaça e piraém". (**Recordações da Fronteira**, pág. 53. Rio, 1884).

A Comarca foi instituída pela Lei de 30 de abril de 1873. As suas condições sempre foram muito precárias, não só pelo clima, como pela falta de alimentação.

Durante muito tempo em Barcelos predominaram castigos muito severos, como o uso de grilhetas nos pulsos dos criminosos, o tronco, como se fazia com os negros das senzalas, e pesadas correntes no pescoço.

O autor destas linhas teve a honra de ser Juiz de Direito da Comarca, de que era sede então a extinta vila de Moura. Tendo ido a Barcelos em viagem de inspeção aos cartórios e de conhecer a então vila, vinha no vapor "Inca" que o conduziu, o santo e sábio Padre Pedro Ghislandi, diretor do Colégio D. Bosco, que ia a Barcelos convalescer, ou retemperar-se.

Chegamos numa madrugada fria, já se esboçando os róseos albores da manhã. Ao embarcar, fomos atacados de reumatismo, doença que nunca sentimos. Um comerciante de Barcelos nos levou gentilmente um vidro de remédio. Dois dias depois estávamos livres do tormentoso ataque.

Fomos visitar, na casa fronteira, Padre Pedro. Estava deitado num catre envernizado de preto, tendo ao lado ùnicamente uma pequena banca de pinho, guarnecida de uma Imagem de Cristo. As paredes nuas tinha numa delas apenas pendente um quadro de Nossa Senhora da Conceição.

Os maledicentes estão sempre a dizer que os ministros religiosos passam vida de nababo, e alimentam-se do que há de fino em iguarias. Pelo menos os de cá, os corajosos missionários de São João Bosco, que assistem no rio Negro, levam vida pobre, modestíssima, como aquêles santos varões de outrora, que se mortificavam em jejuns e prostrações.

Lá encontramos, infelizmente, em plena rua da frente os ignominiosos instrumentos de prisão e tortura, — o tronco e as correntes, frente a delegacia. Possìvelmente a cidade (18) está hoje limpa dêsses aparelhos aviltantes à dignidade humana.

Barcelos, que era tida como vila em 6 de março de 1758, teve confirmados os foros de vila em 1833 ao se dar execução ao Código do Processo Penal de 1832, mas com a denominação trocada, de Barcelos para Mariuá.

O Ato 186, de 17 de janeiro de 1931, transferiu de Moura para Barcelos a sede dos municípios do rio Negro.

Missão Salesiana — Ia-se dar uma mudança na velha e melancólica cidade fundada, há séculos, pelos frades carmelitas.

Desta vez eram os salesianos os novos apóstolos, que se internavam nas matas e rios da grande bacia da Guiana.

---

(18) Barcelos foi elevada à categoria de cidade em virtude do Decreto-lei 68, de 31 de março de 1938, que deu execução ao Decreto-lei nacional n.º 311, de 2 do mesmo mês e ano.

D. Frederico Benício da Costa, Bispo do Amazonas (19), em 1908 empreendia uma viagem ao rio Negro e Uaupés. Queria ver de perto a situação dos pobres moradores dessas cordas fluviais relegadas ao abandono. Quando voltou, trouxe uma grande tristeza no coração, o desamparo em que viviam as populações privadas de educação moral e religiosa, entregues ao vício e à crápula.

Suplicou então ao Papa que, a bem daquelas almas, criasse uma Prefeitura Apostólica, no que foi atendido, tendo o Santo Padre criado pelo Decreto da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, em 18 de junho de 1914, a instituição, cujos destinos, a pedido de D. Frederico, foram entregues às Missões Salesianas.

Para dirigi-la foi escolhido Monsenhor Lourenço Giordano, em 1916. Fixou-se em São Gabriel, centro das Missões. Tendo partido em catequese de índios do rio Padauiri, já impaludado, sentiu-se mal ao ter um acesso de febre. Pediu aos companheiros que o levassem para São Gabriel, mas não houve tempo. Faleceu em viagem, sendo sepultado no tosco cemitério do povoado São Joaquim, no rio Negro.

Com a morte de Monsenhor, foi elevada a Prefeitura à categoria de Prelazia pela Bula Pontifícia "Inter Nostri", de 1.º de maio de 1925, tendo sido designado seu diretor o Monsenhor Pedro Massa, mais tarde honrado com o título e Bispo titular de Hebron.

---

(19) D. Frederico Benício da Costa nasceu na cidade paraense de Boim, a 18 de setembro de 1875. Ordenado sacerdote em Roma, foi promovido à dignidade de Cônego e depois de Bispo de Santarém, nomeado por Sua Santidade, o Papa Pio X, tendo sido de lá transferido para a Diocese do Amazonas, de que tomou posse a 2 de junho de 1907. Renunciou a mitra em junho de 1913, seguindo para a Espanha, onde morreu na cidade de Barcelona a 25 de março de 1948.

D. Pedro Massa era o sacerdote escolhido para continuador dessa obra admirável das Missões do rio Negro e seus afluentes superiores, Uaupés, Içana e Xiari.

Criou então a Missão de Barcelos, juntamente com o Padre João Balzola, vigário geral, inolvidável educador e catequista, que veio das Missões de Mato Grosso.

Para a formação da Missão muito concorreu a Prefeitura de Barcelos, que de início doou a importância de dez contos de réis (Cr$ 10.000 na moeda moderna) e ainda fêz doação de um próprio municipal de alvenaria e tijolo, sito à praça Osvaldo Cruz, obrigando-se a Missão, representada por D. Pedro Massa, a fornecer instrução gratuita aos meninos e meninas pobres do município, de acôrdo com o Regulamento da Instrução Pública do Amazonas. Obrigou-se por parte da Prefeitura o então Prefeito, autorizado pelo Conselho Municipal, Coronel Cosme Damião de Lucena Bittencourt. Lavrou-se escritura pública, sendo tabelião o oficial Felinto Augusto de Sousa.

A Missão muito deve também ao Padre João Balzola, que infelizmente não pôde assistir ao término das obras, pois faleceu no mesmo ano de 1927, ao começar o estabelecimento da Missão. "Quando o nosso Padre José Domitrowiski — escrevia D. Pedro Massa — lhe administrava os últimos sacramentos, o povo da localidade se reunia no quarto do moribundo e nas adjacências, orando e chorando". (**Pelo Rio-Mar** (Missões Salesianas), pág. 205 — Rio, 1928).

Sucedeu ao Padre Balzola o Reverendíssimo Padre José Domitrowiski, depois elevado a Bispo de Podália, coadjutor com direito à sucessão do prelado.

Assistimos a sagração dêsse emérito religioso, que por muito tempo exerceu o seu santo ofício em Taracuá, no caudaloso rio Uaupés.

E' de origem austríaca, mas sincero brasileiro, tendo sido sempre um devotado ao bem das massas indígenas do alto rio Negro, Uaupés e outros rios.

D. Pedro Massa desenvolveu as Missões e criou cidades no deserto.

Como as outras, a de Barcelos tem dois patronatos, um destinado aos alunos do sexo masculino e outro ao sexo feminino, que nesses estabelecimentos aprendem desde a aula primária até outras disciplinas, ofícios diversos, como alfaiate, sapateiro, carpinteiro, mecânico, agricultor; no das meninas há também variadíssimas oficinas de chapelaria, costura, bordado, pintura, etc.

Há um hospital dirigido por Irmãs salesianas. Houve em Barcelos um hospital, que tinha permanente um cirurgião no tempo da colônia.

Era uma casa baixa, sem as acomodações precisas. "É uma só casa comprida, — dizia o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — quasi tôda assoalhada, construída de madeira, intijucada, coberta de palha, com uma só porta entre as duas janelas de frente, e apenas tem dentro capacidade para doze camas. Quando são mais os doentes, suprem as redes". (Rev. cit. Tomo XLIX — 1886, — pág. 173). Havia falta dos materiais precisos e de enfermeiros, e não havia sala para tratamento de moléstias contagiosas. Em 19 de março de 1784, entrou no hospital o soldado Albino Joseph, que veio do quartel de Ega, (atual Tefé), atacado de lepra, e não havendo onde recolhê-lo, separadamente dos outros enfermos para os não contaminar da sua doença, foi preciso recolher-se debaixo de um tijupar, que se lhe erigiu no quintal do sítio do hospital.

Foi nesse nosocômio que se verificou o primeiro caso de beribéri. O soldado, de alcunha o Rasabana, doente de bexigas, foi também colocado numa barraca de palha, no quintal.

Os alunos dos patronatos são educados também em jogos atléticos e cantam o hino nacional em festas comemorativas da pátria. Êste é um dos cuidados dos padres, — o ensino do culto à pátria.

D. Pedro Massa foi a inteligência construtora dessas instituições, que tanto dignificam os salesianos. Era êle um homem austero, de virtudes aprimoradas, e um orador animado, expressivo, eloquente.

Guardo dêsse talentoso sacerdote uma carta datada em 30 de junho de 1953, da qual destaco desvanecido o tópico seguinte: "Não posso deixar de lhe agradecer sua valiosa proteção e sua simpatia e aprêço pelas nossas obras missionárias, das quais me deu tão grandes provas no ano passado, por ocasião da votação dos auxílios pelos quais tanto se interessou, favor êste que nunca esquecerei, nem o esquecerão os nossos missionários e as nossas irmãs, que também lhe são devedoras de atenções de proteção".

Barcelos hoje apresenta uma fisionomia diferente da antiga, rançosa e tristonha, vivendo das suas belas tradições de ter sido a primeira capital do Amazonas, quando encafuada, distante a 75 léguas da foz do grande rio; de ter visto passar pelas suas ruas e praças grandes figuras do Exército e da Armada portuguêsa, capitães generais, estadistas, cientistas, diplomatas, capelães, missionários, soldados, de dormir em seu solo homens notáveis, de ser um centro da diplomacia de Portugal.

Apresenta algo do aspecto antigo de casas de taipa e barro, de ranchos cobertos de palha de ubim, de certa velhice, que se adivinha, ao lado de edifícios monumentais, pela arquitetura, higiene e confôrto, da limpeza, das pontes e do seu comércio, e da valiosa contribuição dos seus habitantes, que têm grande apêgo à terra.

Logo à primeira vista de quem chega, ou passa por esta cidade, à margem do rio fronteirando o paraná de Barcelos, formado por uma das ilhas situadas no leito do rio, que nesse passo tem seis léguas de largura — logo descortina altaneira e mística a igreja de Nossa Senhora da Conceição. É o nôvo templo que veio ocupar o lugar do velho. Obedece a arquitetura gótica ou a um arremêdo do gótico.

Na sua construção muito trabalhou o vigário de então, atual D. José Domitrowiski. Vimos êste virtuoso sacerdote subir de tamancos uma longa escada, levando consigo uma vasilha de barro e cal para aplicar à fronteria da igreja de que foi êle o desenhista e o construtor.

Quando alguma vez em Barcelos víamos uma luz vascilante ao longe faiscar como um pirilampo para estacionar no cruzeiro ao fundo do campo, era o Monsenhor ajoelhado nas suas orações.

A igreja que tem uma majestosa tôrre, foi inaugurada a 15 de junho de 1930, entre ruidosas festas. Damos abaixo a ata de sua instalação, como documento histórico (20).

---

(20) Cópia. Ata da inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Barcelos. Aos quinze dias do mês de junho do ano de mil e novecentos e trinta, do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, nesta vila de Barcelos, Comarca do Rio Negro, Estado do Amazonas, República dos Estados Unidos do Brasil, às oito horas, presentes sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Pedro Massa, Prelado Apostólico das Missões Salesianas do Rio Negro, ladeado pelos Reverendíssimos Padres José Domitrowiski, Vigário desta Paróquia e Noé Gualberto de Lima, com a assistência das Associações de Maria Auxiliadora, Sagrado Coração de Jesus, e Irmandade do Santíssimo Sacramento, presentes os Excelentíssimos Senhores Coronel Cosme Damião de Lucena Bittencourt, Capitão Fulgêncio Antonio de Souza, Secretário da Prefeitura, Doutor João Pereira Machado Junior, Juiz Preparador, Raimundo Viana, Coletor Federal Coronel Joaquim S. de Matos Ribeiro, Presidente da Intendência Municipal, Aprígio Emigdio do Amaral, Vice-Presidente da Intendência, Raul Leite da Silva, Coletor Estadual, Tenente Coronel Filinto Augusto de Sousa, Tabelião de Notas e demais autoridades federais, estaduais e municipais. Foi por Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Pedro Massa inaugurada solenemente e benta a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição desta vila, de acôrdo com o ritual romano. Depois do cerimonial que esteve revestido da maior pompa, Sua Excelência Reverendíssima proferiu um belo e eloquente sermão concitando o povo a frequentar o novo templo com assiduidade e fé sublimidade de Deus. Em ato sucessivo Sua Excelência Reverendíssima recebeu do Excelentíssimo Senhor Prefeito

DISTRITOS — Barcelos, Caboris, Moreira, Tomar e São Joaquim. Era esta a divisão administrativa existente em 1922 (**Almanak Laemmert** — "Separata do 3.º volume Municípios do Estado do Amazonas" — 1922-1923).

Na organização administrativa e judiciária para vigorar no quinquênio 1939-1943, aprovada pelo Decreto-lei estadual n.º 176, de 1.º de dezembro de 1938, havia o único distrito de Barcelos, subdividido em sete zonas distritais : — Guajará, Barcelos, Ceará, Tomar, Temedauí, Prosperança e Floresta.

Municipal dois decretos : um sob o número dois desta data, considerando feriado municipal o dia de hoje e outro sob o número três, dando o nome de Mons. Pedro Massa, cujo gesto do mesmo Prefeito Municipal S. Excia. Reverendíssima Monsenhor Pedro Massa muito sensibilizado mandou constar da presente ata. O que terminado, Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Pedro Massa muito penhorado pediu a mim tabelião para lavrar esta em minhas notas, a qual fiz e depois de lida e achada conforme, vai pelo mesmo Excelentíssimo Prelado assinada e pelos demais na ordem de sua colocação, digo, na ordem da colocação acima, dou fé. Eu, Felinto Augusto de Sousa, Tabelião em público e razo assino. Em testemunho (estava o sinal público de verdade. (aa) Monsenhor Pedro Massa, Prelado Apostólico do Rio Negro e Administrador Apostólico de Pôrto Velho, Padre José Domitrowiski, vigário, Padre Noé Gualberto de Lima, missionário, vigário geral da Prelazia, Cosme Damião de Lucena Bittencourt, Fulgêncio Antonio de Sousa, Secretário da Prefeitura, João Pereira Machado Junior, Juiz Preparador, Raimundo Pereira Viana, Coletor Federal, Joaquim S. de Matos Ribeiro, Presidente da Intendência Municipal, Aprígio Emigdio do Amaral, Vice-Presidente da Intendência, Raul Leite da Silva, Coletor Estadual, Filinto Augusto de Sousa, Tabelião, Herculano da Silva Rosa, Primeiro Suplente de Juiz Preparador, José R. de Paula Rodrigues, Manoel Frias de Carvalho, comerciante, Elpídio de Matos Barbosa, Adjunto do Promotor, José Roberto Pimentel, Intendente Municipal, João Furtado de Vasconcelos, Luis Gentil dos Santos Rangel, José Rodrigues Bento, Frederico Antonio Machado, Demóstenes Jardim, Francisco Inácio Duarte, Hilton Domingos da Silva, João Reis Valentim, José Henrique de Almeida. Era sòmente o que se continha na mencionada Ata, dou fé. Barcelos, 15 de julho, digo, de junho de 1930. O Tabelião interino Filinto Augusto de Sousa.

Já no nôvo plano administrativo e judiciário para vigorar no quinquênio seguinte, aprovado pelo Decreto-lei n.º 1.400, de 5 de março de 1945, que altera o disposto no Decreto-lei n.º 1.186, de 31 de dezembro de 1943, Barcelos aparecia com uma divisão diferente, compondo-se de três distritos, a saber, — 1.º — Barcelos; 2.º — Carvoeiro e 3.º — Moura.

O primeiro compreendendo os subdistritos — Barcelos, Guajará; — Ceará, — Tomar; — Prosperança ou Prosperando; — Floresta.

O distrito de Carvoeiro com um só subdistrito — Carvoeiro.

O distrito de Moura envolvendo os subdistritos de Moura e Uniní.

Vejamos num rápido esbôço êstes distritos.

Moura — Antiga aldeia de Santa Rita de Cássia, nos seus princípios Itarendaua, Pedreira. Em 1758, o Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado elevou-a à categoria de Vila, com o nome português de Moura, conforme a ata abaixo. (21)

---

(21) "Auto de levantamento da aldeya da Pedreira em villa de Moura.

"Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e cincoenta e oito aos vinte dias do mez de Novembro do dito anno nesta Aldeya da Pedreira em o Rio Negro, e Praça Publica della, aonde veio o Illmº e Exc. Senhor Governador, e Capitão General da Provincia Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e o Illmº. Senhor Coronel Governador desta Capitania Joaquim de Mello e Povoas, e sendo ahi na mesma Praça Publica desta referida Aldeya sendo junta a nobreza, Officiaes de Milícia, e mais povo della pelo dito Illmº. e Exmo. Senr. General foi dito que em observancia das ordens de S. Magestade eregia esta Aldeya em Villa com o nome de Moura e que assim a havia por creada, e logo no mesmo logar foy levantado o Pelourinho, e por todo o povo dito trez vezes, Viva El-Rei, de que de tudo mandou o dito Illmº. e Exmo.

Êsse município não existe mais; foi extinto em 1943, ao se constituir o Território do Rio Branco, quando o Presidente Getúlio Vargas, para integrar o referido Território, retirou grande parte de Moura, ao norte, sendo as terras restantes apropriadas por Manaus e Barcelos; daí a imensidade do Município de Barcelos.

Há nas lages de Moura uma inscrição, que se julga de origem fenícia, e que outros atribuem a passa-tempo dos índios. Barbosa Rodrigues possuia uma cópia dêsses hieróglifos (22).

Senhor a mim Escrivão fizesse este Auto em que assinarão que presentes estavão, o Coronel Governador da dita Capitania do Piaohy João Pereyra Caldas, o Coronel de Infantaria Luiz de Vasconcellos e Almeida o Secretario do Estado João Antonio Pinto da Silva, o Capitão de Granadeiros Manole Manoel José Henriques de Lima, o Sargento-mor João Baptista de Oliveira, o Adjunto de Infantaria Simão Coelho Peixoto Lobo, o Tenente Francisco Pereira Pinto do Lago, o Alferes João Pedro de Almeida, o Sargento Manoel Joaquim Pereira Feijó, o Sargento Francisco Brumette, o Sargento Gaspar Ferreira, o Doutor Phisico-mor Pascoal Pires do Carmo, o Rmo. Padre Vigario José Monteiro de Noronha, o Rmo. Padre Fr. Braz de Santo Thereza, o R.P. Fr. João de Santo Elias, o R.P. Fr. Dionisio de S. Francisco, o Sargento-mor Xavier da Silva, e outros que tão bem assinarão. E eu Francisco Xavier de Andrade Escrivão que o escrevi. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Joaquim de Mello e Povoas, José Monteiro de Noronha, João Pereira Caldas, João Baptista de Oliveira, Simão Coelho Peixoto Lobo, Francisco Pereira Pinto do Lago, Pascoal Pires de Castro, Luiz Antonio Farias, Francisco Brumette, Xavier da Silva, Manoel da Assumpção, Luiz Vasconcellos de Almeida, e Frei Joaquim da Madalena, Frei Francisco de Nazareth, Luiz Alves Pacheco, Manoel Pedro, José Pedro de Sá, Augusto Maciel, Manoel de Souza Xavier Rodrigues, Balthazar Rodrigues Mendonça, Pedro Maciel Parente, João Francisco de Carvalho, Francisco Xavier de Andrade".

(22) Ver a monografia do autor — **Panoramas Amazônicos — Moura.** Tip. Fênix, Manaus, 1938.

Carvoeiro — Antiga povoação situada à margem austral do rio Negro, com a denominação de Aricari, mudada em 1759 para Carvoeiro.

Foi a aldeia fundada pelo Alferes da Guarnição do Forte da Barra, Guilherme Valente, o qual, desprezando os perigos que corria, dispôs-se a subir o rio, o que era temerário àquele tempo, até o Cabori, onde praticou com os gentios Manau e Hiaiari, e lá casou com uma jovem índia manau, cuja beleza o fascinou. Dêsse casamento resultou angariar a confiança e amizade dêsses indomáveis selvagens, estabelecendo nesse rio uma aldeia dêles, que foi transferida para o local em que assiste hoje.

Tomar — Situado à margem meridional do rio Negro, doze léguas acima da aldeia de Moura. Chamou-se em outro tempo Bararoá, e era considerada a "Côrte dos Manaus,", porque êstes índios ocupavam uma e outra margem do dito rio Negro e dos rios seus colaterais.

Elevou esta aldeia à categoria de vila o Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1758. Chegou a ter 1.200 habitantes. O contágio das bexigas, em anos diferentes, matou muita gente.

A "Côrte dos Manaus" entrou em decadência, mas em 1835 ainda era um povoado que tinha uma população regular.

É lá que vamos achar o indivíduo de "fala mole", de que se fêz menção, linhas atrás.

Êste caudilho, fugido de Pernambuco e refugiado em Bararoá, depois Tomar, tomou o nome de guerra, acrescentando ao seu próprio Ambrósio Aires, o da terra onde se acolheu.

Ao chegar ao rio Negro a notícia alarmante do combate de Ipicuiranga, no Pará, dos cabanos repelidos pelas fôrças do govêrno, não hesitou em alistar-se ao lado da legalidade. Reuniu os habitantes de Tomar, fêz-lhes uma

fala, incentivando-os a baterem-se contra os insurretos. Dirigiu-se à Câmara Municipal de Barcelos e pediu-lhe o apoio, que foi de logo concedido, entre palmas e entusiasmo. E seguiu para o teatro da luta, onde revelou qualidades de guerreiro.

Estávamos então a braços com a guerra da Cabanagem, período tôrvo, de 1835 a 1839, que a comarca atravessou. O sangue derramado no Rio Negro foi profuso, até Santa Isabel. Aí Ambrósio Aires nos combates foi o único sobrevivente, e teve que internar-se na floresta, indo sair em Barcelos, para escapar à sangueira. Todos os povoados do rio foram devastados.

PRODUÇÕES NATURAIS — Lendo-se Alexandre Rodrigues Ferreira na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** a gente fica admirado do esfôrço do govêrno português em dotar o Rio Negro (expressão de tratamento usual) de eficiente agricultura, indústria e comércio, de acompanhar a ação dos seus estadistas em procurar desenvolver o mais possível êstes ramos da atividade humana. Tal movimento de carinho para com a terra, que respirava selvageria, e ouvia toques rubros de Inúbia, foi de certo modo correspondido, porque a lavoura teve incremento apreciável, a indústria galgou um nível bem acentuado de prosperidade, e o comércio avolumou-se o quanto possível. Todavia, as exigências do serviço real, para as demarcações e para as viagens ao Mato Grosso, e outros misteres, trouxeram graves prejuízos porque desviavam os índios de seus trabalhos. E nem por ter muitos moradores brancos, a lavoura mostrava alguma diferença. Cultivavam a maniba, o café, o cacau, a cana de açúcar, tabaco, e legumes diversos.

Mandioca — Era a cultura mais generalizada, em que se empenhavam os moradores brancos e os índios, porque de sua massa fabricavam as farinhas sêca e de água, alimento quotidiano, como ainda hoje o é em todo o país. Além da farinha extraía-se da massa outros manjares, como o

beiju, o polvilho, a tapioca, a carimã e o biscoito. Havia várias qualidades de beiju, sendo mais comuns o membeca, o curuba, o beiju-guaçu e o beiju-cica, que, como diz o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, a respeito do último "era o que servia de conducto aos europeus, que se não acostumavam à farinha".

Muito grato ao paladar eram os môlhos tucupi e tucupi-pixuna, as ticuaras e o xibé.

Café — A "Cofféa arábica" desenvolveu-se muito no rio Negro, onde encontra meio ecológico favorável. Escreveu o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira que "todo êle é prestante, e quando o tratam como deve ser, e o tempo lhe corre favorável, frutifica bem, e em particular pelas margens do rio". Importava em 1.500 arrobas a colheita dos anos mais abundantes. Em 1785 exportava para Belém 1.200 arrobas.

Tratando de como se praticava esta lavoura, dizia: "Os cafèzais de costume são uns intrincados labirintos de ramos entrelaçados, com os de outros cafèzais, plantados muito juntos, e quando muito arruados. Nenhum os separa quando deve, e muito menos os decota, até os deixar na altura sòmente de à mão se colherem os frutos maduros sem desperdício dos verdes; as índias convelem os arbustos, para lhes sacudirem os frutos; das secções que lhes dão procede cairem os verdes e os maduros".

Cacau — O cacau não teve maior expansão; as plantas do "Theobroma cacau" não conseguiam prosperar, porque em breve se cobriam de lagartos e entravam a definhar-se.

Na escolha do terreno para o seu plantio, eram preferidos os da margem oriental do rio. A maior porção de cacau exportável era extraída no rio Branco, e do que as canoas do sertão iam buscar às serras das cabeceiras dos afluentes da parte superior do rio.

O cacau do sertão era chamado "cacau bravo", o de plantação "cacau manso". Estatísticas da época dão 12.087 arrobas do produto embarcadas para o Pará. Havia agriculturados 90.350 pés.

Algodão — O algodão mostrava-se muito rendoso. Não obstante a vocação das terras para o arbusto fibroso, a margem meridional do caudal não oferece as vantagens que os moradores encontravam na margem oposta.

Todo o algodão colhido na costa sul, cujos terrenos são muito mais produtivos, era consumido pela fábrica de panos, que se instalou em Barcelos, e depois na Barra, como era empregado na confecção de redes, meias e torcidas. Do tecido faziam-se os fardamentos dos soldados.

No govêrno do Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, a fábrica instalada na Barra, hoje Manaus, possuia 18 teares e 10 rodas de fiar, com 24 fusos cada uma. A princípio a tela produzida em Barcelos tinha malhas muito largas, mas com a chegada àquela vila de tecelões europeus, o pano saiu mais encorpado. Os novelos de algodão eram mandados para Portugal e empregados em torcidas de candieiro.

Nesta atividade o rio Negro ganhou fama, aliás justificada, pelo esmêro e elegância de suas redes de alvos fios de algodão, e de outras tecidas de talos de miriti e de tucum.

Não faz muitos anos, confeccionaram-se duas marquises (redes de tucum) lindamente acabadas, caprichosamente enfeitadas de penas de várias côres e tamanhos diferentes. Uma dessas redes foi mandada de presente pelo industrial Valentim Pinheiro, de Barcelos, ao então presidente da República, e a outra, igualmente finíssima, ao então Ministro da Agricultura, dr. Miguel Calmon du Pim e Almeida.

Concorreu o Município de Barcelos para a Exposição Nacional, realizada no Rio de Janeiro, com uma quantidade de objetos interessantes e exóticos, da flora, da fauna, das

mil coisas dignas de apreciar da vasta bacia dêste excepcional caudatário de águas negras. Amostras de minerais, de madeiras as mais preciosas, de pássaros mumificados, de óleos, gomas, semente, de fibras, de máscaras usadas pelos índios nas suas danças, de suas armas, lanças, flechas, cuidarus, capacetes, penachos, tangas, rosários, cintos, bálsamos e essências diversas dêsse grande laboratório fenomenal do rio Negro.

Ao poeta Antônio Gonçalves Dias coube a reunião e catalogação dos artefatos indígenas com uma ligeira descrição de cada um. A pena do indianista teve revérberos de gênio, faiscações diamantinas na especificação dêsses tesouros dos nossos aborígenes.

Voltemos a tratar das plantas, a que mais se dedicaram os antigos habitantes do rio. Não se tenha, como é hábito, o índio como completamente despretensioso, como baldo de interêsses. "A agricultura dos índios (falava dos Manaus, Barés, Carajás, Japiúas, Baníuas, Jurunas etc.) consiste em maniba e algum café; assim esta gente não é tão falta, como se pensa, das idéias de interêsse; o ponto está em de nossa parte sabermos fomentá-las. Vêem que o café é gênero lucrativo para os brancos, e êles que já hoje estimam a camisa de bretanha com seus punhos, o calção de tafetá encarnado, o chapéu à nossa moda, sob pena de não irem à missa nos dias de preceito, quando se envergonham de não terem a tal farça, êles, digo, não deixarão de trabalhar o que podem, e o que se lhes permite, para a adquirirem". (**Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro**, Tomo XLVIII, pág. 16).

Cana de açúcar — Era uma das lavouras mais apreciadas, de que se fabricava o melaço, o açúcar, e a aguardente, com que se embriagavam os índios em prejuízo de suas roças, e muitos brancos. O abuso da embriaguez chegou a tal ponto que Mendonça Furtado proibiu o fábrico do licor. Começaram então os viciados a destilar a aguar-

dente dos beijus-açus, do pajuaru e de várias frutas, e "esborrachavam-se" do mesmo modo.

O Coronel Joaquim Tinoco Valente tornou a proibir, estabelecendo penas mais severas e multas mais pesadas, sem que conseguisse pôr um paradeiro aos excessos.

Dizia o lavrador Antônio Vilela do Amaral, entendido em coisas de agricultura, tanto que compôs um livro titulado **Tratado de Agricultura Particular do Rio Negro**, de que publicou um extrato o dr. Rodrigues Ferreira, "que as aguardentes que do mesmo gênero se fabricam em todo o Estado chegam a equivocar-se com as do reino".

Os silvícolas preparavam outras bebidas excitantes, conhecidas pelos nomes de parajuaru, caxiri, morocoró, caapi.

Fumo — O tabaco colhido no rio Negro, como em Silves e Serpa (Itacoatiara), era de ótima qualidade, e dêle chegou a exportar-se regular quantidade; porém a sua produção teve que sofrer redução imposta pelo govêrno, para não competir com o da Bahia e de Pernambuco.

Vendia-se o fumo aos molhos, bem comprimidos e entaniçados com fôlhas de murupi torcidas, ou fibras de cipó. O Ouvidor Ribeiro de Sampaio estima a exportação dêste artigo em 1785, para o Pará, em 1.600 arrobas.

Além do uso de tomarem fumo, plantavam para vender. Servia na terapêutica do aborígene, dos pretos e mesmo dos brancos para fabricarem cataplasmas com sal e urina, a fim de impedir que fôsse por diante a grangrena, quando havia sinal da moléstia. Também se punha no umbigo misturado com fel de vaca e axebre para matar as verminoses.

Cultivavam-se igualmente o feijão, o milho, o arroz, sendo êste último o da qualidade vermelho, passando-se ao arroz branco. O Capitão José Antônio Freire Évora foi quem introduziu esta qualidade, tendo safrejado em vários anos avultada porção de alqueires. Seguiu-se-lhe seu genro Manoel Rodrigues.

Feijão — Quem mais colheu feijão foi o Capitão João Nobre da Silva, que conseguiu uma safra de quarenta alqueires.

Quanto aos legumes, havia o plantio da batata branca, rôxa e amarela, do cará, do inhame e da taioba.

Enfim, não deixavam de cultivar produtos hortícolos. Até o linho cânhamo e a parreira se ensaiou, dando pouco resultado. Havia no quintal do palácio um hôrto botânico.

Sabe-se que muitas árvores frutíferas foram mandadas vir e aclimatadas no vale dêste rio, tendo frutificado bem. Assim foram plantados o tamarino, o jambeiro, o limoeiro dôce e o azêdo do Reino. O Capitão João Manoel Rodrigues mandou vir da Bahia as sementes de manga e de jaca. A semente do jambeiro foi remetida de Mato Grosso para o Pará. E desta arte foi se desenvolvendo a fruticultura por todo o rio Negro, aonde aliás não faltavam frutos de tara de sabor sápido e agradável.

A laranja, a lima, o limão, a melancia, o mamão e o melão vieram da Europa; o côco e a ata da Ásia.

O dr. Alexandre Rodrigues Ferreira aponta as frutas indígenas domésticas seguintes: ananá, pacova, sorvas, grande e pequena, abiu, mamão, goiaba, araçá, caju, maracujá, beribá, abacate, tapiribá, jenipapo, cubio, bacurí, umari, cupuaçu, tucumã, popunha, lisa e de gomo.

Como frutas indígenas e silvestres dá esta relação: araçarana, camapu, camati, ueixi, piquiá, pajurá, umarirana, umeri, maçaranduba, ingá, etc.

Plantas industriais — Não se trata de um balanço de plantas industriais existentes no rio Negro colonial, e sim de mostrar aquelas de maior valor na economia de então, salientando-se o anil.

Anil — A planta de anil era das mais abundantes no rio, e apesar de silvestre, era cultivada e industrializada.

Com êle fabricava-se a fécula, que foi objeto de grande comércio.

As florestas são pródigas de recursos os mais variados. Fêz-se intenso comércio do produto extrativo vegetal e animal.

O anil pertence ao número das plantas tintórias. Dêle se fêz grandes remessas para o exterior. No ano de 1785 foram remetidas para a Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos 13 arrobas e 9 libras; no ano seguinte de 1786 foram 80 arrobas, e no ano de 1787 havia uma fundada esperança de se remeter 180 arrobas.

Grande animador da indústria do anil e das farinhas, no alto rio Negro, foi o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada.

Conjuntamente com o anil figuravam na pauta dos gêneros tintórios a macunã, o cipreste, a pavoca-catinga, de que se extrai a tinta rôxa, o mururé, o urucu e a lasca, que encerra princípios escarlates, a arariquara, que produz tinta verde-escura, a caapiranga, a guariúba, de que se destila a côr amarela e muitas outras.

As canoas do sertão vinham atestadas de plantas, bulbos, cascas, raízes cheirosas, que exalam perfumes delicados, piripirioca, baunilha, o trescalante cumarú, a fragrância morna e sensual do corimbó e do cipó-catinga. Bem assim de essências medicinais, como butua, anabi, andirá, paricá, salsaparrilha, etc. Vinham reunidos feixes de vegetais resinosos como cedrorama, jutaicica, pau-candeia, como as gomosas: amapá, sôrva, bacuri, etc. Ali se misturavam as fibras caroá, munguba, cipó ambé, cipó titica, as fibras de jacitara, da piaçaba, do tauari.

Destas plantas fibrosas a piaçaba (**Leopoldinia piaçaba**, Wal.) é abundantíssima em vários afluentes do rio Negro: Cauaburi, Marié, Urubaxi, Curicuriari.

Naqueles tempos obscuros não se dava aprêço a esta bela palmeira, que se deixa envolver ao longo de seu estipite de compridos filamentos de pardo-avermelhado de grande resistência; mas não deixou o govêrno português de aproveitá-la na confecção de cabos, cordas, e outros objetos, fundando uma fábrica em Barcelos e outra em Tomar e Moura. Essas tão úteis palmeiras crescem em proporções imensas nos aludidos rios. A piaçaba da Bahia não é talvez menos resistente.

Indústria animal — O que havia de industrioso era a fabricação da manteiga de tartaruga, que se vendia em potinhos no Solimões e no rio Branco, principalmente, porque em outros rios também se preparava o óleo ou manteiga que eram aplicados à culinária e à iluminação. Vendiam-se também os potes de azeite de peixe-boi, embora não tão fino como o primeiro.

Lê-se em anotações de Alexandre Rodrigues Ferreira, que os vasos da manteiga de tartaruga eram distribuídos conforme a posição social de cada uma das autoridades, crescendo o número de vasilhas de acôrdo com o grau hierárquico do indivíduo.

Todo o gado vacum que existia no rio Negro português andava em 400 cabeças. Já sabemos que os 35 mil quilômetros de campos do rio Branco foram povoados de gado bovino, cavalar e muar em 1784 pelo Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada, comprados em alguns distritos do Amazonas e transportados para aquêles lindos campos gerais. Em alguns distritos do rio Negro, atualmente, encontram-se êsses animais, bem assim bodes, cabras e carneiros. O caprino dá-se muito bem nessas ribas pedregosas do aludido rio.

Borracha — Falemos agora da indústria da borracha. Quando Barcelos se fêz representar na Exposição Nacional, no Rio de Janeiro, juntamente com os objetos enviados, se-

guiu uma bola monstro de borracha, preparada nos seringais barcelenses.

É um dos ramos de indústria dêste município.

Cerâmica — A cerâmica do rio Negro não tem a importância que assume a de Marajó e a da "terra preta" de Santarém, e que fizeram a reputação e a glória dos artistas marajoaras e tapajônicos. Não possui aquela finura, aquela arte, aquela perfeição. É grosseira, é rude, é primária, e só entra aqui como mão-de-obra, ocupação das mulheres, para a serventia doméstica.

A "fabulosa obra do cerâmio", como chamou Ferreira Pena a arte oleira, não teve nesta parte representantes engenhosos e possuidores de estética. Foram operários rústicos que não souberam dar o sôpro divino do talento à cerâmica.

O que fabricavam os índios, ou mais precisamente as índias, eram artigos domésticos para atender as necessidades caseiras. Cifravam-se em potes, panelas, alguidares, fogareiros, bilhas, bacios, tigelas para farinha e outros objetos, mas não tão sem graça, nem despido de qualquer enfeite.

Tem-se achado no solo de Barcelos coisas indígenas realmente lindas no gênero, como estatuetas de barro, peças de jarros verdadeiramente interessantes, mais simples, mais modestas no plano artístico. As igaçabas são grandes e rotundas, com desenhos bonitos.

Essa louçaria era cozida debaixo de tijupares a fogo lento, às quais juntavam ao barro escoimado de impurezas, para não estalar, as cinzas da madeira caraipé ou a cal dos cascos de tartaruga, e passando por dentro o verniz da resina de jutaicica.

Vamos encontrar ainda em Barcelos a indústria dos trançados de palha e talas de palmeiras e outras fibras que os naturais empregam na confecção de urus, paneiros, ja-

maxis, tipitis, redes, urupemas e outros objetos, utilizando-se da matéria-prima fornecida pelas cascas e folíolos das palmáceas miriti, jauari, tucum, e utensílios outros de árvores, — pilões, gamelas, etc. Entre os trançados figuram as belas esteiras listradas, ou ornamentadas de desenhos, os chapéus.

* * * *

O rio Negro atual não possui mais as culturas de café, algodão, cacau e anil. Quem viajar por êle possìvelmente verá entre as ramagens das capoeiras algum pé de café, ou alguma árvore de algodoeiro, de seivosas frondes, atestando uma época transacta em que a cultura dessas plantas era uma das bases da economia regional. O cacau está muito reduzido, se bem que continui a ser um dos artigos de exportação.

O rio Negro, pode dizer-se, é hoje um rio pobre, dolorosamente carente de tudo, sem fruticultura, sem legumes, sem cereais, sem criação. Não é que lhe faltem boas terras para lavrar, o seu parque de matérias primas seja dos melhores dos rios do Amazonas; mas devido à inércia, à preguiça, à falta de braços, de capitais, de estímulo, de iniciativas inteligentes. O que se nota ao longo de suas margens é o abandono, a incúria, a pobreza de suas cidades, vilas e povoados, o cupim roendo os esteios das casas, o mato invadindo as ruas. Exceto as Missões, parece que tudo se aquebranta e esboroa. Não há nada de novo, que exprima novidade, que signifique progresso. Desce sôbre elas uma apatia dolente e melancólica. Muitos dos seus povoados e vilas desapareceram, são mudas taperas, capoeiras onde se aninham as feras.

O Cônego Francisco Bernardino de Sousa não sabe que "mau fado", pesa sôbre o vale do Amazonas. E então sôbre o rio Negro, lamenta que "outrora tão povoado e florescente, é hoje — escrevia em 1873 — quase um deserto e povoações

que ainda em 1833 existiam, como Lamalonga, S. Bernardo, Camanaus, S. Miguel de Iparana, Nossa Senhora de Nazaré de Curiana, Loreto, São João de Mabé, Castanheiro Novo e Carmo, nem delas existem as ruínas. Êsse desmoronamento, essa destruição vai atacando também as povoações que ainda existem", (**Comissão do Madeira — Pará e Amazonas,** Rio, 1874, pág. 122).

Apesar da tristeza e da ruína, mantém um comércio importante, que lhe proporcionam as indústrias da borracha, da castanha, da balata, da piaçaba, da sôrva e das madeiras, da extração de seus produtos vegetais e animais.

O que aguça a ganância, o que mais açula o interêsse é o assalto à floresta, a explotação desordenada dos produtos vegetais e animais, a derrubada sistemática de essências nobres. Pesca-se a dinamite e de arrastão. Derrubam-se paus a tôrto e a direito, corta-se pela base a palmeira para comer-lhe o fruto.

Com razão escrevia o grande naturalista Alfred Russel Wallace :

"Quando eu considero a soma excessivamente pequena de trabalho, que é preciso ter nesta região para converter a floresta virgem em verdadeiras pradarias ou em férteis plantações, quase chego a desejar vir para cá com meia dúzia de amigos dispostos para o trabalho, a fim de usufruir a região. E com isso eu poderia mostrar a todos os seus habitantes de que maneira logo se pode obter aqui um verdadeiro paraíso terrestre como jamais conceberam possa existir".

O famoso naturalista e filósofo inglês, que escreveu uma preciosa obra sôbre o rio Negro e alguns de seus afluentes, — **Viagem pelo Amazonas e Rio Negro** — "Brasiliana" Vol. 156, pág. 431, — que teve vontade de se despedir da Inglaterra e vir residir no dito rio Negro, não escondeu seu entusiasmo pela terra, sua fecundidade, a trans-

parência luminosa de seu céu, seu clima "glorioso", suas esplêndidas paisagens.

"Agora eu afirmo — dizia êle — e isso sem hesitar, que duas ou três famílias, contando meia dúzia de homens e de rapazes inteligentes e trabalhadores, e que possam trazer como capital umas 50 libras em ferramentas agrícolas, em três anos poderão achar-se de posse de tudo quanto referi acima.

Suponha-se que possam acostumar-se com o pão de mandioca, ou com a farinha de milho, êles não terão necessidade, assim, exceção apenas do que se refere ao vestuário, de comprar qualquer coisa mais. Poderão ter com fartura carne de porco, de vaca, de carneiro, e de galinha, ovos, manteiga, queijo, café, cacau, melado, açucar, deliciosíssimos peixes, tartarugas, ovos de tartarugas, carne de caça em uma grande variedade, para abastecer-lhes as mesas, e também verduras e legumes não lhes hão de faltar, bem como frutos, tanto os cultivados quanto os silvestres, em grande abundância e de uma qualidade que em parte alguma do nosso solo pudemos produzir.

As laranjas e os limões, os figos e as uvas, os melões e as melancias, as jacas e anonas, os ananáses ou abacaxis, os cajus e os mamões são os frutos aqui mais comuns, enquanto os côcos de inúmeras palmeiras e outros frutos da floresta poderão oferecer deliciosas bebidas, com as quais logo qualquer pessoa se acostuma muito bem. E daí com o organismo bem nutrido, que bonitos jardins, que sombrias alamedas não se poderiam fazer aqui ! Quão fácil construir um viveiro natural de orquídeas, à sombra de um grupo de árvores da floresta, e colecionar assim as mais lindas espécies que se encontram nos seus arredores". Wallace era um enamorado do rio Negro, e no seu aludido livro vê-se a floração miraculosa do gênio a pintar quadros com mágico pincel, a colorir paisagens, a fixar momentos de céu azul, a

ver encantos na flora, na fauna, nos índios, nos estirões imensos dêste rio colossal.

Os que defrontam êsses miraculosos recantos da Guiana brasileira, não podem deixar de se sentir extasiados de emoção, deslumbrados ante as suas diversidades paisagísticas, as suas ofuscantes tonalidades de luz.

Um dos grandes artistas e poetas a evocar êsses grandes cenários, essa mataria infinita, essa grandeza de coisas surpreendentes, arbustos, plantas decorativas, filigranas de fetos, delicadezas de perfumes da flora, mururés, nenúfares, ninfeáceas, pássaros de plumagem gritante, e uma multidão de outras coisas, foi êsse desventurado escritor, alto e magro, bondoso e modesto, espirituoso e cintilante, com grande talento — Gastão Cruls.

HOMENS ILUSTRES — Barcelos foi berço de dois homens que se elevaram um pouco acima do nível comum, e que por isto mesmo, são dignos da atenção, louvor e admiração dos seus compatriotas.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha — Nasceu a 4 de setembro de 1769, onze anos após a instalação da Capitania de São José do Rio Negro, em 7 de maio de 1758, filho de Raimundo de Figueiredo Tenreiro e D. Teresa Joaquina Aranha. Órfão de pai muito cedo, Bento Aranha foi levado para o Pará por seu padrinho, o Reverendíssimo Padre dr. José Monteiro de Noronha, vigário geral da Capitania e ali educado às suas expensas.

Já homem, gozou da proteção do Governador D. Francisco de Sousa Coutinho, recebendo dêle favores; mas depois não concordando com as suas idéias e seus atos, afastou-se dêle, sendo perseguido por êsse grão-senhor.

Para se subtrair à perseguição, recolheu-se, depois de exonerado do cargo que exercia, ao sítio Memória, onde julgava viver tranquilo no regaço de seu lar.

Dedicou-se ao estudo da literatura clássica grega e romana, das línguas portuguêsa e latina, dos historiadores e autores de teatro. Do ostracismo a que se recolheu foi tirá-lo D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, que sucedeu a Coutinho, no govêrno.

Foi no período de seu voluntário afastamento da política que escreveu as suas principais produções, constantes de panegíricos, odes, poesias, discursos, e peças de teatro.

Bento Aranha, além dos dotes pessoais, era de estirpe fidalga. Seu pai foi Capitão-mor da vila do Guamá, e provedor da Fazenda real do Pará. Sua mãe descendia do Capitão-mor Manoel Guedes Aranha, descendente de Bento Maciel Parente, que prestou relevantes serviços de guerra na Amazônia, com denodo. O govêrno português, tendo em vista as suas qualidades de guerreiro e homem de Estado, distinguiu-o com a donataria da Capitania do Cabo do Norte.

Foi Governador do Grão-Pará numa fase difícil de agitações.

Grande parte dos livros e trabalhos literários, que escreveu, perdeu-se num naufrágio. Seu filho, dr. João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que foi banido do Pará, e exilado para o Rio de Janeiro, antes de partir, temendo vinganças dos seus adversários, e a fúria dos cabanos, tirou cuidadosamente cópia dos seus escritos, encaxotou-os, e mandou para o sítio Pinheiro. Em viagem sobreveio uma tempestade e o bote virou, soçobrando, perdendo-se o que havia de melhor do escritor e citaredo.

Bento Aranha fôra também militar e serviu com bravura no Pará, sempre que a sua espada era chamada.

O que se salvou de literatura de Bento Aranha, foi mandado imprimir, como homenagem ao homem de letras e herói, pelo Governador do Estado do Amazonas, Coronel José Cardoso Ramalho Júnior.

Costuma-se referir como obra prima do poeta o sonêto em que êle exalta as virtudes da mulher Maria Bárbara, que, não querendo sujeitar-se a um crápula, no sítio da Fonte, para não ser infiel ao marido, foi assassinada.

Bento Aranha faleceu em Belém a 25 de novembro de 1811. Foi êle o primeiro poeta do Amazonas.

João Henrique de Matos — Nascido em Barcelos a 4 de abril de 1784, do casamento do Sargento-mor Severino Eusébio de Matos e de D. Joana Wilkens de Matos. Como seu progenitor, êle seguiu a carreira das armas, em que se distinguiu. Sua fé de ofício assinala disciplina, atos de bravura. Conquistou postos por merecimentos até sua promoção a coronel e brigadeiro.

Foi um dos membros da junta governativa do Pará, onde se educou e iniciou a sua vida pública. Desempenhou várias comissões técnicas, que exigiam competência e esta êle a tinha.

As lutas políticas de então lhe trouxeram acerbos desgostos e decepções. Sua atitude desassombrada, sua linha coerente de conduta, sua dignidade cívica repeliam posições equívocas, dúbias, razão pela qual seus adversários tudo fizeram por vê-lo distante de Belém.

Para servir a êsse intuito fôra mandado desempenhar comissões na Comarca do Alto Amazonas, nas nossas divisas com o Peru e com a Guiana Inglêsa, examinar o estado das fortalezas e levantar o orçamento das obras a realizar.

Muitas dessas comissões foram para vê-lo sair do Pará, onde parecia um estôrvo aos seus inimigos descobertos e ocultos. Assim, estêve em Caiena, Macapá, Vigia, no Pará, e no rio Negro, onde seguiu até Marabitanas e depois deu a volta pelas fazendas do Rio Branco, fortaleza de São Joaquim, e dessa emprêsa tão grande e perigosa apresentou um extenso relatório ao govêrno paraense, que o mandou em comissão examinar o estado das aglomerações humanas da comarca.

Houve um tempo em que deixou a profissão militar, mas a ela voltou, pouco tempo depois; o seu temperamento, o seu ânimo inquieto um tanto aventureiro, não deixou escoar grande intervalo, para retroceder à caserna. Comandou o corpo de artilharia do Pará, e foi diretor do Arsenal de Guerra.

Henrique de Matos era exímio desenhista, e um bom estrategista na guerra, cujos perigos desprezava. Era partidário da Independência do Brasil dos mais entusiastas.

Um dos seus escritos interessantes, porque reveladores de sua capacidade de observação e pesquisador, foi o em que conta do estado social, político e econômico da Comarca do Alto Amazonas, de que aliás já falamos.

Ao voltar da inspeção do forte de Marabitanas, doente e alquebrado de fôrças, faleceu antes de chegar a São Gabriel, no bojo de uma canoa.

No documento, a que acima nos referimos, descreve o que viu, ouviu e presenciou; a penúria, a decadência da comarca, deixando patente o seu desejo de que a referida comarca voltasse aos tempos de sua autonomia.

O interessante documento histórico e outros foram publicados, por ocasião de o Amazonas festejar a sua elevação à categoria de Província, em exposição feita pelo ilustre historiador Professor Vilhena de Moraes, então diretor do Arquivo Público Nacional (23).

O relatório é de 1845, e cinco anos depois a antiga comarca era, pela Lei 582, de 5 de setembro de 1850, elevada a Província do Amazonas, e retomava numa trajetória brilhante, as suas conquistas sociais e a realizar uma obra gigantesca de progresso.

---

(23) **Jornal do Comércio**, de 7 de setembro de 1950 e de 10 de setembro. ANÍSIO JOBIM — **O Amazonas, sua história** (ensaio antropogeográfico e político), pág. 170.

SÃO GABRIEL

(ex - UAUPÉS)

RESUMO HISTÓRICO — A região do alto rio Negro, de Santa Isabel, hoje Tapuruquara, para cima, ou das cachoeiras para diante, só foi explorada, ou melhor conhecida, depois que se firmou o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, em que Portugal e Espanha resolveram acertar os seus limites.

Os espanhóis levavam a pretensão de assenhoriarem-se de todo o espaço, que vai das cachoeiras, a começar de Camanaus para avante.

Situados em São Fernando, povoação castelhana, no Cassiquiare, reputavam como lhes pertencendo a parte do rio que lhes ficava anterior, a começar daquele ponto. e para isso reclamavam constantemente, alegando direitos que não tinham, e fazendo ameaças e provocando conflitos. Para assegurar o seu domínio sôbre as terras e as águas dessa porção, o govêrno português mandou examinar tôdas as bôcas dos afluentes e escoadouros de lagos, e bem assim as povoações que então havia e que eram atestado vivo de sua ocupação, comissionando o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada para essa tarefa. O General João Pereira Caldas, Governador da Capitania do Grão Pará, a que estava subordinada a administração do rio Negro, fêz seguir para ali uma turma de exploradores sob a chefia do dito Lobo d'Almada, que não só esquadrinhou a região, os seus rios, como suas comunicações uns com os outros e até com o Solimões, resolvendo assim um problema que preocupava os estadistas e demarcadores lusos. Sendo a região habitada por múltiplas tribos indígenas espalhadas, procurou reu-

ni-las, congregá-las em povoações, e desenvolver a lavoura, não só para o sustento dos índios, como para o abastecimento das tropas das partidas portuguêsas. Impôs um regime de trabalho de que resultou fartura para os moradores.

Tudo se fêz em ordem e com minucioso cuidado através das florestas, das correntes impetuosas e dos lagos e charcos a que eram obrigados a atravessar, para as devidas medições e observações. Lobo d'Almada nunca se furtou de marchar à dianteira dos seus subordinados e era o primeiro a participar dos perigos, e quando atacado de febres, não se acolhia ao confôrto e tratamento no hospital então existente em Barcelos. Nessa longa jornada por caminhos difíceis, via tudo, anotava tudo, para poder com fidelidade informar ao seu govêrno os acidentes do terreno e as mil e uma passagens no seu itinerário, flora, fauna, malocas e populações indígenas que ia encontrando.

Foi dêste modo um elemento substancial do conhecimento dessa parte do rio, que os espanhóis tanto cobiçavam, fazendo-os retroceder para o ponto em que organizaram suas tendas de campanha.

Depois de tão árdua exploração, o notável oficial lançou suas vistas para o rio Branco, cuja bacia estudou minuciosamente e bem assim dos seus afluentes e confluentes, baixadas e serranias, varadouros e demais aspectos regionais. Escreveu neste sentido várias memórias com meticulosa exatidão.

Essas e outras explorações que antecederam ao trabalho de Lobo d'Almada firmaram o nosso direito àquele prolongamento do Negro até o povoado castelhano de São Fernando.

SITUAÇÃO — São Gabriel das Cachoeiras, ou simplesmente São Gabriel, até pouco tempo Uaupés, situa-se na zona fisiográfica do rio Negro, na sua parte superior ou alto rio.

Área — E' de 169.051 km2.

Limites — Confina com a Venezuela, com os Municípios de Barcelos e Tefé e com a República da Colômbia. As linhas limítrofes estão pormenorizadas no Decreto-lei estadual n.º 1.400, de 3 de março de 1943. O nome primitivo, como transparece da epígrafe, era São Gabriel. Houve necessidade de mudar-lhe a denominação. Assim impunha do Decreto-lei nacional n.º 311, de 2 de março de 1838, que dispôs sôbre a reorganização territorial do país, em vista do qual o Governador do Estado baixou o Decreto-lei de 31 de dezembro de 1943, pelo qual deu o nome de Uaupés ao referido município, sua sede, e ao respectivo distrito. Atualmente o município está sob a denominação antiga, que é São Gabriel.

Uaupés é o principal afluente do rio Negro, pelo seu lado direito. Primitivamente era conhecido por Ucaiari, que no idioma dos Manau e Baré quer dizer — rio de águas brancas. Porém como o gentio que povoava o principal tronco do Ucaiari, é da nação guapé, lhe atribuiram os demais índios o mesmo nome, que os brancos verteram em Uaupés. (Noronha, Roteiro, n.º 184).

Relêvo — O aspecto geral do Município é o de planície com ondulações ligeiras. Planície que se estende quase ininterruptamente, revestida de mata densa, sulcada de rios e lagos. Não há montes em todo o seu vasto território, a não ser pequenas elevações que lhe não tiram o caráter de planura infinita e monótona. Beirando o rio, vêem-se barreiras altas, mais ou menos empinadas, porém a planície é a tônica dominante. Como exceção, há a variar-lhe o aspecto, os pequenos montes do grupo Jacamim, cuja altitude não transpõe de 300 metros, com a configuração, que o ilustre geólogo Glycon de Paiva lhe dá "de obeliscos fincados na mata" em tôrno de São Gabriel.

Mais além divisam-se os picos dos montes Curicuriari, elevados, de arestas nuas, com pouca vegetação no ápice.

Remontando S. Gabriel, divisam-se na amplidão do cenário linhas azuis de serranias, entre as quais Caaburi e

Anário. A visão alcança a Pedra de Cucuí, com 440 metros de elevação. Aí se acha nas suas proximidades o quartel da guarnição militar de nossa fronteira, neste setor.

Enquanto no baixo rio Negro a formação comum é o arenito, no alto predomina o granito.

O Município participa do sistema montanhoso da Guiana ou Parima. Ramificações de uma dessas montanhas (Tapirapecó) forma as cachoeiras de S. Gabriel ou Uaupés.

Guiana é uma expressão geográfica, diz Raja Gabaglia, que tem variado de significação nos três últimos séculos; todavia, de uma maneira geral, compreende tôda a região da parte nordeste do nosso continente, e que demora entre o delta do Orinoco e as bôcas do Amazonas e limitada, no interior, pelo rio Negro e pela Cassiquiare.

Outro autor (H. Rice) lembra que o nome deriva de uma tribo de indígenas que vivia entre o rio Carone e a cordilheira de montanhas conhecida pela denominação de serras do Imataca, e que adotavam o apelido Guianos.

As cachoeiras de São Gabriel são conhecidas por nomes locais : a começar de Camanaus, chamam-se Furnas, Crocobi, São Gabriel, Paraná-Pixuna, Matapi, Ponta do Remo, Caldeirão e Carangueijo.

A cidade de São Gabriel localiza-se sôbre a eminência do rápido de Crocobi, no seu atroar eterno. Aliás, quase todos os afluentes do Negro são crivados de obstáculos.

Um canal de bifurcação das duas grandiosas bacias, a do Orinoco e a do Amazonas, chama-se Cassiquiare. E' um rio de 365 quilômetros, que alguns se obstinam em denominar canal. Os portuguêses o descobriram no ano de 1744, quando navegavam sôbre o Orinoco sem o saber. Por êle também sulcava a piroga em que vinha o Padre Manoel Romão, superior das Missões espanholas de Venezuela Como êle, ignoravam os espanhóis a ligação, quando da

expedição que veio com os nossos até os estabelecimentos do rio Negro, de onde voltou para as suas reduções.

Clima — Ao revés do que se pode pensar, o clima de São Gabriel é bom e saudável, enquanto no baixo curso do rio há casos de febres de caráter intermitente, a sua parte superior oferece outras condições de salubridade, com exceção do lugar da fronteira, Cucuí, onde reinam febres palúdicas.

O Dr. Leovegildo de Sousa Coelho, que viajou em 1861 por êste majestoso afluente da margem esquerda do Amazonas, pôde verificar que entre a cidade de Manaus e o povoado de Santa Isabel, hoje Tapuruquara, é êle um pouco doentio. O mal endêmico são as maleitas ou sezões, com o caráter particular de serem sempre acompanhadas com vômitos. Daí para cima elas são raras.

Ao parecer do informante, o que concorria muito para o aparecimento das febres era o apodrecimento e evaporação das águas estagnadas, carregadas de restos de vegetais acarreados pelo rio.

O povo de São Gabriel, dizia êle, chamava as bexigas, que costumavam reinar nos arredores das cachoeiras, benignamente, de bexigas doidas. (**Relatórios da Presidência da Província do Amazonas.** Vol. II, pág. 839).

Há poucos anos o notável professor Sampaio Ferraz lançava um estudo a respeito do clima de São Gabriel calcado em dados que lhe foram oferecidos.

Segundo uma tabela de variações atmosféricas que teve à vista, afirma o eminente climatologista que o valor normal barométrico anual é de 754,2 milímetros, reduzido 0.° centígrados. Esta pressão, considerada ao nível do mar, e reduzida a gravidade normal, eleva-se a 759,5 milímetros, valor, diz êle, que reputamos bem de acôrdo com a distribuição geral da pressão atmosférica sôbre o Continente Sul-Americano, e igual à pressão normal de Manaus. Ela é

mais baixa nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro, elevando-se gradualmente até o valor máximo em julho.

Os meses mais frescos são os de maio, junho e julho, e os mais quentes, setembro, outubro e novembro.

O ar vive sempre impregnado de vapor d'água, como se acha quase sempre nas proximidades de saturação. A não ser durante o dia, maxime às 14 horas, a umidade relativa, na média, está sempre acima de 95%. Quanto à umidade relativa, os primeiros quatro meses do ano e setembro indicam taxas menores, descendo a 85,9 em fevereiro. A umidade relativa elevada agrava a temperatura sensível, sobretudo se a ventilação é fraca. "Embora — escreve Sampaio Ferraz — as noites de São Gabriel sejam mais agradáveis que as de Manaus, já não se poderá dizer o mesmo dos dias, simplesmente em razão da umidade relativa elevada da região aqui estudada, e de sua ventilação menor".

Com relação à nebulosidade, diz o considerado cientista, que ela é elevada, atingindo 7,5. Os meses menos nublados são setembro, outubro, novembro e dezembro.

As descargas pluviais são fortes, notando-se que o período mais chuvoso vai de novembro a maio. Acontece chover um dia sim e outro não, no inverno, e cada terceiro dia no verão.

Sob o ponto de vista da temperatura do ar, as noites são frescas. A média anual de suas mínimas, 21,7, é constante, e amena para clima equatorial de interior sem o menor vestígio de aridez. A média da temperatura nas 24 horas, durante observações de três anos, foi de 25,2.

Os meses mais frescos são os de maio, junho e julho, e os mais quentes — setembro, outubro e novembro, com curioso recrudescimento em fevereiro.

Passa o meteorologista a ocupar-se dos ventos reinantes no município, os quais são: N., NW., SE., E. e NE., sendo

os mais frequentes de N. Quanto aos alíseos, considera que a sua velocidade é pequena, pois que internados no continente, os alíseos já o atingem refreiados pelo atrito da superfície terrestre durante longo percurso. (**Pelo Rio-Mar.** (Publicação salesiana) págs. 6 e 7. Rio, 1941).

Vegetação — Para qualquer lado que se lance a vista é a mata a expressão mais viva e maior, estendendo-se indefinidamente com o seu viçor eterno, a sua seiva pujante. Parque vegetal imenso sôbre uma superfície enorme, em que os rios cavam o seu leito, e os lagos espelham a sua cristalina toalha líquida, tem sido o rio Negro o "paraíso dos naturalistas", que acodem àquela região levados pelo desejo de contribuir às ciências com os elementos novos que podem colhêr. Um dêles, Spruce, viajou pelo Içana e pelas terras beiradeiras de Cucuí, pórtico gigantesco de granito, que separa o Brasil da Venezuela.

"A descrição de Spruce, — escreve o Sr. H. Rice — de sua ascenção (refere-se à Pedra de Cucuí) é tão exata hoje quanto à descrição das particularidades botânicas e da petrografia, como o foi há sessenta e sete anos, quando escreve com todo o encanto, lucidez e viveza que distinguem seu estilo literário, e que causava uma impressão tão viva de seus conhecimentos gerais, engenho científico e aguda observação". (**El Rio Negro (Amazonas) y sus grandes afluentes de la Guiana Brasiliena.** Trad. de D. Juan Riano y Gaiangas. 1934).

Sôbre as matas, animais e plantas, é de invocar-se um escritor antigo, o sábio doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, que, se não fêz um estudo sistemático da flora daquelas solidões, forneceu grande cópia de material para o conhecimento então apoucado da botânica e da zoologia do vale.

As inúmeras remessas para Lisboa provam o seu esfôrço, o seu cuidado e amor à flora e à fauna, além das monografias que escreveu, de animais e espécies vegetais.

Sem aliás dar um documentário completo, vamos encontrar em suas páginas referências minuciosas às palmeiras, de que destaca as espécies tucumã, piaçaba, indaiá, açaí, murumuru, pindoba, ubim, caranaí, paxiúba etc. especificando como bom observador suas utilidades e fins. De outras espécies descreve as suas aplicações. Assim, ei-lo a informar que para bengalas e móveis há uma quantidade de excelentes madeiras, como as que aponta, — pau-marfim, patauá, tucumã, maçaranduba, abiorana, muirapinima, pau-cruz. Plantas tintórias, ou que produzem magnífica tinta, — anil, araruia, caapiranga, cumaté, uapixuna rôxo, macucu negro, muirapiranga vermelho, carajuru, pau-rainha etc. Passa a arrolar as espécies que produzem lãs : algodão, sumaúma, munguba, tauari etc. Os grandes lenhos, as árvores possantes não lhe escapam à retina : angelim, bacuri, barajuba, louro, conduru, copaíba, paracuuba, pau-amarelo, pau-de-arco, pau-rôxo, piquiá, acapu, acariquara, jacarandá, carapanaúba, cânfora do rio Negro, pau-Brasil, puxuri, cumaru e muitos outros.

De muitas árvores e arbustos recorda o emprêgo que lhes davam os índios para as suas doenças. Até as argálias os indígenas fabricavam das fibras que têm as fôlhas dos olhos da pacoveira de S. Tomé. "São as argálias naturais", escreve, "que facilitam a erupção da urina, quando há carnosidade na uretra".

Um esmerilhador da flora do Amazonas foi o distinto botânico Sr. Adolfo Ducke, que nos subministra largas noções da floresta hileiana.

"Tratando do rio Negro, — diz em relatório — antes de Barcelos aparecem as palmeiras caranaí (**Mauritia aculeata** H.B.K.) e jará-açu (**Leopoldinia** maior, Wall.) ambas em touceiras de muitas estipes.

De Barcelos para cima a paisagem torna-se cada vez mais bonita, a vegetação está mais florida. Vi em flôr — diz

Ducke — muitas leguminosas, rosáceas, liciditáceas, e, sobretudo, nas ilhas a **Hévea Benthamiana**; o bacuri-açu (**Platonia insigne,** Mart.).

Entre as leguminosas avulta o belo **Heterosteman mimosoides**, com flôres que lembram certas orquídeas do gênero **Catileya**.

Em Santa Isabel encontrei em flôr duas espécies (**H. Guianensis** e **H. Benthamiana**, a leguminosa **Alexa bauiniaeflora** n. ps., no pedral da cachoeira, a **Raratimelaeácea Lasiadennia rupestris**, Benth.".

De outra vez encontrou o botânico o célebre **Asterranthus brasiliensis** Desf., e descobriu um cipó da família das compostas, com flôres de um róseo intenso e magnífico.

O Sr. Adolfo Ducke tentou a escalada da montanha Curicuriari, cuja altitude êle calcula em mais de mil metros. "Vista de longe, do rio Negro, ela lembra a Tijuca do Rio de Janeiro, mas logo vê-se que é muito mais íngreme, parecendo inaccessíveis três picos mais altos de pedra nua".

"A serra — continua o Sr. Ducke — não foi ainda visitada por um botânico, mas o etnógrafo Teodoro Koch-Grunberg subiu um dos seus cumes até a base do paredão vertical".

Longo seria acompanhar o especialista através de rios e matas, não sòmente do rio Negro e sim de todo o vale do Amazonas, de onde recolheu uma enorme variedade de plantas para o Museu Botânico, em cujos quadros figura como funcionário de categoria superior.

O Dr. Luetzelburg, botânico da Inspeção de Fronteiras, dividiu fisiogràficamente a região, segundo lemos em uma revista, em quatro seções distintas :

a) a das caatingas. E' constituída de matas baixas, muito irregulares sem paus grossos e linheiros; com

vegetação densa, palmeiras, plantas foliadas e cipós, numa mistura contínua sôbre terreno alagado. E' rica em madeiramento mole;

b) a das terras firmes. A flora é rica em palmeiras;

c) a das barreiras e cachoeiras. O terreno apresenta o aspecto de campinas com vegetação semi-xerófila;

d) a dos lagos e paranás. O reino vegetal oferece o fácies das caatingas.

Um fato interessante foi observado pelo cientista alemão. Notou em vários rios que de um tronco tortuoso partiam galhos compridos paralelamente à fôlha de água, ostentando todos os seus ramos na direção horizontal, e explica biològicamente o fenômeno: havendo falta de espaço dentro da floresta espêssa, como também pela necessidade de receber bastante luz para a floração, o vegetal avança a sua galhada sôbre o rio, onde o sol vivificante vem beijá-la com seus raios dourados.

FAUNA — E' grande a quantidade de mamíferos, carnívoros, roedores, paquidermes, ruminantes, desdentados, cetáceos, como é abundante a quantidade de aves e pássaros, principalmente trepadores, galináceos, pernaltas e aves de rapina. Não menos copiosos são os réptis, lagartos, ofídios, peixes, tartarugas.

O mimetismo de que usam certos animais não deixa de impressionar os amigos da natureza. O camaleão furta-côr confunde-se fàcilmente com o meio que o cerca, e, além disso, possui aparelhos de locomoção que lhe permite trepar às árvores.

"As florestas — diz Artur Orlando — imitam o perfume umas das outras, por uma questão de defesa. As borboletas têm o instinto de não pousarem em ramos e fôlhas que não tenham parecença com a sua côr e formato.

As flôres fazem provisão de nectar aos insetos, e êstes prestam às plantas o serviço da fecundação.

Há estreita relação, pondera aquêle polígrafo, entre as espécies animais e as condições do meio exterior (geográfico, climático e alimentício), e esta relação determina não sòmente a extensão mas ainda a fixidez do **habitat.**

Os répteis preferem a invernação à imigração, os pássaros, pelo contrário, emigram, segundo as estações, e o fazem aos pares, em bandos ou por miríades. (**Flora e Fauna do Brasil** — "Revista da Academia Brasileira de Letras", Janeiro de 1911. Ano II, n.º 3).

Assim, registram-se no rio Negro grandes migrações de patos e garças do Orenoco, quando êste grande rio está cheio. A razão a que atribui Humboldt é a falta de alimentos, que não encontram no soberbo rio da Venezuela; mas logo que baixam as águas, para lá retornam em bandos.

POTAMOGRAFIA — A bacia hidrográfica do Amazonas forma um complexo considerável de rios, paranás e paranás-mirins, sobressaindo dentre todos o tão celebrado rio das Amazonas, em verdade, o maior do mundo. Seguem-se-lhe vários outros caudais, não menos notáveis pela vastidão e potencial de águas.

No número dos grandes rios da Amazônia figura o Negro, afluente da margem esquerda do Amazonas, enquanto o Madeira tem a supremacia entre os tributários da margem direita.

Rio Negro. — Já demos dêste grande rio uma noção no nosso estudo sôbre o Município de Barcelos, para não ser necessário reproduzí-lo aqui.

Todavia, damos alguns traços dêste notável caudal, que o Coronel Themístocles Paes de Sousa Brasil, numa descrição que dêle fêz, comparou-o a uma vitória-régia. "Tem-se a impressão — diz êle — de que a bacia rasa à feição de uma fôlha de vitória-régia cheia d'água, está a transbordar".

Esta impressão lhe veio talvez das grandes larguras que o rio assume em determinados lugares. A partir de Manaus, cidade plantada à sua margem esquerda, essas dilatações se observam de espaço a espaço, em que o rio se espraia por cêrca de cinquenta quilômetros de largura, a ponto de não se avistar uma das margens. Essas dilatações se reproduzem, de quando em quando, até Santa Isabel. Daí por diante o rio estreita um pouco, mas corre sôbre leito de pedras. As corredeiras nesta secção são inúmeras, porém onde se tornam tormentosas e mesmo perigosas é na garganta de São Gabriel, em que se comprimem as águas diluviais dêste imenso caudal, precipitando-se em saltos, rápidos e cachoeiras com os nomes locais, a que já fizemos alusão.

Climatològicamente, conforme observa o professor Raja Gabaglia, ao contrário do que se verifica na bacia do alto rio Branco, a sêca é de setembro a março, determinando frequentes incêndios nos campos e nas matas.

"Em São Gabriel, na confluência do Negro com o Uaupés, e situada pràticamente na linha do Equador, (6° 08 latitude S) a amplitude anual das temperaturas médias mensais, é apenas de 1° 4 C e a pluviosidade é de 2.960 milímetros".

Êste imponente rio, que nasce na Colômbia, depois de receber importantes afluentes, que lhe engrossam as águas, entra no território brasileiro cêrca da Pedra de Cucuí, de 440 metros de altitude, dominando tôda a vastidão da várzea integralmente vestida de matas virgens. Ao lado daquele monumento granítico, ergue-se a ilha de São José, por onde passa a nossa linha de limites com a República da Venezuela.

Na opinião do aludido professor Raja Gabaglia, o rio Negro é formado por três outros de constituição diferente e com fisionomia própria : o Guainia, o Uaupés e o Branco, tendo as suas fontes os dois primeiros na Colômbia. Para

os geógrafos descritivos, escreve aquêle autor, o rio Negro é o Guainia, que consideram seu ramo principal. "E' preciso notar que não assiste razão aos que assim pensam, pois a direção geral do rio Negro é a do Uaupés, de sorte que êste é que deveria ser considerado o rio principal; o curso do rio Negro seria então, de 3.000 quilômetros, ao passo que o Guainia-Negro tem pouco mais de 1.700 quilômetros.

A côr das águas, como a própria denominação do rio diz, é negra, de um escuro carregado de tinta de escrever, dizia La Condamine. Esta característica está nos étimos das designações antigas, dadas pelos naturais — Quiari, Paraná-Pixuna, Curano etc. que tôdas significam água escura. O nome rio Negro foi dado pelo aventureiro espanhol Francisco de Orellana, ao passar pela sua foz em 4 de junho de 1542.

Mas, não obstante as águas se apresentarem escuras, elas são tomadas em pequena porção, de uma côr de ambar cintilante, como notou o Sr. H. Rice, e são das mais límpidas e potáveis. Vários exames de laboratório têm revelado a pureza e propriedade higiênica da linfa do rio Negro.

E' um rio, apesar das proporções enormes de seus quadros, um tanto pesado e triste, nas suas baías, nas suas lagunas, nos seus enormes paranás, nos recortes de suas enseadas longínquas.

Suas praias são alvíssimas, contrastando com as do Solimões que são morenas.

Geralmente é dividido em duas secções, a do alto e baixo curso, assim denominados pelo geólogo Sr. Glycon de Paiva "os trechos a montante e a jusante da garganta de São Gabriel". A denominação não é justa, pondera aquêle técnico, porque o alto curso em nada se distingue do baixo, sob o ponto de vista do trabalho do rio". (**O Vale do Rio Negro**, "Boletim n.º 40, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil". 1929).

Já o professor Raja Gabaglia diz que em território nacional o curso pode ser dividido em dois escalões, um com a extensão de 442 quilômetros de Cucuí a Santa Isabel, e o outro, das primeiras corredeiras em Santa Isabel até a confluência no Solimões. (**A bacia do Rio Negro**, "Boletim Geográfico", n.º 35, fevereiro de 1946).

Rio Xié — O Xié ou Ixié deságua à margem direita do rio Negro, nove léguas abaixo da povoação de Marabitanas, onde o govêrno português, nos idos coloniais, mandou erguer um forte, destinado a obstar o passo ao castelhano, cobiçoso da região. Corre entre o Uaupés e o Içana.

Seu curso é de 300 quilômetros, e é francamente navegável até as cachoeiras, conhecidas pelos nomes Cumati-Cachoeira, Pamá, Malacenha e Arô. A respeito da primeira, escreve o General Boanerges Lopes de Sousa: "A Cumati-Cachoeira é o primeiro obstáculo que encontramos no Xié. A secção encachoeirada tem 250 metros por 350. O desnível é de dois metros. A vazão se faz junto à margem direita, sôbre lages de granito". (**Explorações Geográficas na Região do Alto Rio Negro**", Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", Vol. V, pág. 94, 1944).

Nas matas marginais observam-se muitas árvores de molongó, macucu, castanha de macaco, arapari, e inúmeras palmeiras, entre as quais distinguem-se a açaí, a bacaba, a patauá e a jará.

As águas do Xié são claras. Suas nascentes acham-se no divisor com o Guainia. Entre os seus formadores acha-se o rio Canhocandela, ou rio do Fogo, que possui a particularidade de ter as águas avermelhadas. Outro formador é o rio Uriapis.

O Xié foi antigamente habitado pelos índios Banibas, Uerequena, Mendó e outros. Atualmente vivem em seus sítios, nas terras altas, alguns clãns de Banibas e Siucis, que

se ocupam da extração de borracha, balata e piaçaba, de que tecem cabos e fabricam vassouras.

Rio Içana. — O Içana é afluente da margem austral do Negro, onde desemboca por uma foz de 650 metros de largura.

Os indígenas assim o denominaram devido às muitas voltas que o rio faz na sua trajetória. Içana quer dizer laço.

"E' um rio que se assemelha muito ao Uaupés — diz o General Boanerges Lopes de Sousa — no seu curso inferior que podemos considerar até Iandu-Cachoeira, apresenta feições análogas ao baixo Uaupés, correndo sôbre dois terraços acidentados pelo desnível do Tunui, onde o rio rompe caminho através do esporão do maciço de Itacolomi definido pela serra do Tunui".

O Içana está superior ao Uaupés oito léguas, e tem as suas cabeceiras na Colômbia.

De aspecto majestoso, com inúmeros canais e lagos, recebendo a contribuição de muitos rios, alguns dêles volumosos, o Içana abriga nas suas margens e nas dos seus tributários muitas famílias de índios Hoodenis, Siucis, Iras-Tapúias, Juruparis, Arara-Tapúias.

Dos seus contribuintes destacam-se o Cuiari e o Iraipi, à margem esquerda; o Piraiuara, o Aiari e o Cubaté, à direita.

Geralmente é designado com ênfase por "caudal dos Baníuas".

Descendo por degraus formados pela serra do Tunui e outras elevações, o seu curso é interrompido por vários tombos, dos quais se distinguem os seguintes : Cachoeira-Malacacheta, Tunui-Cachoeira, Iui-Iuitera, Popunha-Rupitá, Iandu-Cachoeira. Fora dessas quedas o rio tem corrente morosa.

O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira o explorou em 1785, sem que houvesse chegado às suas cabeceiras, que,

como dissemos, acham-se na Colômbia. Seu rumo geral é S.E.

O Içana foi centro de muitas tribos indígenas de Banibas, Tumaiaris, Deçanas, Puetanas, Uerequenas. Descendentes dêsses índios povoam-lhe as margens.

Os etnólogos sustentam que êsses aborígenes perderam a pureza da raça devido ao cruzamento com outros povos e com os brancos, que ali aparecem, não para civilizá-los, e sim para escravizá-los e aviltá-los.

Estão reduzidos a algumas famílias habitando sítios esparsos ao longo do rio, vivendo de pequena agricultura, de caça e pesca, em malocas, e conservando as suas antigas crenças e cerimônias. Dão-se à arte da cerâmica.

Recolhendo material de estudos etnográficos, em 1927, Curt Nimuendaju viajou por êste rio. Os índios, ao avistar a canoa, ocultavam-se no mato. Apenas alguns principais dêsses grupos de famílias o recebiam com aspecto severo, adiantando logo: "Aqui não tem nada". Outros menos reservados aproximavam-se do forasteiro, e vendiam-lhe, sempre pelo dôbro, farinha, beijus, peixe moqueado.

Viu o etnógrafo grossos bastões ôcos de embauiura destinados a marcar o compasso nas danças, diademas de penas com pendentes dorsais.

Os Iauretés-Tapuios são bons fabricantes de louça fazem pratos com muito gôsto e beleza.

Nas vizinhanças do cerro do Tunui tinham as suas malocas e roçados os Baníuas, Acaiacas e Cadaupuritanas.

Certo dia correu por todo o rio que o Capitão Firmino vinha com uma fôrça prendê-los e massacrá-los. Aonde chegava a notícia alarmante os índios tratavam de fugir para os matos, ou subir o rio em demanda da Venezuela. Ficaram as suas margens quase desertas, porque muitos poucos deixaram-se ficar.

A missão do militar porém era outra, de paz, e não de violência; tinha por fim convencê-los de que não havia perseguições, e o seu desejo era reuní-los, para que cuidassem de suas ocupações.

Aconteceu que um índio venezuelano, por nome Venâncio, da tribo dos Baníuas, fêz-se enviado de Deus, um nôvo Cristo, e como tal anunciava milagres, fazia casamentos, batisados, descasava os casados, sendo de logo acompanhado por uma turma de discípulos.

Viu-se o govêrno do Amazonas na contingência de mandar prender o índio solerte, que se dizia santo, e os embusteiros, que o seguiam.

Os soldados do forte de São Gabriel, fizeram-os debandar. Daí a notícia de que a expedição do Capitão Firmino Xavier, encarregado das obras militares de Cucuí, e diretor dos índios do Içana, ia prendê-los e castigá-los, produzindo a fuga em massa dos habitantes.

O então Presidente da Provínica, Dr. Francisco José Furtado, em sua mensagem à Assembléia Legislativa Provincial, em setembro de 1858, escrevia:

"Devo, porém, referir-vos as reuniões de índios no Içana e outros lugares do alto rio Negro, promovidas por alguns charlatães que, intitulando-se Cristos, lograram iludir os índios, e extorquir-lhes os seus poucos haveres, batisando-os, casando-os e descasando-os no meio de continuadas danças e orgias.

Informado pelo meu ilustre antecessor da primeira reunião capitaneada por um índio venezuelano, e que S. Excia. havia resolvido mandar o Padre Romualdo Gonçalves de Azevedo como missionário, a fim de chamar os índios às suas casas e ocupações, desiludindo-os dos embustes do falso Cristo, o fiz partir a 18 de novembro de 1857, dando-lhe as necessárias instruções e ao Capitão Joaquim Firmino

Xavier, encarregado das obras de Cucuí, que o devia coadjuvar para mais seguro resultado da comissão.

Antes da chegada do missionário, uma escolta mandada pelo comandante do forte de São Gabriel havia dispersado a reunião e prendido dois índios e uma índia brasileiros, que se diziam São Lourenço, Padre Santo e Santa Maria, os quais aqui chegaram a 2 de novembro de 1857, e foram por mim empregados nas obras públicas, onde se conservam pacìficamente, tendo falecido, há dois dias, um dêles". (**Relatórios da Presidência da Província do Amazonas.** Vol. IV).

Diz que o pretenso "Cristo" evadiu-se para a Venezuela, e que, tendo o missionário adoecido, o Capitão Firmino percorreu, sem oposição alguma dos indígenas, o rio Içana, conseguindo tirar dos matos e reunir nas suas povoações a muitos ali homisiados (1).

Na foz do Içana existiu em algum tempo o povoado de Nossa Senhora da Guia.

Rio Aiari — Segundo o General Boanerges Lopes de Sousa, o rio Aiari lembra em ponto menor o Negro com as suas águas escuras e as suas praias alvíssimas.

Tem o leito arenoso em seu curso inferior, livre de pedras e cachoeiras. No inverno cobre as margens que são baixas e forma extensos e profundos igapós.

É o maior afluente do Içana, que nêle se lança pela margem direita. De certa altura em diante começam a aparecer pedras e rochedos e não tardam os patamares de rochas formadores das cachoeiras, designadas pelos nomes de Apuí-Cachoeira e Araripi-Cachoeira.

---

(1) O relatório do Capitão Firmino Xavier, que foi até a fronteira com a Venezuela, é uma peça interessante, que foi publicada no "Arquivo do Amazonas", de 23 de abril de 1907 — Vol. I — n.º 4.

Diz Curt Nimuendaju que Apuí-Cachoeira é tida como o lugar de origem dos Baníuas que, de acôrdo com a lenda, saíram de uma caverna de uma das pedras no meio do rio. Além dêstes silvícolas habitam o Aiari, os Siucis-Tapuias, Uananas, Hoodenis e Juruparis-Tapuias.

Numa maloca dos Hoodenis foi o etnógrafo servido de beijus e cuinhapira e cuias com xibé.

E' costume ao chegarem índios de outras tribos vizinhas, serem recebidos com longos discursos de saudação, fornecendo-se-lhes em seguida caxiri, bebida muito usual entre êles, bem como caapi, nas festas.

Um filho do chefe da maloca Seringa-Cachoeira andava acima e abaixo vaidosamente ostentando o seu enorme enfeite peitoral, composto de triângulos de prata reluzentes, e cuidadosa pintura do rosto, e o feixe de fôlhas aromáticas metido no cordão da cintura.

"Usam êstes índios — escreve Curt Nimuendaju — tocar flautas de iapurutu e ocarinas feitas de crânio de veado".

Rio Cuiari — É um dos mais caudalosos contribuintes do Içana pela sua margem esquerda. Corre em solo brasileiro cêrca de 100 quilômetros por entre margens, onde cresce uma vegetação composta de árvores frondosas e se encontra com abundância uma fava que os índios chamam "comanda", apresentando a curiosidade de uma dilatação ôca no caule, onde se alojam formigas em comensalismo com a planta, defendendo-a do ataque das saúvas. (Glycon de Paiva, obra cit. pág. 43).

Aliás, essa leguminosa é encontrada copiosamente nas margens do Içana e do Aiari.

Nota-se, na parte do baixo curso do rio, inúmeros paranás-mirins e a formação de grandes baías.

Há poucos anos o General Boanerges Lopes de Sousa, membro da Comissão de Fronteiras, explorou êste e outros rios da região, realizando reconhecimentos geográficos e levantamentos.

Rio Uaupés — Assinala-se por seu curso de 850 quilômetros, pela vastidão de suas águas levemente barrentas e pela quantidade de cachoeiras, que lhe obstruem o leito.

O Uaupés é um rio de bonitas perspectivas, de paisagens formidáveis. Ainda hoje é o rio talvez mais habitado por índios, e onde, segundo o depoimento de Glycon de Paiva, as tribos procuram a todo transe guardar a língua, a religião, os costumes e a tradição dos seus maiores. "É talvez um dos únicos pontos do Brasil inteiro onde se possa ter a impressão do ambiente dos primeiros anos de nossa existência. O índio do Uaupés não entende português, não se veste e se esquiva do branco".

Em território brasileiro o Uaupés percorre 516 quilômetros. Nasce nos Andes colombianos, sua corrente deriva no rumo geral sudeste próximo de oeste-leste (Glycon de Paiva).

É todo êle cheio de cachoeiras, algumas delas inacessíveis, trabalhosas de vencer. É preciso descarregar a carga das lanchas, motores e ubás, e passá-la por terra. Para êste mister existem varadouros por onde se faz o transporte da carga. Os próprios índios se encarregam desta operação.

As cachoeiras principais são, na classificação do geólogo Glycon de Paiva, as seguintes :

1 — Ipanoré-Urubuquara;

2 — Iauaretê, começando em Uacari-Aca, acabando em Maripira;

3 — Caruru-Cachoeira até Panapaná;

4 — Tapiira-Iurau com as célebres quedas Cemitério e Cumá;

5 — Jacaré-Cachoeira;

6 — Jacamin, Pacu, Tamanduá, Piranhas, Tucano e Tucunaré.

Devido às muitas tribos que ali existem, tem sido o Uaupés percorrido por várias celebridades mundiais em etnografia, como Wallace, Natterer, Koch-Grunberg, Curt Nimuendaju e outros.

Na região, segundo Lima Figueiredo, vivem os descendentes dos povos Aruaques, Caribés, Cubéus, Tucanos e Macus, êstes últimos considerados raça inferior. Hoje estas tribos estão subdivididas em várias subraças, como os Siucis, os Carutanas, os Hoodenis, os Ipecas, os Deçanas, os Cauás, os Arapaces, os Tijucas, os Borás, os Jaúnas, os Uaruanas e outras, tôdas conhecidas e estudadas nos seus costumes, crenças e mitos, dos quais o mais interessante é o do Jurupari. (Anísio Jobim, **Monografia Geográfica do Estado do Amazonas**, pág. 186. — 1949).

São principais afluentes do Uaupés: Tiquié, Papuri, Querari e Cuduiari, correndo êstes dois últimos por terras colombianas. A nossa linha de limites com a Colômbia define-se no rio Querari, tributário da margem esquerda, cortando-o pela foz.

Glycon de Paiva, com o seu talento vibrátil, dá uma descrição excelente dêste rio no seu magnífico trabalho já citado, **"Vale do Rio Negro"**.

Na introdução ao seu livro, escreve: "O alto Uaupés é a fonte da filigranada tessitura da lenda e da mitologia da planície: De Tunui — um maciço montanhoso do Içana — desceu a longa teoria de Mulheres que, descuidosas de seus ingratos maridos, presas aos encantos da palavra sutil de Iurupari, foram, rio abaixo, habitar sòzinhas o Iamundá, onde Orellana as viu e chamou-as Amazonas e assim também à Terra ao Rio".

Rio Tiquié — O afluente Tiquié representa um grande rio com muitos patamares de cachoeiras. Seu comprimento é de 350 quilômetros.

Rio Papuri — É outro contribuinte de grande calibragem; sua extensão é calculada em 280 quilômetros.

Em seu álveo coalhado de obstáculos, contam-se nada menos de 59 cachoeiras, muitas delas impetuosas.

Vários outros rios desembocam no Negro pela sua margem meridional. Assim, o Tomo, o Curicuriari, o Marié, o Urubaxi, o Inuixi.

Rio Curicuriari — Tem a sua barra próxima à decadente povoação de Camanau. É um rio ainda selvagem, por desbravar, habitado por alguns índios brabos, que têm acometido exploradores de castanha e de balata. Tem longo curso, as águas frias e escuras.

Percorreu-o em viagem de estudos o notável etnógrafo alemão Koch-Grunberg. Também o visitou por três vêzes com o fim de examinar a sua flora o considerado botânico Sr. Adolfo Ducke, em 1934, 1935 e 1937.

Anotou o especialista a existência, no igapó da bôca do rio, do **Asterranthus brasiliensis** com as suas grandes flôres côr de ouro e de estrutura singular; da **Qualea suprema** n. sp.; **Voquisiácea,** com uma só pétala muito grande e de um azul magnífico; da **Dimarphandra unijuga,** Tul. e **Hortia Coccinea,** Spruce.

Em todo o curso inferior do rio aparecem árvores muito belas. Na cachoeira do Caju deparou-se-lhe uma paisagem verdadeiramente encantadora, terreno acidentado, e por tôda parte as copas floridas do "iebaro" **(Eperua purpurea)** de um róseo purpúreo tão brilhante e intenso que, na conformidade com a crença indígena, "faz mal à vista".

Informa o saudoso botânico que há extensos tratos de terra, onde a caatinga chega até à beira do rio, tendo

feição especial com muitas rosáceas (**Licania**) e não raramente **Cyrilla antillana,** e **Lightia licanioides,** uma das duas únicas trigoniáceas arbóreas conhecidas. O botânico dirigiu-se à terceira cachoeira, chamada Dabaru, onde descobriu na mata da margem a nova e bela espécie de **Ocnáceas** (Wallace multiflora Duck), segunda de um gênero considerado monotípico. Das árvores mais altas aponta o puxurira (**Ocotea fragrantissima** Fam. lauráceas), cujo madeiro possui em grau intenso o aroma da fava do puxuri, proveniente de uma outra laurácea, às vêzes cultivada (**Acrodiclidium puchuri** maior). Encontrou também a árvore do duraque (**Aguiária**, nôvo gênero de bombáceas).

Rio Marié — O Marié serpenteia por montes e vales, tendo na foz a largura de um quarto de légua, e muitas pedras.

Conta Alexandre Rodrigues Ferreira que "nêle entraram acompanhando ao principal Manacaçari, por ordem do Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando nesta (Mariuá), residiu pela primeira vez o Capitão de Infantaria Estevão Joseph da Costa, o Tenente Manoel da Silva Alves, o desenhador Joseph Antônio Landi, com um corpo de tropa, no desígnio de trazerem a gente que a S. Excia., prometeu o principal; e havendo o capitão destacado da ilha, em que se aposentou no meio do rio, o Cabo de Esquadra Joseph com 2 ou 3 soldados, e alguns índios para as terras do gentio, que lhe ficavam fronteiras, bem cedo se desenganaram da sua perfídia, porque mataram o cabo, um soldado e alguns índios, e feito o delito se retiraram".

Era habitado pelas tribos Mepuri e Macu.

Por êste rio se passa ao Japurá. (**Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro** — "Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", Tomo XLVIII, pág. 96).

Pela margem esquerda do rio Negro defluem os rios Dimiti, Mararuiá, Cababuri, Padauirí e outros menores.

Rio Dimiti — O Dimiti tem 80 quilômetros de curso, e 120 metros de largura. E' geralmente profundo. Suas águas são escuras.

Rio Cauaburi — Também é conhecido por Cababoris, Caraburi, Cataburis e Cabori. Nasce na encosta meridional da serra Imeri, na Guiana. Descreve longa trajetória na direção sul. A começar da foz do Maturacá inclina-se para o nascente.

O Cauaburi é caudaloso e encachoeirado. Recebe uma quantidade de afluentes em ambas as margens. Suas matas são umbrosas e viridentes.

Em 1786 foi visitado pelo naturalista filósofo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que chegou até à confluência do Cauaburi com o rio Maturacá, acompanhado por seu auxiliar Joaquim Codena.

Pelo Maturacá subiu, segundo nos informa o referido naturalista, naquele ano, o Cabo de Esquadra Raimundo Maurício, e na distância de dia e meio de viagem, encontrou uma cachoeira grande; daí se entra o rio a repartir em vários igarapés, um dos quais vai sair ao rio Pacimoni, e por êle descendo, ao canal Cassiquiare.

Alexandre Rodrigues Ferreira nos informa que o rio enche repentinamente, em caindo pouca chuva, e com a mesma presteza com que enche, êle vaza; que a maior parte de suas margens são alagadiças, e que povoam-no uma infinidade de mosquitos. Sua corrente é impetuosa, e não obstante ter as águas claras, elas se turvam com as enxurradas das serras.

Logo perto da foz há uma grande cachoeira, seguindo-se a esta mais duas menores. De certa altura distinguem-se duas serras, a dos Mabius e a do Cauaburi, que na sua expressão "parece uma praça arruinada".

Descrevendo esta montanha, diz que o cume é escalvado e consta de saxo, o qual chega a adquirir com o sol um

tal grau de calor que incendeia o restolho, que nêle há; e do fogo assim exercitado procede nos índios, que o observam, a admiração com que vêem e contam uns aos outros, que há na dita serra um fogo prodigioso, porque ignoram a causa : uma das suas sumidades se apresenta em forma de um grupo farpado, e é absolutamente inacessível.

Referências ao rio Cauaburi faz o General Dionísio de Cerqueira : "o rio corre com velocidade; as margens são mais ou menos elevadas; em certos lugares deprimem-se e o rio invade as matas formando profundos igapós. As águas são barrentas. A vegetação é esplêndida. De certo ponto em diante começa-se a avistar a serra de Onori com seus altos picos quase nus e de côr avermelhada que se assemelham a essas ruínas de castelos feudais, que vemos nas paisagens do Rheno. (**Reminiscências da Fronteira.** Rio, 1928).

Rio Padauiri — Na segunda metade do século XVIII, escrevia o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira a respeito dêste rio, dizendo que êle é de águas brancas, correntoso, que vem de norte a sul, e que deságua à margem setentrional do Negro, defronte da povoação de Tomar. Pouco adiante de sua barra apresenta-se a sua primeira cachoeira, com barreiras de quatro e cinco braças de altura.

Encontrou algumas roças de moradores de Tomar, de café, mandioca, tabaco e anil. As experiências feitas com sementes de linho cânhamo não deram o resultado desejado, por falta de poder germinativo das referidas sementes.

"E' rio êste mais que abundante das palmeiras muruti, jauarí, açaí; a piaçaba é mais rara. Em qualquer parte há ubim; só da cachoeira para cima há ubussu para a cobertura das casas, e nos rios colaterais, assim como nas suas cabeceiras, alguma salsa e copaíba aparece. Pela vazante do rio tiram-se dêle bastantes tartarugas, das que por aqui se chamam jurarás e tracajás, bem como os peixes tucunaré,

traíra, aracu, piraíba, grandíssimas piranhas de 2, 3, e 5 libras de pêso, surubim etc., e de rio cheio algum peixe-boi".

"Nas terras das margens aparecem os jabutis, os caititus, veados etc., e nadam no rio infinitas lontras, antas e capivaras e quanto às aves nunca vi tantos mutuns e cujubins".

Um dos maiores afluentes da margem ocidental do Padauiri é o Marari, que tem as suas fontes nas fraldas da serra Tapirapecó.

O Padauiri era considerado até poucos anos pestilento, porém depois que começou a ser devassado pelos seringueiros, castanheiros e balateiros, e se foram extraindo dêle os seus produtos naturais, sensìvelmente foi-se modificando o seu ambiente agressivo, de sorte que já hoje não é temido, e conta um bom número de moradores, que lá foram se estabelecer.

De 1879 a 1884, por ocasião da demarcação dos nossos limites com a Venezuela, a comissão brasileira composta do Tenente-Coronel Francisco Xavier Lopes de Araujo, Barão de Parima, chefe, Major Guilherme Carlos Lassance, Capitão Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel, Capitão Dionísio Evangelista de Cerqueira, Tenente Taumaturgo de Azevedo e mais auxiliares, teve de sofrer duro castigo das moléstias reinantes.

Em relatório descreve o Barão de Parima o que foi essa longa exploração em regiões desconhecidas, selvagens e doentias, os sofrimentos impostos aos seus componentes, as perdas de homens, e todos os percalços de expedições como esta, que vibra mais que tudo em seus responsáveis o amor à pátria.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA CIDADE DE S. GABRIEL — A atual cidade de S. Gabriel, ex-Uaupés, foi na sua origem, em meados do século XVIII, uma maloca de índios Passés, situada à margem setentrional do rio Negro, em

pleno domínio das cachoeiras, e na sua parte mais estreita, defronte da chamada Praia Grande e do primeiro salto da catadupa do Crocobi.

Da Praia Grande parte uma estrada que leva ao centro da povoação constituída numa eminência granítica, que vai se elevando aos poucos.

Ali foram se estabelecer os Passés, a que vieram se reunir outros índios, das nações Baré, Mapuri e Jurupixunas, descidos do sertão. As casas surgiram sem alinhamento devido as desigualdades do terreno.

Em 1761 subiu, por ordem do Governador da Capitania, o Capitão de Granadeiros José da Silva Delgado, com o objetivo de montar sôbre a esplanada da colina rochosa uma casa forte, que se destinava a defender aquela parte superior do rio contra uma possível invasão espanhola, já várias vêzes anteriormente tentada.

O forte de pedra e barro constava de dois baluartes, na frente, e das cortinas, que o fechavam pelos lados e pela retaguarda.

Possuia dez peças de ferro, montadas em suas carretas, a saber : seis de calibre 4, e 4 de calibre de meio.

Um quartel para a guarnição, um parque de armas e mais apetrechos de guerra, uma casa da pólvora e um calabouço eram as dependências daquela primeira fortificação. Dizemos primeira, porque, reconhecidas as suas deficiências, por informações dos oficiais que a comandaram com uma fôrça de perto de sessenta praças, o General Manuel Bernardo de Melo e Castro, Governador do Grão Pará, fêz seguir, em 1762, para aquêle distrito o engenheiro alemão Filipe Sturn, a serviço das demarcações portuguêsas, a fim de corrigir as lacunas do referido forte. Filipe Sturn levantou um reduto para defender o passo rio acima e pelo lado do norte, o que não se podia esperar da fortaleza construída na ilha. Ainda em 1775 experimentou essa

trincheira de pau a pique, com dois baluartes na frente, algumas modificações, que a completaram, subsistindo apenas atualmente dessa obra alguns escombros e velhas ruínas.

No número dos fronteiros que passaram pelo seu comando figuram o referido engenheiro Filipe Sturn, o Tenente-Coronel João Batista Mardel e o Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, que chegou a São Gabriel a 3 de maio de 1774, na qualidade de Comandante militar das cachoeiras do rio Negro.

Informa o naturalista filósofo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que para se chegar à fortaleza e à igreja matriz, era preciso subir uma longa escada de dezesseis degraus, que ficavam sensìvelmente distanciados um do outro.

A igreja, edificada ao lado do forte, era espaçosa, "um barracão de madeira coberto de palha, interiormente pintado com a decência precisa".

No altar-mor achavam-se duas imagens, a de Nossa Senhora da Conceição e a do Arcanjo São Gabriel.

O eminente historiador dá uma relação das alfaias e paramentos então pertencentes à matriz, em que destaca uma pixide de prata dourada com manto de lhama branco, rendado de ouro, um cálice também de prata dourada, com a sua patena, duas caixas de madeira com as âmbulas de estanho para os santos óleos, dois castiçais grandes, e nove ditos pequenos de estanho, um par de galhetas, um lavatório, uma campaínha. Havia mais dois frontais de damasco branco com sebastos de encarnado, uma casula com manípulo, e estola do mesmo, uma capa de asperges de damasco branco, e da mesma côr o véu de ombros; o fôrro e as cortinas interiores do sacrário, e o pálio eram de damasco encarnado. O pendão das procissões era de tafetá branco; existiam além dêle duas mangas de cruz, branca e rôxa; as cortinas de chita azul para tôdas as portas e janelas da capela-mor, e as outras ditas de riscado para

tôdas as portas, menos a tribuna. Outros utensílios foram mencionados pelo arguto observador. A igreja não tinha sino.

O vigário queixava-se que na sua residência tudo se umedecia, e se destruía o sabão, o sal, a pólvora, a roupa.

A paróquia do município de São Gabriel data de 25 de junho de 1833, porém em 1775 o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira fala nas freguesias de São Gabriel e São José dos Marabitanas, e diz que os vigários que paroquiaram as duas freguesias, antes de serem divididas, foram seis, desde Fr. José de Santa Úrsula, religioso franciscano, até ao Padre Martinho Pereira Lima, presbítero secular; depois da divisão, que se fêz no ano de 1774, contavam-se quatro, desde Fr. Domingos do Rosário, até o Fr. Manuel do Monte Carmelo, ambos religiosos carmelitas.

Um século decorrido, o panorama da vila não era muito diferente. O aspecto geral quase o mesmo. A paisagem como que parada.

E' assim que em 1861 o engenheiro Dr. Leovegildo de Sousa Coelho, que foi em comissão do govêrno do Amazonas ao alto rio Negro, entre outros fins observar o estado das povoações do dito rio Negro, traça com mão hábil o perfil bárbaro de São Gabriel.

"O lugar em que está colocada a povoação de São Gabriel — dizia êle — é bastante alto, tendo em alguns lugares mais de vinte braças acima do nível de água do rio. A povoação consta de 33 casas, incluindo a residência paroquial e a igreja.

As casas formam uma única rua cheia de altos e baixos na direção N.S., elas são em geral de um bonito aspecto e muitas são rebocadas e caiadas.

As descidas para as margens do rio são bastante íngremes, com exceção da que fica ao sul da povoação. Esta fica entre duas cachoeiras, uma das quais chama-se

Crocobi; em uma das baixas do terreno corre um estreito igarapé denominado Maxiacá, sôbre o qual estão umas traves em forma de ponte.

A residência paroquial, construída gratuitamente pelos habitantes da povoação, é um bom e bem feito edifício.

O cemitério é o melhor de tôdas as povoações do rio Negro, fica em um lugar elevado. E' todo cercado; as estacas da frente estão arranjadas de modo que representam diversos frontões a quem vem de longe". (**Relatório sôbre o estado das povoações do rio Negro.** "Relatórios da Presidência da Província do Amazonas", Vol. II, Págs. 817-818).

A instrução era coisa muito precária no rio Negro; basta dizer que era raro o inspetor que sabia ler. Havia três professores de português, o de Barcelos, o de Tomar e o de São Gabriel, o primeiro era o único que tinha discípulos. Os moradores, refere o engenheiro, não queriam mandar seus filhos para a escola, porque desejavam antes aprendessem a caçar e a pescar, do que a ler.

O Município. Divisão em Distritos e Subdistritos — Uaupés, atual município de São Gabriel, segundo o plano administrativo e judiciário, organizado para servir no quinquênio 1944-1948, estava dividido nos distritos seguintes :

Uaupés, Içana, Iauaretê e Tapuruquara.

O primeiro foi subdividido nos subdistritos Uaupés, Cucuí e São Pedro; o segundo (ex-São Filipe) nos subdistritos do Içana e Marabitanas; o terceiro, Iauretê, nos subdistritos de Iauaretê, Taracuá e São Joaquim e o quarto Tapuruquara, (ex-Santa Isabel) nos subdistritos de Castanheiro, Carmo e Jurubaxi.

Tapuruquara demora na margem norte do rio Negro. Achou-se em outro tempo na ribanceira do sul. Chamava-se então Vajauari, tendo perto e um pouco acima a bôca do rio Urubaxi, que La Condamine grafou errado para Yurubech.

Autorizou a mudança do povoado para o local em que estava o Governador da Capitania de São José do Rio Negro, Coronel Joaquim Tinoco Valente, no ano de 1774. Denominava-se Uautari o nôvo sítio, diz Alexandre Rodrigues Ferreira, para onde se mudou, o qual, suposto que terras férteis, não deixa de ser infestado de piuns e das mutucas, pela vazante do rio.

Era povoado de índios Uaupés, Juris, Passés, Baníuas, Uarequenas e Macus.

Ao serem mudados os nomes de cidades, vilas e povoados, para evitar duplicatas de denominação, na forma do Decreto-lei 311, do govêrno federal, trocaram-lhe o designativo para Tapuruquara, escolha pouco feliz. Pois se tinha o nome de Uautari, era conservar-lhe o topônimo indígena muito mais sonoro, tendo ainda a seu favor a tradição.

Tapuruquara chama-se uma corredeira das muitas que existem acima da localidade.

Esta povoação em extremo decadente está a 423 milhas da capital, e é ponto terminal da linha de navegação dos vapores do SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e Administração do Pôrto do Pará).

Castanheiro Novo — Foi antigamente habitado de índios Passés, Juris e Chamas. Sua fundação data de 1774.

Nossa Senhora de Loreto de Maçarabi — Povoação de indígenas e mestiços, fundou-a o português Antônio José da Cunha, em 1772. Repousa sôbre lages de granito. Nas ilhas defronte cresce abundantemente a árvore da casca preciosa, conhecida pelos naturais por inidau. Nos tempos coloniais fazia-se grande comércio das cascas desta árvore. A devastação não respeitou êste patrimônio importante.

São Bernardo de Camanau — Está situada esta povoação, cujo estado é de inteira decadência, à margem norte do rio Negro, tendo recebido o nome de seu fundador, o

tuxáua Camanau, que faleceu na foz do rio Piraparaná, ao sair para o rio dos Apapóris, a serviço de descimento do gentio para aumento da população de Caldas, no rio Cauaburi.

O pôrto de São Bernardo de Camanau dista doze léguas de São Gabriel, e é constituído de um longo recife de pedras, que quase atravessa o rio de uma a outra margem, e em que segundo Alexandre Rodrigues Ferreira, "a celeridade das correntes, os redemoinhos das águas e o estrondo que faz ao despenharem-se dos altos, tudo isto contrai o espírito mais desembaraçado".

Outras povoações fundadas na bacia superior do Negro desapareceram.

Ainda existiam em 1833, segundo Baena, as aldeias de São Bernardo de Camanau, São Miguel de Iparana, Nossa Senhora de Nazaré do Curiana, Nossa Senhora do Loreto, São João do Mabé, São Marcelino e a aldeia de Guia.

Perante êste estranho desaparecimento de povoados e vilas, o Cônego Bernardino de Souza, um estudioso das coisas do Amazonas, exclamava :

"Não sei que mau fado persegue êste imenso vale do Amazonas, aqui parece que o mundo não caminha, retrograda; aqui as povoações em vez de aumentarem e crescerem, diminuem e desaparecem. Revendo-se os mapas e as corografias da Província, reconhece-se que a tendência à ruína e a destruição é endêmica neste vale, como as febres que nas cabeceiras dos rios dizimam a população.

"O rio Negro, por exemplo, outrora tão povoado e florescente, é hoje quase um deserto, e povoações que ainda em 1833 existiam, como Lamalonga, S. Bernardo, S. Miguel do Iparana, Nossa Senhora de Nazaré de Curiana, Loreto, S. João de Mabé, Carvoeiro Novo e Carmo, nem delas hoje existem ruínas.

Êste desmoronamento, essa destruição vai atacando também as povoações que ainda restam". (**Comissão do Madeira, Pará e Amazonas.** Segunda Parte, pág. 122).

O autor refere-se ainda ao declínio quase vertiginoso de Barcelos, cuja história enche os nossos anais políticos e sociais.

A razão dêste destroço, do desaparecimento de povoados, tem sido levado a conta de os habitantes abandoná-los e entranharem-se pelos matos, e edificar as suas palhoças nas margens dos inúmeros igarapés e lagos, ao pavor que lhes despertava o recrutamento, e às arbitrariedades cometidas pelos subdelegados e inspetores dos povoados, e também algumas vêzes, em outros tempos, aos ataques contínuos de algumas tribos selvagens. No número dos que assim pensam acha-se o Dr. Leovegildo de Sousa Coelho.

São José dos Marabitanas — Está colocada esta povoação acima da foz do Xié, na sua margem meridional. Aí fundou o govêrno colonial uma casa forte, para conter o surto de expansionismo espanhol.

A igreja matriz erguia-se em frente ao referido forte, havendo uma capela no interior do mesmo, em ambas entronizada a imagem de São José, padroeiro da localidade.

A população constava de 206 índios e aldeanos em número de 107.

Em 1861 tinha a povoação cinco ruas em diversas direções. Em 1879 a Comissão Mista de Limites Brasil-Venezuela, chefiada a turma brasileira pelo Barão de Parima, passou em São José dos Marabitanas cêrca de um mês, à espera dos seus colegas venezuelanos. A êsse tempo tinha o povoado 22 casas cobertas de palha, uma igreja velha e um cemitério.

Lá também estêve em trabalhos demarcatórios a Comissão Mista Brasileira de Limites do Setor Oeste, em 1935.

A população era de côr baça e terrosa, e vivia flagelada pelas febres, alimentando-se miseràvelmente de peixe, farinha e frutos do mato, quando havia. As meninas e mocinhas do lugar pegavam paneiros de periquitos e levavam para a casa a fim de comerem.

EXPLORAÇÕES E EXPLORADORES DOS RIOS UAUPÉS E IÇANA — Em 1784 achava-se no rio Negro o Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, mandado como governador militar da zona encachoeirada do dito rio, zona que começando em Santa Isabel, envolvia tôda a região que se estende até à Colômbia, Venezuela e às Guianas Inglêsa e Holandesa.

Engenheiro militar, tinha vindo da África, onde servira em várias campanhas, e fêz-se tão conhecido pelo seu valor, intrepidez e ilustração, que o govêrno de Portugal o mandou para a América, a fim de comandar a fortaleza de Macapá, sendo depois removido para Mazagão e outros postos, em que se tornava necessária a sua presença.

Cogitou o Marechal de Campo João Pereira Caldas de mandar para a parte superior do rio Negro o Coronel João Batista Mardel, mas, em virtude de indicação do reino, resolveu designar para exercer aquelas funções o referido Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, dando-lhe instruções especiais para o cumprimento de sua missão. Comissão delicada e difícil, que entendia com o exame minucioso da terra, das bacias dos rios, suas comunicações, principalmente do Uaupés com o Japurá, artéria sôbre a qual passaria a linha de limites entre Portugal e Espanha, empenhados em dar execução ao Tratado de Santo Ildefonso (1.º de outubro de 1777), de que era principal comissário da partida portuguêsa o aludido João Pereira Caldas. Além das explorações dos cursos de águas e demais acidentes fisiográficos, cuidasse êle de nuclear as diversas tribos esparsas, de industrializar o anil com mais intensidade e fomentar o quanto possível o fábrico das farinhas, para manutenção das tropas

da demarcação. E sôbre tudo isto se ocupasse do reparo das fortalezas, e da defesa da região, que era ponto nevrálgico naquele remoto sertão. E de tôdas as obrigações deu o oficial cabal desempenho, com minuciosidade, exatidão, clareza e patriotismo, como era de seu feitio.

Perlustrou os rios Xié, Içana e Uaupés. Descobriu comunicações dêste último com o Japurá, conhecimento de que fazia empenho a metrópole, uma pelo Tiquié, afluente do sobredito Uaupés, pela sua margem direita, e a outra, mais acima, pelo Unanã, também afluente do Uaupés, mediante pequeno trajeto por terra até alcançar o Ussaparaná, confluente do Apapóris, que verte para o mencionado Japurá.

Indispensável era o conhecimento das comunicações dêste rio com outros, para melhor elucidação da região, e dos pontos por onde haviam de cruzar as divisórias do Amazonas com as colônias espanholas. Em outros setores, astrônomos e geógrafos, colhiam informes e observações da formidável bacia amazônica, para melhor facilidade do traçado.

Lobo d'Almada teve que enfrentar sérios perigos nessas explorações pela floresta úmida e bravia, pelas veias potâmicas dilatadas e profundas, por onde passou, indiferente às feras e às doenças, só vendo diante de si o cumprimento do dever. Êle era o primeiro a se avantajar nos reconhecimentos, o primeiro a tomar a dianteira dos seus auxiliares e subordinados nos muitos lances dramáticos de suas exaustivas explorações.

Outro pioneiro no devassamento da região foi o Tenente Jesuino Cordeiro, que fôra comandante da fortaleza de São Gabriel. Jesuino Cordeiro era homem ativo e zeloso, apesar de rixento e de temperamento brusco.

Em 1854 subiu o Uaupés, indo até os seus formadores, pequenas fontes, uma delas na serra Camareta. Investigou

o curso do rio, suas corredeiras e cachoeiras, paranás e ilhas, bem como as populações indígenas não só do referido Uaupés como de alguns de seus tributários caudalosos.

Outra cabeceira do Uaupés foi descoberta por um morador de S. Pedro, chamado João José; uma terceira por Nicolau Palheta, que revelou à geografia mais uma comunicação com o Japurá e o Solimões pelo rio Marié.

Jesuino Cordeiro, diz Bento Aranha, era comerciante, morador antigo no alto rio Negro; serviu na qualidade de guarda policial nos destacamentos militares de São Gabriel, Marabitanas e Cucuí, e conhecia pràticamente os rios Uaupés, Içana e Xié e seus contribuintes; achava-se relacionado com os índios de tôdas as nações que os povoavam; falava melhor do que o português o nheengatu e diversas gírias dessas nações.

Tinha servido com o Coronel Lobo d'Almada, e reunia prática suficiente no trato com o gentio, conhecendo perfeitamente as moradas, os seus usos e costumes e ritual religioso.

A lista de exploradores ainda se enriquece com os nomes de Wallace, em 1852, de Henry Coudreau, em 1881, de Johann Natterer e de Koch-Grunberg, em 1903, o qual empreendeu várias viagens pelos rios Içana (350 quilômetros), Uaupés, Curicuriari, Tiquié (200 quilômetros), Iacaca-Paraná, Apapóris.

Nessas travessias, que denotam o viajante infatigável, entrou em contacto o amigo dos indígenas com muitas tribos, que estudou.

Como se sabe, o ilustre etnógrafo faleceu, depois de continuadas viagens pelo sertão, e de estudar a fundo os povos selvagens, — em Vista Alegre, povoação que demora no rio Branco, intermediária entre a várzea e o platô montanhoso, quando ia incorporar-se à Comissão Rice, que che-

gou ali ao dia seguinte, recebendo penalizada a notícia da morte do sábio.

Natterer explorou o Uaupés até a cachoeira Ipanoré. Êste mesmo ponto geográfico foi atingido por Coudreau.

O Conde de Stradelli, que se diz também explorou êste rio, na expressão de Koch-Grunberg, não passa de um "noveleiro". Bento Aranha considera-o "um pândego". (**As explorações e os exploradores dos rios Uaupés e Içana**. "Archivo do Amazonas". Ano I, Vol. I, n.º 2).

RELIGIÃO — A falta de missionário, antes e depois da inauguração da Província do Amazonas (1.º de janeiro de 1852), era sensível. Os diretores de índios (**Diretório dos Índios,** organização de Mendonça Furtado) mal cumpriam os seus deveres, a maioria dêles porfiava em se locupletar com o trabalho dos silvícolas.

Ao assumir a presidência da Província o Dr. João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que a inaugurou, observou no seu relatório "que importantes serviços à religião e à sociedade fizeram aqui em remotos tempos os missionários, especialmente os da Ordem dos Carmelitas, entre os quais ainda agora pode ser considerado, como um dos mais insignes, o reverendo Fr. José dos Santos Inocentes, que apesar de enfermidades, presta ainda ofícios paroquiais pelos lugares do rio Negro".

Das três missões que se haviam estabelecido nos últimos tempos na Província, apenas encontrou uma, a do Andirá, com pároco.

Os indígenas do rio Uaupés e outros e até lavradores com suas famílias, à falta de sacerdotes, se iam passando para o território da Venezuela; por êste motivo, e compreendendo o quanto era necessário o serviço da catequese, resolveu mandar para aquêle rio o capuchinho Fr. Gregório José Maria do Bene, que ficaria como vigário geral do rio Negro, pois, devido ao embaraço da moléstia, já não podia

assistir aos seus fregueses Fr. José dos Santos Inocentes. Ao mesmo tempo fêz seguir para manter a ordem nas aldeias, e cooperar com o missionário italiano, o Tenente das Guardas policiais Jesuino Cordeiro.

Dados os seus precedentes, e o conhecimento que tinha das bacias dos rios Uaupés e Içana, e o convívio com as numerosas gentilidades, não podia a designação ser mais feliz.

O religioso desdobrou-se em esforços e solicitude no desempenho dos seus sagrados encargos, e vemo-lo como bom eclesiástico à frente das aldeias, que restaurou, e outras que fundou, em tudo isto ajudado por Jesuino Cordeiro, com quem não tardou a inimizar-se, se bem não sofressem prejuízo as iniciativas de aldeamento dos índios.

Sôbre Fr. Gregório, esclarece Bento Aranha, "foi o nome que adotou na Ordem religiosa a que pertence, antecedendo ao seu secular, que conserva".

Êste mesmo autor nos adverte que, antes da Comarca do Alto Amazonas ter sido elevada à categoria de Província, tinha havido missões no alto Uaupés e Içana. Missionários carmelitas, na foz dêste rio e além da cachoeira então conhecida pelo nome de Pirá, haviam fundado as povoações de S. Joaquim do Cuané e de S. Jerônimo de além Pirá-Cachoeira. E, entrando depois no Içana, estabeleceram na embocadura dêste rio o povoado S. Filipe e na do Xié, o de S. Marcelino.

Com a partida dêsse missionário, os moradores retiraram-se dessas aldeias, que se arruinaram.

Com a presença de Fr. Gregório tudo se reanimou, reflorescerem as povoações, que tantos sacrifícios haviam custado.

Assim, de uma relação que consta do seu escrito, "**As explorações e os exploradores dos rios Uaupés e Içana**",

entramos no conhecimento de que os núcleos restaurados foram, no Uaupés : Mutum-Cachoeira, Aracapuri, Caruru-Cachoeira, Jabutirarapecuna, Papóris, Pacu-Cachoeira, Iauaretê-Cachoeira, Iuquirarapecuna e S. Joaquim.

Para o restabelecimento dêsses povoados teve o concurso dos principais das diferentes tribos, principais que foram devidamente nomeados anos atrás, uns pelo Governador da Capitania, Manoel Joaquim do Paço, em 1820, outros nos anos de 1848-1851, com carta-patente, honras e obediência, que lhes seriam tributadas. Os tuxáuas, com essas distinções, sentiam-se engrandecidos e ufanos. Destarte não foi difícil agremiá-los e aos de sua respectiva nação, exortando-os a que voltassem aos seus lugares primitivos.

Êsses povos eram Cubéos, Tarianas, Ananá, Piratapuias, Tucanos, Juruás, Deçanas, Arapacos, Baníuas, Cutias, Guanis, Macus etc.

Além das missões citadas, foram criadas mais as seguintes : Trovão, Pitunarapecuna, Iuitera, Cunuri, Corocoró, Iuarapecuna, Taracuá, Ambaiua e algumas outras mais, como as comunidades de Querari, no alto Uaupés, nos rios Codiari, Tiquié, Papóris e Içana.

Está visto que êsse esfôrço gigantesco não foi só obra do padre, e sim também de Jesuino Cordeiro, que a tal propósito foi dedicado, constante, apesar de seu gênio irascível.

Não faltaram ao ministério humanitário da catequese desilusões e provações, necessidades, aperturas da fome, que o missionário, resignadamente, e seu cooperador, suportavam. Haja visto, para exemplificar, o assalto dos índios Carapanás à povoação Santa Cruz dos Cubeuas (Mutum-Cachoeira) a 13 de abril de 1853, achando-se presente o religioso e Jesuino Cordeiro que, de boa fé, consentiu no desembarque dêles, porém, quando viu que vinham armados

com flechas, curabis ervados, murucus ervados, lanças encabadas, taquaras e cacetes, e atacaram logo os índios mansos da povoação, dando-lhes cacetadas, então reagiu, mandando atirar, ferindo dois dos malvados, que vieram a morrer no dia seguinte. Os demais fugiram.

Outros missionários — Com a descida para Manaus do reverendo Fr. Gregório, por motivo de moléstia, e dada a volubilidade do índio, e devido aos bandidos, que se acercavam das povoações para explorar inexoràvelmente o trabalho dos íncolas, negociantes compradores de "drogas do sertão", balateiros e seringueiros, de que sofriam pertinazes violências, que se estendiam até ao lar, as aldeias teriam fatalmente afundado na indiferença e na ruína se Jesuino Cordeiro não prosseguisse a orientar os principais e a reunir gente para engrossar a população.

A falta de Fr. Gregório foi preenchida por outros igualmente fervorosos sacerdotes. Dos que o sucederam, contam-se: Fr. Venâncio Zilochi, nomeado em 1880 administrador das Missões do Uaupés e Içana, e Fr. Mateu Camioni, que o veio auxiliar no mesmo mister.

A missão de Ipanoré, segundo o testemunho de H. A. Coudreau, cresceu em habitantes, como apresentava-se com uma igreja bem construída, um cemitério, uma escola e uma cadeia. Em 1883, Fr. Illuminato Coppi fêz dela sua residência, e considerou-a capital das povoações do alto Uaupés e Içana. Taracuá era a capital dos povoados do baixo Uaupés.

Êsses missionários não puderam continuar por muito tempo na sua faina altruística, e, com o seu regresso, viu-se, sem tardança, desmoronar-se o paciente labor de tantos anos, as realizações que custaram tanta mortificação e sacrifício.

Abriu-se para êstes rios Uaupés e Içana um período de abandono.

O estado das igrejas era lastimável; viviam quase tôdas elas acéfalas.

Em 1872 dizia o Governador da Província Dr. Domingos Monteiro Peixoto:

"Com prejuízo do pasto espiritual continuam acéfalas as vigararias de Tauapessaçu, Codajás, Manicoré, Moura, Tomar, São Gabriel, Marabitanas, Carmo, Vila da Conceição, Fonte Boa, São Paulo de Olivença e Tabatinga".

O mal não era, pois, só no rio Negro, estendia-se a outros muitos municípios e freguesias.

As igrejas de São Gabriel e Marabitanas mantiam-se num estado de relativo asseio, enquanto as outras estavam deploràvelmente imundas.

Esta situação das igrejas em ruína e ausência de párocos, que socorressem os povos com o confôrto da religião continuou por alguns anos.

A Prefeitura Apostólica do rio Negro — Em 1908 o preclaro Bispo do Amazonas, Dom Frederico Benício da Costa, querendo ter uma visão das vilas e povoações do rio Negro, e do grau de religiosidade dos seus habitantes diocesanos, empreendeu uma viagem ao dito rio, objeto de suas cogitações. Um dia deixava a comodidade de Manaus e partia, acompanhado por Fr. Josué, capuchinho, do irmão Acácio e de um menor. Visitaria o rio Negro até o alto curso e o Uaupés.

A idéia, que alimentava, de visitar êstes rios riscando suas calhas pelo sertão longínquo, objetivou-se com o convite, que lhe fêz, o Sr. Joaquim Aguiar, comerciante e chefe político em São Gabriel, o qual foi à sua casa acompanhado do Comendador Joaquim Gonçalves de Araujo, chefe de uma grande firma da praça de Manaus. Ficou de logo resolvida a partida, que seria no dia seguinte, mal tendo tempo o Excelentíssimo Sr. Bispo de arrumar-se para a grande incursão que ia fazer, sujeito aos azares da sorte, incumbin-

do-se o Comendador Araujo de mandar preparar um bom farnel para a viagem que seria longa e perigosa.

Da capital êle foi saltando nos povoados e vilas, nos principais estabelecimentos e sítios, onde dizia missa, sempre que podia, e batisava e casava e, impunha a crisma, fazendo sermões e incitando o povo à prática das virtudes, o incentivo ao trabalho, aos deveres cívicos dos cidadãos, à prece salvadora, à obediência às leis, aos preceitos da religião e o amor à pátria. Em todos os lugares, mesmo os mais pobres, foi o antístite bem recebido com manifestações populares, que o comoviam.

Até acima de Santa Isabel, depois Tapuruquara, a viagem decorreu maravilhosamente, sem nenhum incidente, ficando encantado S. Excelência com o panorama nôvo que lhe oferecia a majestade do rio Negro, os seus aspectos bravios e belos, felicidade que o acompanhou até o término dessa fatigante travessia, a que não estava acostumado.

Ao aproximar-se de São Gabriel, êle escreve :

"Não houve incidente algum digno de menção na nossa curta viagem até São Gabriel. Nos lugares mais perigosos desembarcamos e assistimos a difícil tarefa de passar a canoa; as vêzes caminhamos por terra alguma distância; por tôda parte tivemos ocasião de ver quadros admiráveis da natureza, que verdadeiramente é empolgante nesses lugares perigosos".

Ao chegar a São Gabriel, depois de contemplar a pinturesca localidade, escreve :

"É bela a situação de S. Gabriel. Pela frente as serras de Curicuriari, Uanari, Cabari e Carangueijo; atrás a serra de S. Gabriel. De todos os lados o belo e sublime do terrível : a morte e o abismo diante dos olhos. Sempre, dia e noite, o ronco ensurdecedor das cachoeiras.

De fato, o rio Negro que pouco acima forma uma grande baía, estreita-se de repente, formando uma aper-

tada garganta, por onde precipita-se a enorme massa de água que vem desde o centro da Venezuela, recebendo tributários poderosos, como o Orenoco, o Içana, o Uaupés, cada um dêles equivalente a um mundo. É incalculável aí a fôrça da correnteza, que vem bater de encontro às pedras da fortaleza, formando uma catadupa e mais adiante um rebôjo que é o terror dos pobres navegantes" (Carta Pastoral — Ceará-Fortaleza, pág. 26, 1909).

Dessa cidade seguiu até Cucuí, cuja situação descreve, e depois, de volta dêsse acampamento de fronteira, entrou no Uaupés, atingindo as altas cachoeiras, e entrando em contacto com as tribos e clãs que ali se situam em suas malocas.

Essa penosa viagem, e o enternecimento que lhe proporcionaram os pobres íncolas e as populações dos vilarejos, propiciaram-lhe o ensêjo de escrever uma **"Carta Pastoral"**, impressa em Fortaleza, onde narra a miúde as etapas do seu perigrinar através dos dois mares, o rio Negro e o Uaupés, em que a sua alma de benfeitor se expande em considerações que não vêm a pêlo aqui transcrever.

Regressando a Manaus, trazia um objetivo, uma determinação que se deu pressa em transmitir ao Santo Papa, encarecendo a necessidade de criar nessas regiões abandonadas do elemento espiritual, uma Prefeitura Apostólica, que assistisse à massa de habitantes dêsses agrestes rincões e principalmente aos pobres selvagens das bacias do Uaupés, Içana e rios tributários. (1)

---

(1) Dom Frederico Benício da Costa, segundo Bispo do Amazonas, sucessor de D. José Lourenço da Costa Aguiar, nasceu na cidade de Boim, no Estado do Pará, a 18 de setembro de 1875. Mostrando decidida vocação para o sacerdócio, ordenou-se em Roma, a 1.º de abril de 1899.

Distinguido com a dignidade de Cônego, não tardou o seu

O Sumo Pontífice, atendendo aos seus rogos, criou pelo Decreto da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, de 18 de junho de 1914, a instituição, cujos destinos foram entregues, conforme os desejos de Dom Frederico, aos padres salesianos, sendo nomeado Monsenhor Lourenço Giordano, incansável educador e valoroso catequista.

Em 1916 estava êle à frente da Prefeitura, consagrado aos seus labores humanitários, com a mesma devoção que sempre empregou em outros postos, percorrendo a região, procurando conhecer os seus catecúmenos, e com êles identificar-se, visitando famílias indígenas de antigos troncos Aruaques, Caraíbas, Cubéuas, Tucanos e outros clãs.

---

aproveitamento em missão difícil, para a qual tinha êle as qualidades precisas.

E' assim que S. Santidade o Papa Pio X nomeou-o Bispo de Santarém, cuja diocese governou por pouco tempo, pois foi em breve nomeado para a Diocese do Amazonas, sendo sagrado em Roma, em 19 de março de 1904.

A Diocese amazonense foi estabelecida, com grande gáudio da população, pela Bula "Adversos Orbis", havendo o novo dignitário tomado posse a 2 de junho de 1907.

Êste venerando apóstolo da Igreja católica, cujas virtudes o apontam como um dos mais ilustres que teve o Estado, pela fé, pelo exercício da caridade, pela catequese, pelas excelências de seu espírito e ilustração, em pouco mais de cinco anos de mitra prestou ao Amazonas, que o recebeu com festas e grande alegria, assinalados serviços.

Entre os feitos de sua atividade episcopal, registram-se os seguintes: foi o fundador do Colégio Santa Dorotéia, em Manaus, da Vigararia forânea do Purus e Acre, da paróquia de São Sebastião, da Prefeitura Apostólica do Rio Negro e outras instituições e obras de beneficência.

Tendo renunciado a mitra em junho de 1913, o Santo Padre nomeou-o Bispo Titular de Tubuna.

Internando-se num convento, faleceu em Barcelona a 25 de março de 1948.

Para tal era preciso enfrentar as intempéries, o sol, a chuva, os abismos dos rios, com suas corredeiras e catadupas, o ambiente agressivo da floresta e dos pântanos, requeria-se disposição, coragem, abnegação, e tôdas essas qualidades as tinha o monsenhor.

Infelizmente não teve tempo de terminar a sua grande obra. Numa viagem ao rio Padauiri, conhecido como doentio, êle que já andava doente e depauperado, foi prêso de um surto maligno de febres, cujo estado se agravava a cada hora. Conhecendo a gravidade do mal, pediu aos seus dedicados companheiros que o levassem para São Gabriel. Porém não foi possível atender aos seus últimos desejos; morreu, sendo então o corpo levado para o cemitério mais próximo, na povoação de São Joaquim, trinta quilômetros abaixo, onde teve sepultura. Por onde passava a canoa e chegava a triste notícia do perecimento do monsenhor, os seringueiros e balateiros acorriam pressurosos em prestar-lhe a última homenagem acompanhando o féretro. (Arthur C. F. Reis, **A Conquista Espiritual da Amazônia**, pág. 95).

Um companheiro inseparável nessas jornadas foi o padre salesiano João Balzola, vigário geral da paróquia de Barcelos, falecido em 1927.

Monsenhor Giordano restabeleceu no Uaupés e Içana várias aldeias e concentrou em São Gabriel a missão chefe, a sede principal de onde se irradiariam as novas construções salesianas, que pontuam os rios daquela imensa região confinante com a Venezuela e a Colômbia.

Novos edifícios, igrejas, colégios, hospitais, jardins, campos de agricultura e de futebol e aprendizados agrícolas ornam os núcleos missionários esparsos.

O multi-milionário norte-americano, Sr. H. Rice, escreveu a respeito da Missão de São Gabriel, o seguinte:

"Em 1917 minha expedição demorou-se várias semanas em S. Gabriel, no rio Negro superior, e interessou-me

comparar as condições do povo naquela época com o que era nas minhas duas visitas em 1908 e em 1913, respectivamente. Havia melhorado; desde 1916 se tinha inaugurado uma missão, sob a direção dos padres salesianos, avivando assim o sentimento religioso e o sentimento espiritual do lugar, dando uma renovação de vida à igreja minúscula e à correspondente pequena tôrre, donde retiniam os sinos. O Padre Lourenço Giordano, Prefeito apostólico do rio Negro (Amazonas), está à testa da missão e o Padre João Balzola é seu auxiliar coadjutor.

Ambos têm trabalhado durante muitos anos no deserto brasileiro convertendo os índios ao Cristianismo, vivendo vida de nobres exemplos e humildade, sem afetação, verdadeiros missionários". (**El Rio Negro (Amazonas) y sus grandes afluentes, de la Guyana Brasileña.** Trad. de D. Juan Riaño y Gayangos — 1934).

H. Rice fêz espontâneamente donativos valiosos à Missão, dotando-a de um bom aparelhamento hospitalar, e grande cópia de remédios.

Descrevendo o pôrto, disse : "O pôrto de São Gabriel está a alguma distância da cidade, ao fundo do forte na cachoeira Crocobi, em uma enseada de águas tranquilas, bordada por uma grande praia de areia branca, flanqueada por uma selva de caatinga, cuja vestimenta de mimosa e jasmim tinha a côr e o perfume que caracteriza a fecundidade dos trópicos".

A Prelazia Apostólica — Com o lutuoso desaparecimento de Monsenhor Giordano, tornava-se necessário dar-lhe um substituto condigno.

A Prefeitura, constituída em 1914, era elevada à Prelazia pela Bula Pontifícia "Inter Nostri", de 1.º de maio de 1925, juntamente com a Prelazia de Pôrto Velho, confiadas ao tino administrativo e ao zêlo do então Monse-

nhor Pedro Massa, que foi o continuador dessa obra gigantesca. A escolha não podia recair em outro salesiano de tão assinaladas virtudes e méritos, do que neste soldado da milícia de São João Bosco, o qual ao descortino mental aliava uma grande fôrça de vontade, uma acuidade especial de mando.

Mais tarde Monsenhor Pedro Massa era dignificado com as honras de Bispo Titular de Hebron, e Prelado do rio Negro.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — Nos idos da Capitania de São José do Rio Negro cultivavam-se café, algodão, cacau, anil, fumo, mandioca, milho, arroz e feijão.

O cacau era extraído do sertão, dos pés de serra; a salsaparrilha e o cravo, bem como outras drogas, das matas; o anil crescia silvestre nas beiradas do rio Negro, como também dêle se faziam plantações.

"As terras de São Gabriel — dizia o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — nada têm de próprias para a cultura da mandioca; a saúva a persegue, e por isso as roças são feitas longe da povoação, e a farinha que se exporta, é tirada das terras, que medeiam entre Camundé e Camanaus".

Nos rios Uaupés e Içana a lavoura se reduz ao cultivo da maniva, de que fabricam a farinha e derivados, beijus, carimã, polvilho, como plantam a mandioca mansa ou macacheira, jerimum, cará, mudubim, favas, feijão.

Na vazante dos rios semeiam-se nas várzeas melão, melancia, e outras frutas.

A pesca e a caça constituem ocupação da população, que vive da pequena agricultura, servindo-se dos processos rotineiros havidos dos antepassados, e da extração dos produtos vegetais, balata, borracha, castanha, piaçaba etc.

Das fibras desta palmeira, que viceja em vastas associações em alguns rios, fabricam cordas e cabos, escovas e vassouras.

O Município de São Gabriel exporta castanha, borracha, piaçaba, balata e alguns outros gêneros.

Com o descobrimento da árvore da balata (**Mimusops**) Maçaranduba, em 1921, houve um aumento notável na produção exportável.

O rio Cauaburi, aonde foi encontrado o precioso vegetal, tornou-se centro animado de trabalhadores balateiros. Casas aviadoras de Manaus dispuseram-se a abrir créditos aos seus aviados para a exploração da nova alvissareira indústria.

Como o descobridor da famosa árvore tivesse vindo da Venezuela, acreditavam que fôsse natural daquele país. Soube-se, porém depois que era holandês, e se chamava Roinier Asjós, que levava vida de forasteiro com a sua intrepidez, a sua inteligência, os seus conhecimentos de Botânica, e o que é mais, com o seu audacioso espírito de aventureiro.

Internou-se Asjós pelos grandes sulcos potâmicos da bacia do Negro, e ei-lo a descobrir a essência nas florestas pujantes do Cauaburi, verificando depois a sua existência em outros rios.

Segundo uma exposição apresentada pelo Sr. Rodolfo Gonçalves ao Governador do Estado, em 1927, os índios bravios da região das zonas dos caudais Cauaburi, Maiá, Inambus e Marauiá atiraram-se com tôda a ferocidade contra os trabalhadores e desbravadores dessas correntes, dando em resultado mortes e a fuga dos que puderam escapar, abandonando seus utensílios e ferramentas de trabalho, mercadorias etc., um verdadeiro êxodo.

A expulsão dos trabalhadores pelos selvagens trouxe, como era natural, graves prejuízos, que não foram recuperados.

Como houvesse uma baixa brusca nos preços da balata e da borracha, muitas casas comerciais tiveram que fechar suas portas, por incidirem em falência. O crédito retraiu-se, e os impostos pesadíssimos, trouxeram a decadência da cidade e dos povoados.

O mesmo senhor Rodolfo Lopes Gonçalves esclarece : "que o braço no alto rio Negro é indígena, braço um tanto fraco e preguiçoso. O índio só trabalha quando vê mercadoria no estabelecimento de seu fornecedor ou patrão, fazendo êste adiantamentos de 200$000, 300$000 e até 500$000 (moeda antiga). Desconfiado e ladino como só êle, de modo algum se submete ao trabalho sem um bom fornecimento de mercadorias como garantia".

O atraso da lavoura e da indústria nesta grande e ubertosa região do Amazonas explica-se em ser a sua população em geral indígena e mestiça, pobre, usando velhas técnicas de seus antepassados, e cultuando suas crenças e superstições.

Da arte indígena rudimentar destacam-se muitos objetos que não deixam de ter uma singular expressão de beleza. São os índios bons ceramistas. Conhecem-se os seus vasilhames de louça, pratos, alguidares e vários outros artigos, que pintam com desenhos muito finos e interessantes. Os pratos há-os de todos os tamanhos, desde os pequenos de que se servem para comer até os grandes fôrnos para torrar a farinha de mandioca. Ganharam expressão artística, e figuram em museus os banquinhos do Uaupés, atual São Gabriel, feitos de uma só peça de madeira, de tamanhos diferentes com arabescos coloridos impressivos e originais. O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas tem em exposição alguns dêsses artefatos vistosos, que chamam a atenção do visitante, além de armas, setas, cuidarus, rosários dos ameríndios daquele setor geográfico.

O Içana, informa o General Boanerges Lopes de Sousa, é habitado por índios Baníuas, de origem aruaque, hábeis

ceramistas e fabricantes de ralos artísticos. Os Baníuas do Içana e do Cuiari são especialistas no preparo do uirari; os índios do Uaupés são pintores e ceramistas. Preparam máscaras e fantasias para as suas festividades e cerimônias com engenhosos traços e esmêro de tintas, imitando bichos. A máscara, imitando a anta (o tapir das nossas florestas) recebe um apuro digno de nota; o aracu exprime o feitio do pescado; a borboleta com as suas asas é ágil e quase vaporosa; o jacaré manifesta com vivos de realidade a cabeça disforme e hedionda do animal, e assim outros tipos da fauna. As máscaras e vestimentas são preparadas com cascas de tururi, a que dão tintas diferentes. Furam ao fogo as hastes de imbaúba, que lhes servem de bastão, nas danças, ao som dos maracás enfeitados de plumas, e das flautas de iapurutu. Os bailes ou festas são regados a caxiri e a caapi, sendo a primeira bebida feita dos detritos da mandioca, ou do milho e ainda dos frutos da popunheira. O caapi é mais forte e estonteante. "E' um infuso — escreve o Coronel Themístocles de Sousa Brasil — da **"Banesteria caapi"**, planta sarmentosa a que chamam caapi, que possui um alcaloide entorpecente, a banesterina, que produz embriaguez semelhante a do ópio e a do cactus Peiotl, tida pelos índios norte-americanos como planta sagrada". (**Íncolas Silvícolas**, pág. 57, Rio de Janeiro — 1937).

Os amerabas dão grande extração a êstes licores, que são guardados em tinas, ou potes grandes.

Nos dabacuris, em honra de Jurupari, festa reservada só aos homens, o caxiri, o paiaru, e a caiçuma são fartamente distribuídos pelos convidados presentes. A orquestra é composta do toré, do membi, do tamborino, do caracaxá e do maracá sagrado.

O simbolismo dêste culto tem qualquer coisa de estranho, de impressionador e de pagão, indo até ao suplício com vergastadas a que se impõem os dançarinos sob os vapores das bebidas inebriantes.

Tratando dêsses costumes e danças, Glycon de Paiva diz que "chamam ainda barbária ao paganismo das festas indígenas; por menos artista que se tenha nascido não se pode deixar de sentir a grandiosa majestade de "Akangatara Bassá", dança guerreira acompanhada por um côro de dezenas de vozes, soluçando e gemendo a harmonia solene de um canto sagrado, revivendo tradições que recuam sem limite pela noite do passado. Talvez que "Jurupari Bassá", a "Dança do Diabo", fira sentimentos religiosos pelo extremado de suas penas; matam-se as mulheres que cometem o crime de espioná-la. Só os homens e os moços podem assistí-la". (**Vale do Rio Negro** — "Boletim" n.º 40, do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, pág. 6).

E' tal o temor que as mulheres têm por êste culto que fogem das proximidades do lugar onde êle se exercita, escondem-se nos matos, para não incorrerem em pena de morte. Conta o Coronel Themístocles Paes de Sousa Brasil, ilustre chefe da Comissão Mista Brasileira Demarcadora de Limites do Setor Oeste, que um padre da Missão Salesiana do Rio Negro lhe referiu que procurando, como fazem, destruir essa lenda perniciosa do Jurupari, em Taracuá, um sacerdote italiano levou por muito tempo nos sermões, na igreja frequentada pelos índios, a combater e a procurar disprestigiar o Jurupari, até que em um domingo, a igreja cheia de indígenas, depois de mais uma vez o achincalhar, para mostrar que êle não valia nada, levantou do púlpito um instrumento e tocou.

Foi um raio que caiu no auditório.

As mulheres tapavam os ouvidos e baixavam-se para não ver nem ouvir o monstro, os homens tomados de indignação acometeram o padre, que conseguiu difìcilmente ocultar-se e retirar-se da localidade por causa do risco de vida que corria. (**Íncolas Silvícolas,** pág. 58. Rio — 1937).

Os índios são bons nadadores e canoeiros. Gostam do esporte, dos exercícios musculares violentos. Narra o já

citado General Boanerges, que como membro da Comissão de Fronteiras, teve oportunidade de explorar e levantar os perfis dos rios Xié, Içana, Aiari, Cuiari, Uaupés, Papuri e Tiquié, e produziu um estudo magistral de tudo que se relaciona com o ambiente dêsses enormes cursos de água, — que o índio, em contacto permanente com a natureza, mais por instinto, por necessidade, do que para o deleite dos exercícios físicos, sabe êle que é preciso manter os músculos em constante atividade. Sua agilidade, sua destreza e sagacidade na luta contra os elementos de agressividade da natureza são postos à prova a todo momento e êles necessitam cultivar a saúde e aprimorar os sentimentos da visão, da acuidade, do olfato.

E é por isso que êles, desde cedo, dão liberdade aos corumins e os encaminham na luta pela vida, desenvolvendo-lhes o gôsto pela caça, pela pesca e a volúpia pela natação.

"Em Iutica, no Uaupés, nos dias que ali estivemos à espera da confecção das máscaras e dos preparativos das festas que os Uananas nos ofereceram, constituia um prazer, uma novidade para nós, o assistirmos tôdas as manhãs o exercício a que se entregavam os garotos de Iutica, fazendo alagar as ubás na cachoeira confronte ao povoado, para irem apanhá-las, mais abaixo, a nado, vencendo os embates das corredeiras. E isso faziam por horas seguidas, como a coisa mais natural do mundo". (**Explorações Geográficas na Região do alto Rio Negro** — "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", Vol V, Rio — 1944).

Minerais — O Arcipreste Dr. José Monteiro de Noronha, que foi vigário geral do Rio Negro, e escreveu um "**Roteiro de viagem de Belém às últimas colônias do Rio Negro**", relata que alguns índios da nação Tariana, habitantes no rio Capuri, foram vistos em outro tempo com folhetos de ouro nas orelhas, as quais compravam a troca de penas a índios de outras nações, que se ignoravam. Os índios da

nação Panenuá, que habitavam na parte superior do Ucaiari, usavam das mesmas folhetas, e que êles compravam aos Tarianas.

Sabe-se da existência dêste metal nobre no rio Cauburi, assim como da platina no rio Tiquié. No Negro encontram-se em abundância pedras de mós e grés, mica, cristal de rocha, ferro e em alguns de seus afluentes o itabirito e a ilmenita.

São pronunciados e manifestos os indícios de linhito, segundo dá notícia o General Boanerges Lopes de Sousa. "Entre o Umari e o Castanho-Igarapé — diz êle, — sua atenção foi despertada pela presença de uma camada de um a dois metros de espessura, no barranco à margem esquerda, talhado a prumo, cujo aspecto era de rocha, o que seria estranhável, dada a formação geológica do vale neste trecho. Com o corte que fizemos no barranco a terçado (facão) retiramos uns blocos para amostras, verificando tratar-se de linhito. O lençol apresentava-se entre camadas de tabatinga, areia e argila. Mais acima verificamos a presença de idêntico lençol, à margem direita, de espessura análoga".

Em resumo : a exportação consiste em balata, borracha, castanha, piaçaba, cipó, pirarucu, tabaco, couros e peles de animais.

Em 1941 o valor oficial de sua exportação foi de . . 1.842:936$379.

No mesmo ano a municipalidade rendia 123.054$400.

POPULAÇÃO — Segundo publicação oficial em 1942, a população absoluta era de 13.631 habitantes, sendo a população relativa 0,08.

O último recenseamento indica uma população de 14.829.

Disse o Sr. Adolfo Ducke, considerado botânico, que, apesar de difícil acesso, a cidade de São Gabriel é o único

lugar no rio Negro, onde o viajante encontra recursos, as outras vilas, tanto na parte brasileira, como venezuelana, caminham para a extinção, quando não estejam já feitas taperas.

VIAS DE COMUNICAÇÃO. — O único meio de transporte que se tem para aquêle Município e a cidade é o fluvial; a navegação que lhe proporciona o rio Negro. Mas, de logo um embaraço imenso se depara ao viajante, — o das cachoeiras. De Tapuruquara em diante o rio é cheio de pedras, rochedos, calhaus, por onde passam frementes, escumando, os rápidos e corredeiras, tornando a marcha das pequenas embarcações penosa e difícil, precisando de cabos e espias às mais das vêzes, para vencê-las. Porém, onde o perigo ameaçador, o risco, o terror se apodera dos espíritos mais fracos, é no lanço das cachoeiras que aturdem pelos redemoinhos, pela braveza das águas rolantes em desalinho, pela fúria das correntes selvagens cavando abismos a cada momento, principalmente naquelas de maior ímpeto.

"A garganta de São Gabriel — escreve o Sr. Glycon de Paiva — é tôda ela, uma só corredeira balizada nas partes mais tumultuosas por nomes locais sem importância. E' um ponto perigoso para a navegação. Não existe um grande desnível; mas a garganta em que o rio se intromete é atulhada de matacões e os reflexos sucessivos da água contra êles produzem correntes desencontradas, prejudicando o govêrno das lanchas. Em particular, do choque da massa líquida contra as pedras à meia profundidade, resulta uma componente vertical quebrando-se circularmente à tona, denunciando o obstáculo. As correntes desta natureza, quando apenas perceptíveis, recebem dos práticos o nome de "água tremida". (Obra cit., pág. 9).

Dizia o Dr. Leovegildo Coelho que de tôdas as correntes e quedas d'água que no rio Negro chamam cachoeiras, só merecem êste nome as de Camanaus e Furnas, abaixo de São Gabriel, e as de Crocobi e São Gabriel na povoação

dêste nome. Das que ficam acima daquela cidade as maiores são as de Caldeirão, de São Miguel e Carangueijo. A mais bela é a cachoeira das Furnas.

Aquêle engenheiro afirmava haver canal para um navio que demandasse 6 palmos de água em todo o rio Negro : sendo entre Tomar e Moreira, e de São Gabriel para cima sòmente em tempo de inverno. Dizia que a navegação a vapor podia-se estabelecer entre a cidade de Manaus e a de Uaupés, e de Uaupés a Cucuí em tempo de cheia.

"O obstáculo de S. Gabriel — disse o Coronel Adalardo Fialho — quase no limite do Brasil com a Venezuela, parece ser outra dádiva da natureza ao Brasil. E' como se fôsse pôsto ali para dificultar a comunicação da bacia do Orenoco com a do nosso Amazonas". Aludia o autor a um projeto dos americanos do norte em construir o canal "todo o ano" Rio Negro-Cassiquiari-Orenoco, para abertura do qual uma comissão de engenheiros fêz estudos pacientes do levantamento de tôda a região, calculando os gastos a fazer. (**Problemas do Brasil,** pág. 54, Biblioteca do Exército-Editôra).

AIRÃO

RESUMO HISTÓRICO — A atual cidade de Airão representa a mais antiga povoação do rio Negro. Sua fundação deve-se aos padres jesuítas Manoel Pires e Francisco Veloso, que à frente de uma tropa de resgate, haviam catequizado alguns índios tarumãs, após o que procuraram lugar adequado para os reunir, o que fizeram numa aba do rio Aiurim, formando a Missão conhecida na história por Missão dos Tarumãs, a 22 de junho de 1658. No ano seguinte foram êsses missionários substituídos pelos padres Francisco Gonçalves, Provincial da Ordem no Brasil, e Pedro Pires. Foi dado como padroeira da Missão N. S. da Conceição. Não tendo aí residência fixa os missionários, El-Rei D. Pedro, em 1660, ordenou que devia residir no local um missionário, pelo que o religioso Fr. João Maria Garçoni para lá se dirigiu, levantando casa, que foi entregue no ano seguinte ao padre João Justo da Lucca, que foi o primeiro missionário residente.

Não tendo os jesuítas número suficiente de confessores, o Revmo. Padre Vieira em 11 de fevereiro de 1670, escreveu a El-Rei, pedindo que dividisse as Missões, pelo que em 11 de dezembro de 1686, uma carta-régia ordenou que assim se fizesse, dividindo-as pelas diferentes confrarias, tocando então não só a Missão dos Tarumãs, como outras, que se viessem a fundar no rio Negro aos frades carmelitas. A divisão foi feita em 1695. Tomando os carmelitas conta da Missão, passou ela a ter por orago o patriarca Santo Elias, sendo nomeado seu primeiro missionário Fr. João Evangelista.

Tendo em 1692 os aroaquis assaltado a Missão, depredando-a e fazendo algumas mortes, e temendo nôvo assalto por parte dos muras, em 1732 Fr. José da Madalena transferira-a para a que hoje ocupa a povoação de Airão, dando-lhe o nome de Santo Elias do Jaú, rio que deságua três milhas acima da cidade de Airão. Outros dão a paternidade da fundação de Airão a Fr. Teoro, da Ordem das Mercês, quando guiado por índios aroaquis entrou o rio Negro com o cabo de guerra Pedro da Costa Favela. Já por êsse tempo estava a Missão fundada.

Em 1748, o Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Conde de Oeiras, depois de Pombal, deu à povoação o foral de freguesia, subordinada à de Manaus, de que depois se separou. Freguesia de Airão chamou-se, abolindo o nome antigo de Santo Elias do Jaú.

Em 1788, segundo J. Barbosa Rodrigues, Airão compunha-se de duas ruas com 180 fogos e mil e tantas almas. Trinta e três anos depois, dominando os aroaquis o rio Negro, depois de uma série de conflitos, obrigaram os tarumãs a se mudarem, subindo pelo rio Branco até as nascentes do Rupunini (1)

Vegetou Airão mais de um século sem o mais mínimo progresso, sem movimento que lhe desse uma vida ativa e o adiantamento que o evolver dos tempos lhe pudesse trazer.

Nem mesmo o título de lugar lhe foi conferido pelo Capitão General Mendonça Furtado, ou pelo primeiro Governador da Capitania de S. José do Rio Negro, o Coronel Joaquim de Melo e Póvoas, depois Governador do Maranhão. O Amazonas capitania contava por êsse tempo (1758) quarenta e cinco aldeias, contando-se entre elas Jaú, que nem chegou a ser considerada lugar.

---

(1) Rio Jauaperi — Pacificação dos Crichanãs. 1884.

Havia o propósito de alterar os nomes indígenas pelos vozes portuguêsas, daí a troca de Jaú por Airão.

De vila passou à categoria de cidade pela Lei 96, de 19 de dezembro de 1955, na gestão do dr. Plínio Ramos Coelho.

Área — Está calculada "grosso modo" a superfície do nôvo município em 54.000 km2.

Limites — Limita-se com os Municípios de Barcelos, Codajás, Manacapuru, Manaus, Urucará, Itapiranga e com o Território do Rio Branco, hoje Roraima.

Orografia — O Município assenta-se em sua maior porção na bacia do rio Negro, que corre numa pleniplanície adiantada, não distoando, no seu aspecto geral, de planície.

O relêvo não apresenta elevações que tenham perfil de monte ou serra. Todo êle discorre por uma planura ondulada, cavada de depressões e vales, cortada de rios, numerosos igarapés e pontilhada de lagos piscosos. O território é coberto de densas florestas, embora no centro e mesmo perto das beiradas se observem clareiras, com capins e arbustos enfezados, chamados campinaranas. Suas árvores de porte atingem 30, 40 e mais metros de altura.

A base da suave barreira em que se acha edificada a cidade pode ser, quando muito de cêrca de 40 metros acima do nível das águas. Há barreiros salitrosos onde vêm lamber a salsugem inúmeros animais da região. O solo é de areia e argila, prestando-se à agricultura de cereais e a outras plantações.

Pequenos socavões, ligeiras ladeiras e uma trança de córregos se desnastra pelo solo. O teor é de um município pouco explorado, entregue ainda aos animais, que por êle perambulam. É bem possível que ainda se encontrem matas viagens, aonde não chegou o homem na ansiedade de descobrir-lhe as riquezas e explorar-lhe o que possui de rico e

interessante. Não há notícia de pesquisadores que tenham mergulhado nas solidões de seu âmbito trazendo relatórios elucidativos do que possa haver de interessante e útil.

A falta de explorações feitas por gente competente é a razão de pouco se saber das suas realidades objetivas.

POTAMOGRAFIA — No capítulo potamografia, Airão é um município bem servido de rios navegáveis, a não ser em alguns pontos, de um sem número de igarapés, de paranás, furos e varadouros.

Dentre os rios que banham o Município estão o Negro, o Jaú, o Jauaperi, o Carabinani.

Damos algumas noções dêstes rios:

Rio Negro — É o mais vasto dos que o banham, indo buscar suas orígens na Colômbia por onde desfila com o nome Guainia, perdendo esta denominação para assumir a de rio Negro na altura da Pedra de Cucuí, nome que lhe deu o aventureiro Capitão Francisco de Orellana ao atravessar a bôca do rio em 1542, devido o lençol apresentar na superfície uma côr escura. Os naturais chamavam-no Unei, Paraná-Pixuna, Quiari, Cuaguacuru, todos equivalentes a rio de águas negras.

O Negro é um rio legendário no sistema do Amazonas; nenhum por esta margem (esquerda) lhe iguala na vastidão, no imenso cabedal de águas, na esteira formidável. Lambe rente os barrancos de Airão, à sua margem direita mais alta que a oposta. Foi outrora muito povoado por naturais e alienígenas que vinham em estudos e curiosidades científicas. Foi campo de exploração de missionários, aventureiros e sábios, quando não de expedições para prender escravos índios, considerados antigamente alimarias.

O rio Negro, que contava várias povoações florescentes, caiu em ruína, e é atualmente senão despovoado de pouca população. Algumas povoações desmedraram-se e

desapareceram por mudanças, trocas de ambiente, guerras, pestes etc. Mesmo assim, despovoado e faminto, o rio Negro é majestoso nas suas amplas paisagens, nos quadros admiráveis, no seu teor bárbaro.

Rio Jauperi — Mede 150 léguas de extensão, descendo em cachoeiras em alguns trechos.

Tem fama de soturno, sombrio devido às pugnas que nêle se travaram entre os uaimiris seus povoadores e os chamados civilizados. Invadiram por despique a hoje extinta vila de Moura, fazendo mortes e depredações. Foi explorado por seringueiros e pescadores, que atiravam nos índios agressivos, gerando-se um ódio implacável com correrias.

Os jauperis ou crichanãs, como os batiza Barbosa Rodrigues, assaltaram muitas vêzes a povoação de Airão levando o pânico às famílias.

Rio Jaú — Tem um curso de 250 quilômetros e desemboca no Negro, pela sua margem direita três milhas acima de Airão, com uma largura de 400 metros. Sua foz é um grande igapó arenoso revestido de vegetação rala (Glycon de Paiva). Seu maior contribuinte é o Carabinani, que tem 250 quilômetros, seguindo o rumo geral do nordeste. O rio coleante forma acima quedas dágua e cachoeiras rumorosas. Discorre sôbre lagedos. O desnível é mais ou menos quinze metros. Sua confluência com o Jaú se faz a doze quilômetros acima da foz.

Clima — O clima é quente e úmido, sujeito a muitas chuvas. A pluviosidade no rio Negro é tamanha que raramente se passa uma semana sem que não caia chuva torrencial, ou uma tempestade passageira. Wallace se deliciava com as pancadas d'água que desabavam fragorosas e logo cessavam, ficando o céu lavado, lúcido, azul, magnífico.

Na sede do Município goza-se saúde, não se podendo dizer a mesma coisa em outros pontos, onde pululam os

pauis, poços de águas pútridas, lagoas miasmáticas, constituindo focos de malária principalmente. Quando as águas começam a descer, arrastando a lama das margens e milhares de detritos, aparecem a gripe, as febres, as desinterias e vários males. Não há médico, nem farmácia, mas as reduzidas casas comerciais ostentam preparados vindos de Manaus, ou do Pará. Café beirão, pílulas de Ross, Elixir de Nogueira e outros preparados farmacêuticos. O médico da terra é o pagé, o curandeiro, que não falta nestes aglomerados humanos, com tizanas das flôres, cascas e raízes da flora, sinapismos, sangria.

Aparecem opilados, febrentos, reumáticos, organismos caquéticos, hidrópicos etc. A gripe então é um horror, ataca o habitante e o deixa prostrado. O caboclo é muito sensível às febres catarrais.

Muitos morrem por falta de cuidados e pela ausência de qualquer preceito de higiene. Conversa, aperta a mão, cochicha com o tubérculo, come com êle, sem se aperceber do mal que o rodeia. Faz esfregações de sêbo de carneiro para curar-se do reumatismo. Queima excremento de boi para limpar os ares. Mas, o maior mal é a subnutrição. Em geral os pobres se alimentam mal, insuficientemente. Quando Juiz de Direito da Comarca do Rio Negro, àquele tempo com sede em Moura (extinta), convidava-se um parente ou amigo para jantar um socó. Imagine-se o que seria êsse jantar para uma família e um conviva. É certo que há peixe, porém o peixe não é tão fácil de pescar em certa época do ano. Ademais, o rio Negro é faminto, isto é tradicional, segundo opinião que vem de Alexandre Rodrigues Ferreira e de todos que perlustram as águas dêste monumental rio. Gastão Cruls comenta a miséria do rio, mas Wallace diz que com um punhado de patrícios laboriosos, com algum recurso teria no rio Negro um paraíso, construindo casas tropicais e formando com pouco trabalho um Eden onde nada faltaria. Come-se papagaio, periquito,

tucano, pomba-juriti, gaivota, ovos de tracajá, iaçá, tartaruga quando é época, no verão. Fazem bebidas do suco do açaí, da bacaba, do cajá ou taperebá, do genipapo. Os chegados por parentesco ao índio, comem tudo até lagartos, e devoram as frutas verdes. É coisa real a falta de frutas; nem a banana, que não dá trabalho, se cultiva a não ser num ou noutro ponto. O que campeia no rio Negro é a miséria, miséria grossa, resultado da preguiça, da madraçaria em que vivem êsses povos. É uma lástima.

A temperatura oscila entre 27 e 28°, quando não atinge 30 e mais.

Para minorar o calor os moradores banham-se várias vezes ao dia, mesmo que estejam suados. Para acalmar a febre da gripe muitos se lançam ao rio.

Os que têm mais recursos tomam o seu café, o seu chá, o seu chocolate com bolachas vindas da Casa "Rosas" ou da mercearia e padaria do José Grosso, homem ativíssimo e empreendedor, simpático e educado no trato. O chocolate é muito apreciado, preparam-no êles mesmos com o caccu, que viceja pelos barrancos do rio e o café nas restolhadas dos matos, cujos grãos tiram, secam e preparam. O açúcar quando falta é substituído pelo mel de cana, que também dá a cachaça, bebida que faz as delícias do povo. Um trago para esquentar as guelas, e viram o copo. Antigamente fabricava-se o licor da cana, do genipapo, e até do beiju. Êstes beijus são os biscoitos em voga, há os grandes de massa de mandioca, chamados beiju-guaçu, e há os finos, delicados, como há as tapiocas do polvilho extraído da raiz. Os molhos são tirados da mandioca, e são realmente gostosos. É apreciável o tucupi.

Sempre que há festas, de santo, ou aniversário de família os beijus entram em ação, delgados, espêssos, grandes e pequenos.

O vapor da linha Manaus-Santa Isabel, atual Tapuruquara, traz o café, o chá. Entre êles usa-se muito o chá de fôlhas de laranjeira, ou de cidreira, que não custa dinheiro e é achado perto nos quintais, onde abre-se em cachos, o açafrão ou urucu, de sementes vermelhas, berrantes, de que se tisnavam os autoctones e gisavam riscos e desenhos pelo corpo. Hoje, verdade seja dita, não existe mais grotescas pinturas, nem as máscaras, os mantos de embiras e entrecascas de árvores que apareciam nas danças e no entrudo. Os índios travestiam-se de bichos : tamanduá, onças pintada e suçuarana, caititu, peixe-boi ou lontra etc.

Só nos altos rios se vêem essas figuras grotescas, sensuais, porejando suores fétidos e hálito de bebidas fermentadas. Pode dizer-se que em Airão já entrou a civilização e o tempo vai varrendo estas doidices próprias do gentilismo bárbaro. Hoje é a polca, a valsa, o tango requebrado, a ciranda, a quadrilha, que agitam a massa nos bailes, nas festas chamadas de sítio. Tôda a habitação desgarrada dos povoados, a orla da floresta, é chamada — sítio tradicionalmente. Surge o clarinete, o violão, a flauta, o bombo e a orquestra está feita; os pares volitam, ondeiam, voltejam, saracoteam ao calor das bebidas. Depois a ceia de tambaqui, do matrinchão, do surubim, do tracajá, regada a aguardente.

As damas se apresentam ao rigor da moda. Ninguém pense que as filhas do rio Negro, as cunhãs, as cunhatãs não gostam da moda. Procuram sondar os figurinos, saber dos vestidos modernos, das filigranas, dos enfeites. Tôdas gostam de arrecadas, transelins, cordões de ouro, pulseiras, cabelo curto, ademanes, pós, fugina nos lábios, cheiros sensuais e alucinantes de pacova-catinga, de puxuri, do cumaru. As côres : vermelho, côr de rosa, amarelo, tecidos listrados. Pente fino ao cabelo. A jovem está sempre ao par da moda de Manaus.

Em Airão a água é apanhada no rio, posta no pote ou quartinha e bebida na mesma hora; alguns por cautela depositam no fundo do pote um bloco de enxofre para limpá-la. Outras passam-na por um pano transparente, como se fazia em Barcelos, segundo narra o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. São bons nadadores, e nisto de guiar canoas ou motores no turbilhão de águas negras, são destros. Águas, que apesar da côr preta, que mostram na superfície, são, como diz Carlos Von don Steinem, "feridas com o remo representam finíssimos cristais, que se quebram".

REINO VEGETAL — A magnificência da vegetação do rio Negro é indiscutível, ela abrange uma vasta extensão, como parte integrante da do Amazonas, como talvez não se depare igual no mundo inteiro. Isto está na consciência dos naturalistas, dos botânicos, dos viajantes, que têm estado nesta parte da América e ficam deslumbrados ante a visão assombrosa da floresta, sua diversidade de espécies, sua grande densidade, seu teor impressionante, sua fabulosa complexidade. Não é possível descrever numa breve noção os diversíssimos tipos da alucinante flora, que congloba o vale do Amazonas. Seria tarefa para cientistas experimentados, dos amigos da natureza vegetal, dos consumados estudiosos da matéria.

Seria criancice querer enumerar êste estonteante parque, discriminando-lhe os seus povoadores vegetais. O do rio Negro não faz exceção à regra, é monstruoso no sentido extensão, é belo e majestoso, é um mundo nos contornos infinitos. Aí estão o que há de belo, de típico, de fenomenal de grande e estravagante, de curioso e de estranho. Há algumas que são inteiramente amazônica, que só as terras, as águas e os ventos produzem para deslumbramento humano como exclusivamente hileanas: inajá, paxiúba, cumaru, caucho e raras outras. Atraem a atenção pelas enormes raízes e estravagância de sua conjuntura o referido caucho e as guariúbas, em que um homem pode se esconder entre as

sapopemas, como o castanheiro, a sumaumeira e outras; árvores de raízes vermelhas no meio do verde ondeante: guariúba e outras, e as há de tronco esburacado, de estipite liso, nodosos, rugosos, enfim com características diferentes. Segundo o saudoso botânico Adolfo Ducke, "a flora do rio Negro é sem igual na Amazônia, quanto a número e beleza de flôres".

Há certas épocas em que o rio de águas escuras se embeleza, se engrinalda, se veste de pompas; as árvores parecem sorrir na desenvoltura de suas copas, no enfloramento dos seus galhos e ramos.

Há uma reverberação por todos os lados na muralha florestal. Tons garridos, notas álacres, manchas veludosas, coloridos diferentes, aqui esmaecido, ali vibrante, além carregado. Parece uma festa, um hino da natureza, um cântico pagão, que as flôres despertam nesses bosques sagrados. Parar, ver, sentir, penetrar-se dessa floração estupenda, dêsse enleio magnético, dessa orgia delirante. Lugar saliente nessa aleluia de fôlhas e de flôres têm as palmeiras, de todos os tamanhos, de recortes aprimorados e sutis desenhos de deuses.

REINO ANIMAL — A suntuosidade vegetal casa-se com a variedade de animais, que cruzam as florestas, dos milhares de pássaros canoros, das centenas de aves, que murmuram nas capoeiras ou nas matas virgens o seu canto, o seu hinário.

O canário, o sofreu, o japiim, o sabiá, o galo-de-campina, o rouxinol e muitos outros elementos da ave-fauna do Amazonas e rio Negro estão presentes no seu côro, nos seus carmes, nos seus gorgeios líricos. Há dança de urubus, há brigas de tucano, há poesias recitadas nas alfombras das matas, há gritos desesperados de arapongas, regougar de urutus, os rumores gritantes dos mutuns, o pio dorido da juriti, a queixa do caboré, o esvoaçar sinistro das corujas e

das almas-de-gato pelas estradas ermas. A coruja, o curujão, o noitibó. O mais notável animal que se encontra nas selvas de Airão é a anta, pelo tamanho, corpulência e fôrça. Os habitantes do Município são mais amigos da pesca que das caçadas, mato em fora.

REINO MINERAL — Sabido é até ao presente que não há minas de ouro, prata e outros metais preciosos, que não pedras preciosas ou semi-preciosas, que não há ganga nenhuma aurífera, mas, a julgar pelas proximidades de Manaus, em que está, é de presumir com fundamento, que, nas entranhas de seu solo, carvão de pedra, ulha, antracita, ferro e calcáreo.

LÍNGUA — A língua falada em todo o município é o português, não assim antigamente, em que se ouviam a língua geral e alguns dialetos tupis. Ainda hoje se usa em São Gabriel, ex-Uaupés, a língua geral, principalmente da parte das mulheres, que prezam o seu vocabulário nas conversações familiares. O português que manejam vem eivado da influência da referida língua geral, expressões que desabrocham naturalmente. E não é só isto, os costumes antigos vêm à tona a todo momento, os dizeres, a alimentação e muitos outros hábitos se observam entre as famílias que habitam o rio Negro.

RELIGIÃO — O catolicismo entranhou-se na vida das gentes neste imenso curso d'água desde séculos. Quando o Bispo D. Antônio Brandão em 1785 andou por essas paragens até Lamalonga, as populações ribeirinhas, sabedoras da viagem do respeitável antístite, estavam na praia a recebê-lo com cânticos, rezas, benditos, preparando arcos de murta para por debaixo dêles passar o venerando pastor da igreja, e eram missas, confissões, batizados, crisma, e fervor cristão espalhando-se. Saindo de Manaus, relata o Bispo, depois de violentas tempestades, chegou ao lugar de Airão numa tarde, a povoação iluminada, e a gente na praia esperando, e feita a oração, prosseguiu viagem.

RAÇA — A população de Airão deriva dos povos antigos do rio Negro, do Jauaperi, de Moura, de Manaus, e foram os Ariaiais, os Uaimiris, os Manau, principalmente que dominavam o rio, povos que deixaram uma tradição de antropofagia, de bravura e heroicidade. O povo Manau ia até pouco abaixo de Barcelos.

PRODUÇÕES NATURAIS — Madeira, fibras, cascas da flora, resinas, óleos de tamaquaré, copaíba, andiroba, bálsamos de agapui, salsaparrilha, favas cheirosas de emprêgo na medicina, gengibre, breu, uaicima e diferentes outros produtos como couros, peles, goma. A borracha é pouca no Município, como a castanha.

A tartaruga é abundante nos lagos e rios dêste Município, havendo também muito peixe.

De informações dos filhos de Airão, sabemos que nas águas se encontra o cabeçudo matamatá, animal disforme, feio e até repugnante pela conformação. Parece um tipo ante-diluviano da espécie, mas de gôsto e sabor agradável, como é a carne da tartaruga, de que o caboclo se lambe ao tirá-la da panela, ou comê-lo assado, na brasa, depois de certa operação de tirar-lhe o bucho e o fel.

PRODUÇÕES INDUSTRIAIS — Estas são poucas, dado o estado de atraso da população e das condições dos moradores, em geral pobres, em meio a riqueza do solo e das águas. E' um reduto eleitoral e lá quem manda é o sr. Bezerra, que com o seu irmão, já falecido, explorou os rios e lagos, possui latifúndios, seringais, castanhais, criação de gado e é o maior exportador de borracha e castanha, cidadão aliás prestadio e educado, o homem representativo da localidade e chefe político de largo prestígio.

Como produção industrial da zona aparecem os couros, peles, azeite vegetal, fibras, abanos, vassouras, elementos

medicinais, aromáticos sensuais, orquídeas já amarradas em tocos para enfeite das casas ricas, e pedras de amolar.

A navegação a vapor no rio Negro data de 1854, quando Irineu Evangelista de Sousa, na direção da Companhia de Navegação gizou uma linha de vapor no dito rio até o burgo português Santa Isabel, atual Tapuruquara. Como à época se tratava de evitar dois e mais nomes iguais de localidades, Santa Isabel virou aquêle designativo feio e cheirando a tapuru.

Antes do barco a vapor singrar as águas do rio, nêle giravam as pirogas, as canoas, a remo ou a vela.

A guarnição dos primeiros vapores, além das informações de que o rio é cheio de baixios e bancos de areia, na vazante, com paranás infinitos, em imaginação sentia-se na carne atingida por uma ponta de flecha. Sabe-se que um barco, uma vez, foi abordado pelos índios do Jauaperi, havendo mortes.

O primeiro afoito que se fêz em viagem ao rio, indo até o Cabori, foi o alferes Guilherme Valente, da guarnição da Fortaleza da Barra (hoje Manaus), viagem feliz que lhe valeu um namoro com uma das filhas de um morubixaba com a qual se casou.

MEIOS DE TRANSPORTE — São os das estradas que andam, isto é, das águas correntes. Não há ainda carreira de avião deslumbrando os nativos, fazendo-os olhar para o céu incrédulos e embasbacados. O remo, eis o instrumento, e a montaria, quando não a igarité, impulsionadas a braço pelos homens trigueiros, é o veículo. O rico possui o motor ligeiro.

Fazia as viagens mensais no rio o "Inca", o saudoso "Inca" de prôa chata, de roda a pôpa, rumoroso e ronceiro, gemendo por êste mar com o seu apito clamoroso de mutum, chanfrando as águas babilônicas. Em Moura e outras lo-

calidades já se sabia a demora e a volta, e muita gente ficava a olhar o horizonte até que o gaiola apontava na altura do rio Branco e era um gôsto vê-lo e logo a velha cidade corria a ver o "Inca", que chegava bojando espuma. Logo iam as canoas com produtos para embarcar, e comprar alguma coisa, açúcar, café, bolachas, a caninha, a carne sêca Isto na ida e na volta.

Obras do mesmo Autor:

PANORAMAS AMAZÔNICOS. I — Coari.

MANACAPURU — Separata do volume II da "Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas".

PANORAMAS AMAZÔNICOS. II — Codajás.

A INTELECTUALIDADE NO EXTREMO NORTE. (Contribuições para a História da Literatura no Amazonas).

PANORAMAS AMAZÔNICOS. III — Tefé.

PANORAMAS AMAZÔNICOS. IV — Moura.

PANORAMAS AMAZÔNICOS. V — São Paulo de Olivença.

PANORAMAS AMAZÔNICOS. VI — Benjamin Constant.

MUNICÍPIO DE URUCURITUBA. VII — Separata da revista "Arquivos", publicação da Associação Comercial do Amazonas.

ITACOATIARA. — Estudo Social, Político, Geográfico e Descritivo (Da série PANORAMAS AMAZÔNICOS). Publicada sob os auspícios da Associação Comercial do Amazonas. 1948.

ASPECTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS DO AMAZONAS.

O AMAZONAS, SUA HISTÓRIA. (Ensaio Antropogeográfico e Político).

Esta obra foi executada nas oficinas
da Editôra Sergio Cardoso, Rua
Joaquim Sarmento, 78 — Manaus,
para o Govêrno do Estado do
Amazonas

TRÊS MUNICÍPIOS AMAZONENSES

O escritor Anísio Jobim, neste seu novo livro, ocupa-se de três dos mais antigos municípios amazonenses, a êles dedicando substancioso e bem fundamentado estudo.

Essas unidades municipais são as de Barcelos, São Gabriel e Airão, das quais traça o autor pequeno esbôço, onde clima, superfície, limites, situação geográfica, homens, etc. são analisados demoradamente, fornecendo-nos o historiógrafo dados precisos sôbre sua fundação, seu desenvolvimento, sua produção, seu comércio, aspecto étnico da sua população e outras informações tão necessárias e importantes para quem se dedica aos estudos da nossa formação histórica e social.

UM LANÇAMENTO DO GOVÊRNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Btca

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA